

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CIPEAD – UFPR

KELLY CRISTINE TANANUSKA

O DISCURSO EXISTENCIALISTA EM SALA DE AULA.
As Questões Existenciais do Mundo Adolescente Através de Videoclipes

PARANAGUÁ
2015

KELLY CRISTINE TANANUSKA

O DISCURSO EXISTENCIALISTA EM SALA DE AULA.

As Questões Existenciais do Mundo Adolescente Através de Videoclipes

Monografia apresentada junto ao Curso de Pós-Graduação *Latu senso* em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio, da Universidade Federal do Paraná, na modalidade de ensino a distância, na área de Filosofia, como requisito à obtenção do título de Especialista.

Orientador: PROF. DR. LEANDRO NEVES CARDIM

PARANAGUÁ

2015

Dedico esse trabalho a todos os meus alunos que me direcionaram no tema dessa pesquisa, durante nossas conversas entre uma aula e outra. A todos que almejam encontrar respostas. A todos que um dia se questionaram sobre o porquê de algumas coisas que aparentemente não apresentavam solução. Que a Filosofia possa ser a luz inicial do esclarecimento.

AGRADECIMENTOS

O que seria de mim sem a luz que me acompanha. Apesar dos momentos tumultuados, meus mentores espirituais não me abandonam, portanto, tenho muito a agradecer à Espiritualidade pelas orientações e intuições, na vida e no desenvolvimento desse trabalho.

Aos meus pais e demais familiares, pela paciência durante o processo e desenvolvimento deste trabalho. Não foi fácil conviver comigo nesse período.

Ao orientador Prof. Dr. Leandro Neves Cardim, pelas correções e incentivos que colaboraram para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada pela orientação que me fez acreditar no meu potencial acadêmico.

Ao tutor à distância Prof. Me. Anderson Bogéa da Silva pelas correções, observações e incentivo durante os módulos do Curso.

Para escrever sobre adolescentes, é necessário conviver com eles. Obrigada Letícia e Victória. Voltei a ser adolescente em nossas inúmeras conversas.

Às minhas amigas Erinice, Franciele, Bianne, Lorena e Leilane, pela paciência, pelo incentivo, pelo tempo em ouvir minhas frustrações. Peço desculpas pela ausência. Erinice, muito obrigada pela orientação inicial, suas observações foram cruciais para a continuidade da pesquisa. Obrigada meninas!

Aos meus amigos Gabriel e Anderson pelas conversas filosóficas movidas a chá e pelo *upgrade* musical. Gabriel, obrigada por me ajudar na seleção dos vídeos e pelo incentivo.

Ao amigo Wanderlem Junior, que me ajudou a encontrar coerência nas partes musicais do texto.

Ao amigo “Jedi” Daniel pelas conversas filosóficas, existenciais e espiritualistas.

Aos meus alunos do nono ano, de 2015, da Escola RM, que iniciam a sua fase mais questionadora e conflituosa. Obrigada por me auxiliarem na elaboração de um dos capítulos. Sei que as dúvidas continuarão, mas o Ensino Médio trará ferramentas para que encontrem algumas das respostas. Vocês tem o suporte para o processo filosófico. Eu acredito em vocês!

E não posso deixar de agradecer a um amigo que não está mais por perto, mas me auxiliou com as poucas conversas filosóficas e esclarecedoras. Que a força sempre esteja com você!

Enfim, agradeço a todos que me auxiliaram, direta ou indiretamente, pois sem o auxílio de vocês eu não conseguiria chegar até aqui. Obrigada!

“A Filosofia aparece a alguns como um meio homogêneo: os pensamentos nascem nele, morrem nele, os sistemas nele se edificam para nele desmoronar. Outros a consideram como certa atitude cuja adoção estaria sempre ao alcance de nossa liberdade. Outros ainda, como um setor determinado da cultura. A nosso ver, a Filosofia não existe; sob qualquer forma que a consideremos, essa sombra da ciência, essa eminência parda da humanidade não passa de uma abstração hipostasiada.”

JEAN- PAUL SARTRE

RESUMO

O principal objetivo dessa pesquisa é a sensibilização dos alunos de Ensino Médio para a construção de problemas filosóficos através de vídeos musicais que expressem temas existencialistas. As questões existencialistas fazem parte do cotidiano dos alunos de Ensino Médio, portanto o direcionamento específico à corrente filosófica do Existencialismo. Para a elaboração dessa pesquisa foram analisados alguns questionamentos de alunos da faixa etária de quatorze a quinze anos. A vivência dos adolescentes foi relacionada aos conceitos de liberdade, responsabilidade, dimensão corporal e sexualidade. Como embasamento teórico, foram analisados os mesmos conceitos nas obras de Jean Paul Sartre. Pretende-se com essa pesquisa fundamentar uma sugestão de metodologia de ensino que torne a Filosofia mais próxima ao contexto dos adolescentes. Para ilustrar essa metodologia são propostas duas aulas de Filosofia para o Ensino Médio, seguindo os quatro pilares estruturais sugeridos por Silvio Gallo: sensibilização; problematização; investigação e conceituação.

Palavras-chaves: Educação; Filosofia; Existencialismo; Sartre, J.P.; Adolescência; Liberdade; Responsabilidade; Corpo; Sexualidade; Metodologia; Videoclipes.

ABSTRACT

The main objective of this research is the awareness of high school students to build philosophical problems through music videos expressing existentialist themes. The existentialist questions are part of the high school students of daily life, so the specific direction to the philosophical movement of Existentialism. For the preparation of this research were analyzed some students questioning the age of fourteen to fifteen years. The experience of adolescents was related to the concepts of freedom, responsibility, body size and sexuality. As a theoretical background, the same concepts in the works of Jean Paul Sartre were analyzed. The aim of this research support a suggestion of teaching methodology that makes the closest Philosophy context of adolescents. To illustrate this methodology are proposed two philosophy classes for high school, following the four structural pillars suggested by Silvio Gallo: awareness; questioning; research and conceptualization.

Key-words: Education, Philosophy, Existentialism, Sartre, J.P., Adolescence, Freedom, Responsibility, Body, Sexuality, Methodology, Videoclips

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 – Propaganda 1: “ <i>there’s nothing better than a good lie</i> ”.....	51
Imagem 02 – Propaganda 2: “ <i>Aim Higher</i> ” – aspire; almeje mais alto.....	51
Imagem 03 – Propaganda 2: “ <i>Get Louder</i> ” – fique mais alto.....	51
Imagem 04 – Propaganda 2: “ <i>Be Somebody</i> ” – seja alguém.....	52
Imagem 05 – Propaganda 2: “ <i>Enjoy</i> ” – aprecie.....	52
Imagem 06 – Propaganda 2: “ <i>Forever</i> ” – para sempre / “ <i>Lies</i> ” – mentiras.....	52
Imagem 07 – Propaganda 3: “ <i>Buy Me</i> ” – me compre.....	52
Imagem 08 – Propaganda 3: “ <i>Love Me</i> ” - me ame.....	52
Imagem 09 – Propaganda 3: “ <i>Own me</i> ” – me possua.....	52
Imagem 10 – Propaganda 3: “ <i>Use me</i> ” - me use.....	52
Imagem 11 – Propaganda 3: “ <i>Sweet Little Lie</i> ” - doce mentirinha.....	52
Imagem 12 – Propaganda 3: “ <i>Crazy!</i> ” - Louco (a)	53
Imagem 13 – Propaganda 1: “ <i>Ugly?</i> ” – feia (o)?.....	53
Imagem 14 – Propaganda 2: “ <i>worthless!</i> ” – inútil!.....	53
Imagem 15 – Propaganda 4: “ <i>Lies – follow your passion</i> ” - mentiras: siga a sua paixão.....	53
Imagem 16 – vida real: solidão.....	54
Imagem 17 – vida real: solidão.....	54
Imagem 18 – vida real: corte / tesoura.....	54
Imagem 19 – vida real: solidão / boneca.....	55
Imagem 20 – vida real: padrões / diálogo.....	56
Imagem 21 – vida real: reflexão / espelho.....	56
Imagem 22 – vida real: reflexão / espelho.....	56
Imagem 23 – vida real: reflexão / banheira.....	57
Imagem 24 – vida real: sofrimento.....	57
Imagem 25 – despertador / início do dia.....	59
Imagem 26 – rotina matinal.....	59
Imagem 27 – rotina no trabalho.....	59
Imagem 28 – rotina noturna / final do dia.....	59
Imagem 29 – “ <i>I hate my life</i> ” / rotina no trabalho.....	59

Imagem 30 – “lose weight...” / a solução?.....	59
Imagem 31 – o despertar.....	60
Imagem 32 – a vista para o mar.....	60
Imagem 33 – “to do list”.....	60
Imagem 34 – flash 1.....	61
Imagem 35 – flash 1.....	61
Imagem 36 – flash 2.....	61
Imagem 37 – flash 2.....	61
Imagem 38 – flash 3.....	62
Imagem 39 – flash 3.....	62
Imagem 40 – flash 4.....	62
Imagem 41 – flash 4.....	62
Imagem 42 – “more pills”	62
Imagem 43 – <i>Only you can free yourself</i>	62
Imagem 44 – colegas fúteis.....	63
Imagem 45 – <i>Take back your life</i>	63
Imagem 46 – papéis ao alto.....	63
Imagem 47 – fax ao chão.....	63
Imagem 48 – a fuga.....	64
Imagem 49 – <i>one-way ticket to Barbados</i>	64
Imagem 50 – a travessia.....	64
Imagem 51 – 2late.....	64
Imagem 52 – nudez da alma.....	66
Imagem 53 – fênix.....	66
Imagem 54 – <i>eu já morri umas quatro vezes [...]</i>	67
Imagem 55 – <i>[...] ainda me restam três vidas</i>	67
Imagem 56 – nova vida.....	67
Imagem 57 – <i>SETEVIDAS</i>	67
Imagem 58 – <i>EXIT</i>	69
Imagem 59 – hall / porta aberta.....	69
Imagem 60 – escritório.....	69
Imagem 61 – o protagonista da história.....	69
Imagem 62 – olhar.....	70
Imagem 63 – elevador.....	70

Imagem 64 – água.....	71
Imagem 65 – desconforto.....	71
Imagem 66 – individualismo.....	71
Imagem 67 – patriotismo.....	71
Imagem 68 – vestido verde.....	71
Imagem 69 – saltos vermelhos.....	71
Imagem 70 – <i>happy hour</i>	72
Imagem 71 – <i>pole dance</i>	72
Imagem 72 – estranhamento.....	72
Imagem 73 – brinde à vida noturna.....	72
Imagem 74 – colegas de trabalho.....	73
Imagem 75 – amizade <i>cross-dressing</i>	73
Imagem 76 – lembrete.....	73
Imagem 77 – um basta.....	74
Imagem 78 – grampeador.....	74
Imagem 79 – papéis ao chão.....	74
Imagem 80 – <i>cross-dressing</i>	74
Imagem 81 – <i>EXIT</i>	74
Imagem 82 – liberdade.....	74
Imagem 83 – amigos <i>cross-dressing</i>	74
Imagem 84 – Kiesza.....	75
Imagem 85 – a travessia.....	75

SUMÁRIO

Introdução	10
1. O universo filosófico em sala de aula	13
1.1 O que é filosofia?.....	15
1.2 A didática filosófica.....	19
2. O universo existencialista em sala de aula	28
2.1 O existencialismo: breve conceituação.....	30
2.2 As questões existencialistas em sala de aula.....	34
2.2.1 A inconstância adolescente: os principais questionamentos dos jovens.....	36
2.2.2 A inconstância adolescente e o existencialismo: uma ponte com a filosofia....	39
2.3 O existencialismo e a música.....	41
3. Os recursos auxiliares no ensino de filosofia	42
3.1 Ensinando filosofia com música.....	44
3.2 Ensinando filosofia através de vídeos.....	46
3.2.1 Relacionando as imagens e a letra da música com os conceitos existencialistas	47
3.2.1.1 <i>Everybody's Fool</i> – Evanescence.....	49
3.2.1.2 <i>I Could Be The One</i> (Nicktim) – Avicii e Nicky Romero.....	58
3.2.1.3 <i>SETEVIDAS</i> – Pitty.....	65
3.2.1.4 <i>Giant In My Heart</i> – Kiesza.....	68
4. Uma proposta metodológica: modelo de plano de aula	76
4.1 Proposta Metodológica.....	77
4.2 Proposta de Plano de Aula para o Ensino Médio.....	78
AULA 1.....	79
AULA 2.....	85
Conclusão	93
Referências	97
Referências / Vídeos	102
Anexos	103

INTRODUÇÃO

Algumas questões filosóficas estão presentes no cotidiano dos adolescentes. A partir da inserção definitiva e obrigatória da disciplina de Filosofia no currículo do Ensino Médio, a angústia existencial e conflitante do universo juvenil, passa a ter um referencial teórico, ainda que limitado temporalmente pelo ambiente escolar. Nem todos os jovens têm um contato prévio com o ambiente filosófico, devido à obrigatoriedade do ensino da disciplina ser apenas para o nível médio, na faixa etária dos quinze aos dezessete anos. A adolescência (faixa etária correspondente dos treze aos dezenove anos) é uma fase conflitante de transformações, é o abandono da inocência pueril e a aventura do desconhecido. Inúmeras questões fluem nas mentes angustiadas dos jovens, e na tentativa de sanar as suas dúvidas, buscam no outro um reflexo daquilo que querem enxergar neles mesmos. Encontram-se em grupos que refletem as mesmas indagações, e suas atitudes muitas vezes são consideradas inadequadas para o restante da sociedade, aquele grupo que desponta como o correto, ou seja, adultos moralmente responsáveis e éticos. Os jovens buscam a liberdade, mas não entendem o processo pela qual estão passando. Suas atitudes, muitas vezes, são impulsivas. No entanto, alguns de seus questionamentos podem ser sanados através da filosofia.

A filosofia pode tornar-se uma disciplina atraente, mesmo que os jovens estejam mergulhados em um mundo onde as relações são virtuais. Para os filhos da geração tecnológica e globalizada o ambiente escolar é retrógrado e o ato de pensar não é tão valorizado, pois exige tempo, leitura e reflexão. Para que os alunos se interessem por algo diferente da sua realidade, faz-se necessário apresentá-la de uma forma mais sedutora, utilizando recursos que estejam mais próximos ao universo em que estão inseridos, com o objetivo de facilitar a assimilação dos conteúdos ministrados pelas disciplinas ofertadas na Escola. O universo adolescente é repleto de colapso que se expressa através da vibração sonora. Melodia. Música. Videoclipes. A aula de Filosofia pode tornar-se ainda mais interessante utilizando a música como recurso pedagógico. Além de auxiliar na aplicação de conteúdos, as histórias presentes nos vídeos musicais podem suscitar um pensamento filosófico.

O presente estudo propõe analisar videoclipes correlacionando-os com textos filosóficos que apresentem os mesmos questionamentos do universo adolescente. Os temas não serão tratados em termos das inúmeras correntes da Filosofia, mas especificamente sob a

visão do Existencialismo. Por meio da sensibilização do vídeo, o aluno poderá ser incentivado a problematizar os seus questionamentos. E posteriormente, será apresentado ao universo filosófico, constatando que seus questionamentos foram alvo de pesquisa de alguns filósofos. A partir desse primeiro contato, poderá então, reconstruir o seu pensamento e criar os seus próprios conceitos.

A justificativa dessa pesquisa é a aproximação do universo filosófico ao universo juvenil. As questões existencialistas fazem parte do cotidiano dos alunos de Ensino Médio, portanto o direcionamento específico à corrente filosófica do Existencialismo. E estimular os jovens a expressar seus questionamentos internos, muitas vezes camuflados pela forma como se manifestam publicamente, pode ser o estopim para um pensamento filosófico.

O principal objetivo do estudo é: sensibilizar os alunos para a construção de problemas filosóficos através de músicas e vídeos que expressem temas existencialistas. Os objetivos específicos são: [1] abordar algumas questões existencialistas do universo juvenil em sala de aula; [2] Correlacionar as questões dos jovens com o pensamento filosófico da corrente existencialista; [3] Incentivar a reflexão autônoma do aluno proporcionando a problematização das questões e a criação de conceitos a partir da sensibilização filosófica; [4] planejar um modelo de ação pedagógica que possa servir de exemplo para a elaboração de estratégias multidisciplinares a ser aplicada em sala de aula.

Para a concretização desse estudo foi necessário realizar uma pesquisa dos principais conceitos da Escola Existencialista, por meio de livros e artigos da área filosófica e educacional. Além de analisar alguns videoclipes com conteúdo existencialista, que podem ser apresentados para a faixa etária em questão. O recurso audiovisual foi correlacionado com temas abordados por filósofos existencialistas. Para facilitar o andamento da pesquisa, a angústia existencial e conflitante presente nos principais questionamentos e sentimentos vivenciados pelos adolescentes, foram enquadrados nos seguintes conceitos: [1] liberdade, [2] responsabilidade, [3] dimensão corporal e [4] sexualidade. Os principais conceitos analisados concentraram-se nas ideias de Jean Paul SARTRE. A metodologia empregada para responder estes temas existenciais e construir uma ação pedagógica que possa ser aplicada em sala de aula, seguem os quatro passos estruturais de uma aula de filosofia, sugeridos por Silvio GALLO: [1] sensibilização, [2] problematização, [3] investigação e [4] conceituação. Sensibilizar o aluno através do videoclipe; problematizar o tema, possibilitando aos alunos colocar em questões aquilo que foi apresentado no vídeo; investigar o tema através da história da filosofia, possibilitando o acesso a textos filosóficos que abordem o problema; e conceituar o tema, ou seja, recriar conceitos, refazendo os passos do pensamento do autor, ou através da

sua sensibilização, criar o seu próprio conceito, encontrando outro meio de responder ao questionamento original. Finalizando, com o registro escrito da sua experiência filosófica. Tal procedimento incentivará o aluno a começar sua autonomia de pensamento.

A pesquisa foi dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo “O universo filosófico em sala de aula” será apresentada a identidade da Filosofia através da clássica questão “o que é filosofia?”, o seu significado etimológico e como se constitui em uma atividade reflexiva. Em seguida será abordado o ensino de filosofia, explanando sua importância dentro do contexto escolar e mencionando as principais metodologias aplicadas para a mediação da disciplina.

No segundo capítulo “O universo existencialista em sala de aula”, será apresentada uma breve conceituação do Existencialismo, contextualizando o surgimento dessa escola filosófica e apresentando alguns autores como Kierkegaard e Sartre. Em seguida o foco será explicar como as questões existencialistas estão inseridas no contexto escolar, apontando os principais questionamentos dos adolescentes e fazendo uma ponte com a filosofia, correlacionando os conflitos existenciais dos jovens com os principais conceitos do Existencialismo. A última parte do segundo capítulo apresentará o existencialismo presente nas músicas, enfatizando os videoclipes com conteúdos existencialistas.

No terceiro capítulo “Os recursos auxiliares no ensino de Filosofia”, será abordado a multidisciplinaridade da Filosofia que pode empregar em sua metodologia o uso de recursos auxiliares de outros campos do saber, tais como o cinema, a música, as artes plásticas, a poesia e outros. O foco será explicar como a música pode contribuir para o ensino de Filosofia, aproximando a disciplina ao contexto dos jovens. E direcionando para a problemática da pesquisa que é o uso de videoclipes em sala de aula como sensibilização para o pensamento filosófico e como correlacionar as imagens e as letras das músicas com os conceitos existencialistas.

O último capítulo apresenta uma proposta metodológica, uma sugestão de plano de aula de Filosofia para o Ensino Médio, elaborado a partir da estrutura proposta por Silvio GALLO: [1] sensibilização, [2] problematização, [3] investigação e [4] conceituação. Tal estruturação tem como objetivo incentivar a sensibilização filosófica, conduzindo o educando a alcançar a sua autonomia.

Para lecionar filosofia é necessário arrebatá-lo, para que ele perceba que a disciplina está além do simples ato de decorar filósofos e suas correntes filosóficas, ou apresentar uma resposta sem argumentos nas avaliações, acreditando que em Filosofia pode se escrever uma infinidade de coisas desde que se escreva alguma coisa para obter nota. O ato de

filosofar torna o jovem mais preparado para assumir seu papel na sociedade e compreender e encontrar respostas para seus próprios questionamentos torna-se inevitável para a formação de um indivíduo capaz de argumentar sobre a própria existência.

1. O UNIVERSO FILOSÓFICO EM SALA DE AULA

Alguns ainda pensam que o universo filosófico só pode ser encontrado nos livros acadêmicos. Em um curso superior, especializações e afins. Que tal conhecimento é destinado apenas ao pequeno círculo erudito de pessoas de classes abastadas, com condições para adquirir centenas de livros e frequentar cursos de filósofos e estudiosos contemporâneos. Que filosofar é perda de tempo e que filósofos são distraídos, fazem questionamentos estranhos, dizem coisas incompreensíveis e que sua atividade reflexiva é completamente inútil. Refletir exige tempo e tempo é dinheiro. E dinheiro consegue-se apenas com o suor da labuta. Pensamento ínfimo e retrógrado, reflexo do capitalismo vigente em nossa sociedade, que preza pelo emprego técnico e especializado.

No entanto, a filosofia está mais próxima de nossas realidades do que muitos imaginam. O ato de filosofar está presente em nosso cotidiano. Podem-se evidenciar traços filosóficos em atitudes corriqueiras: sentimos afeição por coisas ou pessoas, utilizamos o senso de verdade para julgar o que acreditamos ser o correto ou o errado, julgamos a beleza das coisas e pessoas, discutimos nossas opiniões, negamos verdades alheias, opinamos sobre nossas verdades, avaliamos, afirmamos, criticamos. Segundo Marilena Chauí (2000, p. 08) “nossa vida cotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação tácita de evidências que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias”.

Quando alguém passa a questionar o óbvio, não aceitando as simples explicações para os fenômenos que nos cercam, adentra em uma dimensão paralela. Trata-se do mesmo mundo visto e explicado por um ângulo diferente. O mundo a nossa volta, nos é confortável porque o conhecemos, então enxergamos todos os detalhes, pois são coisas óbvias de serem percebidas. No entanto, ao distanciar o olhar e tentar ver ao longe, o mundo torna-se névoa e o que era óbvio já não é tão nítido. Alguns se acostumam com essa visão desfocada. Estes são os que acatam tudo como verdade absoluta, sem questionar. Alegoricamente, o mundo desfocado representa as sombras dentro da Caverna. Essa é a percepção de mundo daqueles que não procuram enxergar além do que lhes é imposto. Não buscam conhecer além do campo visível

e permanecem no mesmo lugar. Muitos não aceitam ter uma visão turva e buscam lentes corretivas para enxergar com clareza todo o panorama. Procuram descobrir o que está além das brumas, saindo de sua zona de conforto e aventurando-se no desconhecido. O mundo é o mesmo, mas a percepção muda. Colocar os óculos de grau, para enxergar o que está além do nosso campo de visão, representa a saída da caverna. A busca pela luz, pela definição, pelo sentido real das coisas que nos cercam. Para enxergar com clareza precisamos ter a atitude de usar óculos com um grau que nos possibilite uma melhor visão. O mundo continua o mesmo, mas o indivíduo passa a observá-lo de outro modo.

O indivíduo que resolve mudar a forma como observa o mundo, conseqüentemente se distancia da vida cotidiana e de si mesmo, pois passa a questionar as crenças, os valores e os sentimentos que permeiam a nossa existência. Ao se distanciar, questiona a si mesmo, pois pretende conhecer os porquês das crenças, dos valores e dos sentimentos. Ao questionar a si mesmo, acaba se encontrando. Esse distanciamento do olhar, tendo uma nova forma de questionar o mundo e formular as premissas válidas e verdadeiras, na tentativa de explicar racionalmente os fatos, não aceitando imediatamente às coisas ditas, é denominado de atitude filosófica.

A filosofia está inserida inconscientemente em nossos questionamentos cotidianos, e também se faz presente no universo escolar. E não é necessário nenhum curso específico para estar em contato com o universo filosófico. Pois ele se faz presente em todas as disciplinas e não apenas especificamente na sua área. Cada disciplina tem um enfoque específico, mas um ponto em comum une todas elas: raciocínio. Raciocinar significa “fazer uso da razão para estabelecer relações entre (coisas e fatos), para entender, calcular, deduzir, julgar (algo); refletir.” (google.com). O pensamento racional é a matéria-prima da Filosofia. Eis a chave para se adentrar no universo filosófico. E todos os professores possuem essa chave para fornecer aos alunos. O aluno não deve aprender a repetir o conteúdo, um simples decorar de informações que logo será esquecido. O professor não deve transformar o aluno em um receptor de informações. Deve incentivá-lo a buscar o conhecimento a partir das informações que estão sendo transmitidas. O professor deve ser um mediador do conhecimento, pois o aluno, quando alcança a idade escolar, possui um conjunto de informações adquiridas com sua convivência no núcleo familiar. Estas informações, que o aluno já carrega em si, não podem ser desconsideradas. A criança, em sua curiosidade natural, enxerga o mundo sem nenhum véu. Tudo é motivo para perguntas, pois ela quer entender o funcionamento de tudo que a cerca. É a famosa idade dos “porquês”. A atitude filosófica pode ser incentivada a partir desse

momento. A maturação desse pensamento acontecerá ao término da adolescência, mas a semente já terá sido lançada no tempo certo para que haja uma perfeita maturação.

A filosofia está inserida como disciplina obrigatória no currículo escolar do Ensino Médio, pois se acredita que nessa faixa etária, dos 15 aos 17 anos de idade haja maturidade intelectual necessária para tratar dos assuntos pertinentes à atividade filosófica. No entanto, o embasamento filosófico pode ser inserido prematuramente para os alunos de ensino fundamental. Assim, constrói-se uma base sólida para a posterior maturação.

1.1 O QUE É FILOSOFIA?

A primeira questão a ser levantada no Ensino de Filosofia é a única que não possui uma resposta específica. Enfim, o que é Filosofia?

Não há uma definição específica para designar tal conhecimento. A amplitude de saberes incrustados nessa ciência possibilita afirmarmos que a filosofia não é uma, e sim, múltipla. Pois existem vários caminhos para serem trilhados dentro de uma mesma possibilidade. O centro da atividade filosófica é o problema. São inúmeros problemas filosóficos e em cada problema existem inúmeras possibilidades para se conceituar o próprio problema. Nesse sentido, a filosofia torna-se “Filosofias”.

A palavra FILOSOFIA é de origem grega e provém da junção de duas palavras: *PHILO* e *SOPHIA*. Philo significa amor fraterno, amizade, respeito entre iguais. Sophia significa sabedoria. Portanto, filosofia significa “amizade pela sabedoria”, “respeito e amor pelo saber”. E filósofo é aquele que “ama a sabedoria”, “tem amizade pelo saber”. A palavra foi criada pelo filósofo grego Pitágoras, que afirmava que a sabedoria plena era concedida apenas aos deuses, mas os homens poderiam desejá-la tornando-se filósofos.

Apesar de a palavra ter sido criada por Pitágoras, que viveu na Grécia durante o século V antes de Cristo, a essência da Filosofia teria surgido algum tempo antes, no final do século VII e início do século VI antes de Cristo, na cidade de Mileto, na região da Jônia, uma das colônias gregas da Ásia Menor.

Tales de Mileto é considerado o primeiro “investigador das coisas da natureza como um todo”, o primeiro físico grego. No entanto, pouco se sabe sobre a totalidade de suas ideias e obras, pois suas ideias foram transmitidas pelos doxógrafos. O início da filosofia dá-se através de sua proposição sobre a água, afirmando que a água era a origem de todas as coisas,

uma ideia tida como absurda para Nietzsche. Segundo Nietzsche, essa “ideia absurda” merece atenção, pois [1] essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; [2] porque o faz sem imagem e fabulação; e enfim, [3] porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento “tudo é um”. É este terceiro ponto que diferencia o pensamento de Tales e o coloca como primeiro filósofo grego.

Em suas observações, Tales de Mileto, afirmou que a origem de todas as coisas provinha da água, que dentro de seu ciclo originaria todas as coisas existentes. Apesar de suas observações da natureza ser realizadas de uma maneira precária, Tales formula uma hipótese para explicar de uma forma racional a existência de algo, sem utilizar as alegorias ou os misticismos, característica dos pensadores antigos.

Tales é considerado como o primeiro filósofo por ter formulado um pensamento sistemático e racional. Iniciou uma corrente filosófica de pensadores “físicos” que buscavam compreender e explicar a origem da natureza (*physis*). No entanto, suas ideias foram transmitidas através dos comentários de outros pensadores, principalmente Aristóteles.

A Filosofia surge da assimilação de conhecimentos dos vários povos com os quais os gregos entraram em contato durante o processo de estabelecimento de suas colônias. Tais conhecimentos foram sendo transformados, divididos, acrescentados, aprimorados. As explicações míticas já não satisfaziam mais a mente perspicaz de algumas pessoas, e essas passaram a observar de outra maneira o mundo em volta, passaram a questionar a realidade vivente. Ao abrir os olhos para o novo, com novas questões fervilhando no âmago, os mitos tornaram-se ineficazes. Em um determinado momento houve a necessidade de se tentar explicar o elemento de origem da natureza ou do mundo, surgindo então a Cosmologia, a forma nascente da Filosofia.

O que de fato é a Filosofia? Muitas são as definições para filosofia. Pois cada pensador irá formular seu conceito sobre a atividade filosófica e muitas vezes tais definições se contradizem. Primeiramente, para tentar solucionar a questão, faz-se necessário compreender a essência do que é questionado. Para filosofar é necessário ter uma atitude filosófica, ou seja, a filosofia parte da “decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido.” (CHAUI, 2000, p.09).

Para ser filosofia é necessário que o indivíduo pense filosoficamente. Não é uma repetição de conteúdo didático e citações clichês, mas uma atitude do pensar. Uma escolha. A atitude filosófica não é privilégio dos filósofos. O despertar consciente da mente para uma realidade paralela dentro da própria realidade é privilégio de todos que estão dispostos a

observar o seu mundo com outros olhos. Ao mudar sua atitude perante o mundo, o indivíduo não se transporta magicamente para outro mundo. As duas realidades coexistem, pois uma não existe sem a outra. Mas pensar filosoficamente abre todas as janelas e portas. Vemos mais claramente a paisagem. A luz adentra os cômodos escuros.

No filme *Matrix*, Morpheus oferece dois caminhos a Neo, simbolizados pelas pílulas azul e vermelha. Neo escolhe a pílula vermelha. A pílula azul o manteria na ignorância da verdade, em sua vida ilusória e superficial, acatando como verdade aquilo que a *Matrix* lhe ofertava como tal. Ao escolher a pílula vermelha, Neo se liberta do sistema, e passa a olhar o mundo em que vivia por outro ângulo. O da verdade. O que é a verdade? Nada mais do que o acesso ao conhecimento, a busca incessante pelo saber. No caso da *Matrix*, a verdade era apresentada de duas formas: a virtual (ilusória) e a real.

O senso de verdade não será o mesmo para todos. Sendo assim, não há apenas uma definição da filosofia e sim, várias. E a melhor forma de solucionar essa questão sobre o que é filosofia, é analisar primeiramente as concepções encontradas pelos filósofos. E posteriormente buscar encontrar a própria definição de Filosofia.

Marilena CHAUI, em seu livro *Convite a Filosofia* (2000) apresenta quatro definições gerais sobre o que seria a Filosofia, a saber: [1] Visão de mundo de um povo, de uma civilização ou de uma cultura; [2] Sabedoria de vida (prezando pela moral e ética, aprendendo a controlar as paixões e desejos); [3] Esforço racional para conceber o Universo como uma totalidade ordenada e dotada de sentido; [4] Fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas (captando a Filosofia como análise, reflexão e crítica). As três primeiras definições apresentam problemas, pois ora generaliza não apresentando de forma específica o que é a Filosofia, ora especifica vagamente sobre o que podemos esperar da filosofia, não enquadrando o que de fato faz a filosofia. A quarta definição é a mais cabível nesse caso, pois segundo CHAUI, “além de análise, reflexão e crítica, a Filosofia é a busca do fundamento e do sentido da realidade em suas múltiplas formas indagando o que são, qual sua permanência e qual a necessidade interna que as transforma em outras.”

Para PLATÃO a Filosofia era um saber verdadeiro que deveria ser usado em benefício dos seres humanos.

Segundo KANT, “a Filosofia é o conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer e o que pode fazer, tendo como finalidade a felicidade humana.”

DESCARTES afirmava que “a Filosofia é o estudo da sabedoria, conhecimento perfeito de todas as coisas que os humanos podem alcançar para o uso da vida, a conservação da saúde e a invenção das técnicas e das artes.”

Para MERLEAU-PONTY “a Filosofia é um despertar para ver e mudar nosso mundo.”

ESPINOSA escreveu que “a Filosofia é um caminho árduo e difícil, mas que pode ser percorrido por todos, se desejarem a liberdade e a felicidade.”

Segundo NIETZSCHE, “a Filosofia, (...), é vida voluntária no meio do gelo e nas altas montanhas – é a busca de tudo o que é estranho e duvidoso na existência, de tudo o que foi até agora proscrito pela moral”.

Para SÓCRATES uma vida sem questionamento racional era uma vida que não merecia ser vivida.

Para Maria Lucia ARANHA, “a Filosofia é a possibilidade da transcendência humana, ou seja, a capacidade que só o homem tem de superar a situação dada e não-escolhida. Pela transcendência, o homem surge como ser de projeto, capaz de liberdade e de construir o seu destino.”

Enfim, a Filosofia é o estudo e interpretação de ideias / questionamentos relacionados à existência, ao mundo, à realidade, ao conhecimento, à mente, à linguagem, à imaginação, à percepção, ao comportamento, à natureza, à verdade, à mudança, aos desejos e paixões, aos valores morais, éticos, políticos, culturais e estéticos, e uma gama de outros temas que podem ser analisados por um viés filosófico.

A Filosofia é uma atividade reflexiva, é o ato de questionar todas as supostas verdades proscritas pela ética e pelo moralismo social. Não de uma forma desregrada, simplesmente questionar, argumentar e debater a sua verdade. Mas através de um estudo sistemático, realizar a análise do problema, refletindo sobre todas as possíveis premissas, e elaborar criticamente os argumentos. O problema inicial torna-se um conceito.

Basicamente, a Filosofia busca respostas racionais para as questões sobre a existência humana. Mesmo apresentando semelhanças, não pode ser considerada parte da ciência, pois muitas questões não podem ser respondidas através do empirismo experimental. Filosofia não é ciência. Não é religião. Não é arte. Não é política. Filosofia é a própria essência da curiosidade racional do ser. A filosofia simplesmente é. É uma prática vitalícia, um estudo para a vida toda, pois aquele que ama o conhecimento, que tem sede eterna pelo saber, jamais encerra sua jornada em busca das respostas. Como Sócrates, o filósofo reconhece que quanto mais busca o saber, menos ele sabe. E a partir do caracol interior, o “conhece-te a ti mesmo”, ao interrogar o mundo, o filósofo interroga a si mesmo. Esse gesto de voltar-se a si, de refletir sobre si e sobre o mundo, é uma atitude reflexiva individual. A busca pelo conhecimento está disponível a todos, mas poucos são aqueles que compreendem as questões essenciais.

1.2 A DIDÁTICA FILOSÓFICA

A Filosofia é importante para a formação do indivíduo que observa, analisa e formula conceitos, na tentativa de encontrar soluções para os problemas. A Filosofia não resolve os problemas, mas auxilia a encontrar algumas respostas. O pensar conceitualmente constitui o motor argumentativo da mente crítica, e para que isto ocorra é necessário passar pela experiência filosófica. Mas como inserir esse conhecimento na prática escolar? Qual a melhor abordagem para lecionar filosofia? Quais seriam os métodos de avaliação mais eficazes? Com que frequência os textos clássicos devem ser apresentados em sala de aula? O material didático disponibilizado para os alunos é suficiente para que aprendam a filosofar? O professor deve reformular a filosofia para que ela seja acessível ao nível educacional? Ou apenas seguir a cartilha estipulada pelo Parâmetro Curricular Nacional (PCN) ou pelo Projeto Político e Pedagógico (PPP) estipulado pela escola? Ensinar filosofia ou ensinar a filosofar? Quem ministra as aulas: professor ou filósofo? São muitas as questões que permeiam o ensino da Filosofia.

Para compreender o Ensino da Filosofia no Brasil é preciso recorrer a História. A origem do ensino filosófico em terras brasileiras está relacionada com a vinda dos religiosos da Companhia de Jesus, durante o Período da Colonização, mais especificamente em 1549, quando os primeiros padres jesuítas desembarcaram no país sob a liderança de Manoel da Nóbrega. Dentro do contexto da Contrarreforma, o início da educação no Brasil e a posterior inclusão das chamadas Humanidades, estavam atrelados à manutenção e fortalecimento da fé católica, sendo os jesuítas responsáveis pela educação e catequese dos colonos, além da conversão dos nativos brasileiros ao catolicismo. Os jesuítas foram os responsáveis pela fundação de colégios com formação clerical, pela estruturação da educação formal e pública, pelo ensino da religião, das artes, da ciência, da literatura e pelos rumos que a Filosofia tomou no Brasil.

O primeiro Colégio da Companhia de Jesus foi fundado pelo padre Manoel da Nóbrega, e ensinava a leitura e a escrita. O ensino das “Humanidades” foi sendo acrescentada aos poucos e logo a Filosofia também passou a ser lecionada no Colégio. Aos poucos outros colégios foram sendo construídos para a formação da elite colonial.

Os estudos de Filosofia nesse período seguiam o modelo do ensino escolástico tomista, ou seja, a visão filosófica medieval era mantida em detrimento das contribuições

científicas da época. O principal objetivo da educação jesuítica era o fortalecimento do catolicismo, através da imposição do pensamento.

A educação era voltada para a elite colonial e tratava-se de uma mera reprodução de ideias. Segundo CARTOLANO (1985), o conteúdo era livresco, formalista, retórico gramatical, sem base natural e nacional, que servia de deleite ao colono branco, rico e católico. A Cultura filosófica passa a ser “mero comentário teológico, baseado, principalmente, na renovação da escolástica aristotélica” (CARTOLANO in MAZAI e RIBAS, 2001, p. 03).

Era livresca por assimilar o conteúdo pronto que vinha da Europa, e seguindo o padrão rígido e sistemático do plano de estudo dos jesuítas, todos os autores que se colocassem contra o pensamento de Tomás de Aquino e Aristóteles eram “expurgados”. O ensino seguiu esse mesmo padrão até a expulsão dos jesuítas, pela Reforma do Marquês de Pombal, no século XVIII, que seguia as tendências do Despotismo Esclarecido. Nesse momento, ideias modernas e iluministas provenientes da França começam a entrar no país. O pensamento tornou-se ao mesmo tempo racional e revolucionário. O ensino nas Universidades foi reformado, mas apesar da reforma houve um retrocesso, pois o ensino da Filosofia continuou no mesmo molde livresco e escolástico.

Com a chegada da Família Real e da Corte no Brasil em 1808, a estrutura da educação brasileira segue outros rumos. Surgiram os primeiros cursos profissionalizantes nas Universidades. A Filosofia agora atendia à formação profissional. Em 1838, a Filosofia passa a ser obrigatória no currículo dos liceus e dos ginásios dos cursos secundários. No final do século XIX, houve a inserção do pensamento positivista. O método positivista buscava renovar os padrões da cultura e libertar a inteligência brasileira do eclesiástico (MAZAI e RIBAS, 2001). A influência do Positivismo no Brasil pode ser percebida no movimento republicano que culminou com a Proclamação da República em 1889. Segundo CRUZ COSTA, essa influência durou quase dois meses. “Foram esses dois meses que deram fama ao positivismo, que lhe granjearam a fama inexata de haver sido o positivismo o criador da República no Brasil.” (CRUZ COSTA in BENOIT, 2013).

Em 1908 foi fundada a Faculdade Livre de Filosofia e Letras, com orientação neotomista. Surgem novos livros de ensino de Filosofia, porém com orientação católica.

Várias reformas educacionais ocorreram, tornando a Filosofia uma disciplina facultativa ou complementar, sendo gradativamente reduzida a carga horária dispensada ao curso de Filosofia.

Em 1915, o decreto nº 11.530 tornou a filosofia uma disciplina facultativa. Em 1931 a educação visava à formação do homem para todos os setores da vida. Em 1942, o decreto nº 4.244, dividiu o ensino em dois ciclos, ginásio e colegial, sendo o colegial subdividido em científico e clássico, este último continha uma carga horária de 4 horas semanais do ensino de Filosofia. Em 1961, na Lei nº 4.024, a filosofia perde a sua obrigatoriedade e passa a ser disciplina complementar. Em 1964, com o Golpe Militar, as disciplinas de Ciências Humanas sofreram restrições, e a Filosofia passou a ser optativa até desaparecer completamente dos currículos em 1971, com a lei nº 5.692. Quando o AI-5 foi instaurado em 1968, professores e estudantes adeptos à Filosofia começaram a ser perseguidos e torturados. A Filosofia volta a ter sua inclusão recomendada nos currículos em 1986, após o fim do período ditatorial.

Durante os “Anos de Chumbo”, a prática filosófica foi retirada das escolas de nível médio e universidades, por apresentar risco à supremacia do governo vigente. Era considerada uma disciplina perigosa, por seu caráter de formação crítica e argumentativa e poderia desviar os jovens do pensamento considerado oficial. O ensino profissionalizante e técnico nas escolas, seguindo a reforma educacional proposta pelo acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), também contribuiu para o estreitamento das humanidades, pois preparava uma massa trabalhadora, mas sem nenhum senso crítico. A Filosofia desperta o espírito crítico.

Na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais, de 1999, a Filosofia é recomendada como conteúdo complementar dos Temas Transversais. Apenas em 2006, a filosofia como disciplina, torna-se obrigatória nos currículos escolares de Ensino Médio.

Hoje podemos sentir na estruturação metodológica da Filosofia como disciplina escolar, o vazio deixado pelos anos de ausência dessa ciência. Os reflexos da reforma de 1971 ainda são perceptíveis no ensino público de nível médio, “pouco profissionaliza, não prepara adequadamente para o ingresso na universidade e não possibilita uma formação humana e social integrada ao aluno”. (MAZAI e RIBAS, 2001).

Em vários momentos a Filosofia é apresentada como uma disciplina que [1] auxilia na reflexão e compreensão de temas contemporâneos que até então não eram tidos como relevantes; [2] No questionamento e argumentação das informações que lhes são apresentadas como verdades absolutas; [3] No pensar em tudo; [4] Na assimilação de conceitos, que serão lembrados por toda vida; [5] Na liberdade de expor os pensamentos e argumentar sua opinião a respeito de determinados temas.

Alguns argumentos são favoráveis para a inserção da Filosofia no Ensino Médio, apontados nos documentos oficiais da educação, como competências e habilidades que os alunos podem desenvolver durante a aula: Leitura significativa e reflexiva, argumentação, articulação de conhecimentos, escrita e oralidade crítica, contextualização sociocultural.

O “PCN+” propõe a abordagem temática dividida em três eixos apresentando o conteúdo filosófico voltado para o exercício da cidadania, enfatizando a política e a ética. No entanto, essa abordagem não garante uma filosofia ativa, pois corre o risco da repetição massiva dos conteúdos. Segundo Paulo MALAFAIA, mestre em Filosofia, a Filosofia auxilia o aluno na reflexão sobre si mesmo, no seu papel no mundo e na sua contribuição ao final do Ensino Médio como futuro cidadão, além de levar o questionamento às demais áreas de conhecimento, pois aborda temas relacionados às demais disciplinas.

A Filosofia é colocada na Lei como instrumento de formação da cidadania. No entanto, a Filosofia é mais do que isso. Eis aí o problema em institucionalizá-la. Ao se apresentar como uma disciplina, a Filosofia, deve seguir uma estrutura e normas impostas pelos documentos oficiais da educação. No instante em que o pensar filosófico está “preso” nos parâmetros educacionais, a Filosofia seguirá apenas um caminho, e não a multiplicidade que lhe é característica. A Filosofia não apresenta apenas uma resposta para os questionamentos, ela é aberta a diferentes respostas e discussões. O professor deve ter liberdade de apresentar a História da Filosofia de acordo com sua linha de pensamento, despertando o interesse dos jovens na arte do filosofar. Segundo o professor Mauro Célio da SILVA, “a Filosofia não é uma matéria simplesmente, ela é a abertura do ser humano diante da vida.”

Segundo DELEUZE, o pensar não é natural, mas forçado pelo problema, pois este não oferece uma resposta pronta, e por não compreendê-lo, somos incentivados a pensar e encontrar uma resposta. O desafio no ambiente escolar é exatamente não conduzir essa experiência, pois perderia seu caráter experimental, o ato de construir o pensar, de encontrar as singularidades do problema e conceituá-lo.

A abordagem mais apropriada para ser inserida na realidade escolar é a Problemática, pois incentiva o pensamento filosófico. O aluno deve ser incentivado a pensar e a criar seus próprios conceitos proporcionando uma educação crítica e argumentativa. Cabe aos professores de cada disciplina incentivar o espírito crítico e reflexivo dos alunos, independente do nível educacional. Incentivar uma autonomia do pensamento não é tarefa exclusiva a ser ministrada apenas pelo professor regente da disciplina de Filosofia.

A base dessa autonomia real do pensamento deve estar presente na base da educação, sendo inserido gradativamente no Ensino Fundamental, para que o aluno possa vivenciar desde cedo essa experiência sensível, entrando em contato com as questões pertinentes dos grandes clássicos e então iniciar a sua viagem pelo mundo das ideias. Tendo uma base filosófica, o aluno do Ensino Médio estará mais propenso a criar seus conceitos, por já ter iniciado sua sensibilização dos problemas filosóficos e possuir certo discernimento da História da Filosofia.

Segundo PALÁCIOS (2007), o ensinar a filosofar consiste em levar os estudantes aos problemas, e isso só é possível se tiver sustentação na própria História da Filosofia.

Segundo HEGEL,

[...] a história da filosofia não se limita a expor os fatos externos, os acontecimentos acidentais que formam o seu conteúdo, mas procura demonstrar como este mesmo conteúdo, embora pareça desenvolver-se historicamente, na realidade pertence à ciência da filosofia: a história da filosofia é, também ela, científica, e converte-se, pelo que lhe é essencial, em ciência da filosofia. (HEGEL, p.330)

Ao iniciar uma disciplina, deve-se primeiro conhecer o seu significado, ou seja, através de sua própria história é possível encontrar um conceito para tal disciplina. Pelo estudo da História da Filosofia, iniciamos o conhecimento da própria filosofia. É na História da Filosofia que encontramos o início do “conhecimento racional”, os primeiros que se aventuraram na busca da essência das coisas, da natureza e do espírito. Com o passar do tempo, o conhecimento inicial recebe novas contribuições, que passam a fazer parte da mesma ciência. Para HEGEL, “nossa filosofia só pode existir enquanto ligada à precedente, da qual é necessário produto; e o curso da história mostra, não o devir de coisas a nós estranhas, mas sim o nosso devir, o devir do nosso saber.” (HEGEL, p. 328)

O uso dos clássicos é importante, não apenas para que o aluno assimile o que foi pensado por outros, mas para que perceba que o mesmo problema já foi questionado. Uma questão que continua em aberto, possibilitando que o aluno reúna singularidades do problema para que formule seu próprio conceito. Assim, os alunos são conduzidos a refletirem sobre os problemas atuais, encontrando nos textos clássicos o aporte teórico. Os clássicos apresentam temas atemporais, que podem ser contextualizados na contemporaneidade.

Sobre o uso dos textos clássicos, Marcelo PERINE afirma que:

Frequentar os clássicos com a ajuda de um discurso mediador é seguir o conselho de Kant: aprender a pensar é melhor do que aprender pensamentos. Aprender filosofia é aprender a pensar porque, desde sua origem e em sua melhor forma, ela é uma

reflexão de segundo grau, que se volta sempre de novo para a realidade, que coloca sempre de maneira nova as perguntas que podem levar à compreensão de seu sentido. (PERINE, 2013, p. 152-153)

A História da Filosofia tem um papel importante no ensino da Filosofia. Ao trazer para a sala de aula os autores clássicos, os alunos podem compreender como os problemas questionados atualmente foram abordados em outros tempos, e como esses autores formularam conceitos para tentar solucionar esses problemas. O modo como esses autores responderam as questões do seu tempo, nos auxilia a encontrar respostas para as nossas questões. O aluno, ao entrar em contato com os clássicos filosóficos, tem a oportunidade de compreender como as questões filosóficas são historicamente construídas, e que estas questões podem ser reconstruídas de acordo com a leitura que lhe é dada. O ensino da Filosofia implica levar o aluno a encontrar as bases para o seu questionamento, fundamentar o problema filosófico e formular um conceito para explicar a sua dúvida. Os clássicos podem auxiliar nessa construção, mas não deve influenciar na direção do pensamento do aluno. Eis o risco de trabalhar a História da Filosofia. O orientador, preso as regras educacionais, pode ficar fadado a apenas explicar os grandes autores e seus problemas filosóficos, não incentivando o contato do aluno com seus próprios problemas. A mente dos jovens é fértil e repleta de dúvidas filosóficas abordadas por inúmeras gerações de filósofos. O professor deve apresentar os textos clássicos e permitir que os alunos exponham seus problemas filosóficos, para que percebam que outros filósofos buscaram a mesma solução.

Para Immanuel KANT, o professor, no momento de ensinar Filosofia, deve levar os alunos a filosofar, seguindo os seguintes procedimentos: “em primeiro lugar, o homem de entendimento, depois, o homem de razão, e, finalmente, o homem de instrução”. Pois assim, mesmo que não seja concluído o processo, o aluno aproveitará o aprendizado e tornar-se-á mais experiente e inteligente. Caso esse procedimento seja inverso, o aluno não desenvolverá o seu entendimento, e terá uma ‘imitação’ de razão, levando a uma instrução “vazia”, pois terá uma erudição, mas sem o entendimento necessário. Segundo KANT, “o entendimento não deve aprender pensamentos, mas a pensar”, ou seja, não é simplesmente utilizar um manual da História da Filosofia para apresentar os principais problemas filosóficos, e sim, instruir o aluno a pensar por conta própria, utilizando a História da Filosofia como um condutor do pensamento. Não é simplesmente decorar o que os filósofos apresentam como verdade, mas conduzir o aluno a adquirir o entendimento dos textos clássicos, utilizando da sua razão para encontrar as respostas. A Filosofia não está contida em um livro-manual, que apresenta todas as respostas e a sabedoria necessária para tornar-se filósofo. Deste modo, a

história da filosofia seria uma ‘mera erudição’, adquire-se conhecimento, mas sem entendimento.

Ensinar Filosofia é ensinar a filosofar. Pois, conteúdo e método se mesclam e se complementam. Estudamos os clássicos, as primeiras tentativas de se explicar as coisas existentes através das alegorias e mitos, as observações da natureza de forma empírica que direcionaram ao pensamento racional. É através da razão, do filosofar, que podemos enxergar o mundo como ele verdadeiramente é, sem ideologias, preconceitos ou mitos. Livres para questionar e formular argumentos para encontrar respostas aos questionamentos tidos muitas vezes como banais, mas essenciais para a compreensão do ser humano. Tales libertou-se das alegorias, e ao explicar sobre aquilo que observava, contemplou “a unidade de tudo o que é: e quando quis comunicar-se, falou da água!” (NIETZSCHE, 1987, p. 12).

Apresentar essa ruptura de pensamento torna-se crucial para incentivar os alunos a libertarem-se dos paradigmas vigentes. O filosofar é algo singular, uma interiorização necessária para se conhecer a si mesmo, e através do esclarecimento tornar-se consciente da natureza e da essência do ser.

Para Lígia Maria RODRIGO (in TRENTIN, R.; GOTO, R., 2009), cabe ao professor “produzir um discurso pedagógico pelo qual a tradição filosófica possa converter-se em saber ensinável.” O ato de transmitir o saber filosófico, conduz o professor a atuar “como produtor de uma forma própria e específica de discurso”, pois não deverá reproduzir meramente o discurso do filósofo, mas apresentá-lo de uma maneira “sedutora” aos alunos. O professor torna-se reformulador da atividade filosófica. O professor de filosofia apresenta uma autonomia para a escolha de sua linha de ensino, mesmo que necessite cumprir, a critério da escola, uma apostila. O professor como reformulador da Filosofia é um pesquisador, não no âmbito da pesquisa acadêmica produzindo novos conhecimentos. Mas, dentro da área docente, há a necessidade constante de renovação, pois os conteúdos se atualizam, novas mídias são incorporadas, e metodologias podem tornar-se obsoletas. Cabe ao professor atentar-se para as prováveis atualizações, e discorrer seu discurso pedagógico embasado nos discursos filosóficos, tendo como diferencial, a sua produção reformulada, aproximando-se da realidade cognitiva e social dos alunos.

Nos livros didáticos, que não deixam de ser um manual formulado por um professor-pesquisador-reformulador, os textos clássicos são compilados em uma determinada linha de atuação, seguindo um parecer ideológico de determinados autores (organizadores), portanto contêm lacunas, que devem ser preenchidas de acordo com a linha de atuação/ensino/pesquisa do professor em sala de aula. O professor de Filosofia pode usar o livro didático como um

recurso adicional, mas sempre usando sua autonomia na escolha dos temas e a ordem em que pretende trabalhar esses temas, sempre tendo em vista, o que será relevante para o processo de formação dos alunos. O livro didático é um manual geral, repleto do ponto de vista do próprio autor. O professor conhece seus alunos, e sabe quais são os pontos mais instigantes para serem trabalhados em cada turma, e como trabalhar os temas selecionados, em cada aluno.

Em sala de aula, o professor avalia “constantemente”, desde o momento em que conhece a turma. No entanto, o processo avaliativo, que deveria ser um condutor para a correção de prováveis erros durante o processo de ensino e aprendizagem acaba tornando-se um “mero processo de mensuração de notas, numa perspectiva classificatória de estudantes”.

Na estrutura curricular, a filosofia ocupa uma posição semelhante a qualquer disciplina: há o que se aprender, memorizar, há uma terminologia específica a ser devidamente assimilada.

A filosofia possui algo de específico, é o seu estilo reflexivo. Seria o caminho que alunos e professores possam hoje problematizar questões e construir respostas originais no contexto histórico – social em que se situa o homem contemporâneo.

A filosofia não é apenas uma disciplina do currículo, tampouco se reduz a função de assessora metodológica das demais.

(PEREIRA, 2011)

Por tratar-se de uma disciplina com uma especificidade diferenciada, o método avaliativo também deve ser diferenciado, possibilitando mesclar os critérios estabelecidos pela escola, pela própria disciplina e pelo professor. Para avaliar a disciplina de filosofia faz-se necessário perceber o aluno, a sua bagagem de conhecimentos, material essencial para o desenvolvimento das aulas. Orientar na leitura dos textos filosóficos para que os conceitos sejam aprendidos, orientando a discussão dos temas, para que haja problematização e direcionando a escrita, possibilitando a construção argumentativa. A atividade oral é tão importante quanto o exercício da escrita, e ambos devem estar inseridos no processo avaliativo. A avaliação deve ser contínua e cumulativa. O professor deve observar o desenvolvimento do aluno, avaliando suas atitudes, participação, interesse, comunicação oral e escrita. Deve incentivar o debate em sala, para que os alunos saibam como confrontar e defender as suas ideias. Para assegurar que o processo filosófico foi assimilado, o professor deve manter o diálogo em sala de aula, avaliando assim, a capacidade de argumentação dos alunos. Portanto, não é apenas uma atividade escrita que garante uma avaliação perspicaz. O professor sabe que um aluno realmente compreendeu o conteúdo quando ele é capaz de transmitir a informação a sua maneira, sem a necessidade de decorar a fala do professor. As reflexões dos alunos podem constar em um portfólio, que cada um construirá de acordo com

suas habilidades (música, poesia, teatro, dança, narrativas escritas, fotografias, gravuras, vídeos e outros), exercitando a autonomia e a interdisciplinaridade.

Mas, como proporcionar uma aprendizagem que atraia a atenção dos jovens, se a escola ainda está “presa” a um currículo que preza a formação para o mercado de trabalho? Um currículo fechado com determinados temas que devem ser abordados durante o ano letivo. As aulas de Filosofia não devem ser consideradas como mais uma disciplina no currículo. Pois “sua função é bem mais ampla no sentido que busca realizar a articulação da base cultural (interdisciplinaridade), ao mesmo tempo em que possibilita a articulação do indivíduo enquanto personagem social.” (Proposta Curricular Para o Ensino de Filosofia, 2008, P.11-24).

A Filosofia tem a sua especificidade enquanto disciplina, a sua metodologia voltada para a reflexão, mas funciona também, como articuladora de todas as demais disciplinas. Eis a sua importância no currículo escolar, incentivar os alunos a refletirem e a cultivarem sua autonomia do conhecimento em todas as áreas.

Ao seguir um currículo estipulado pela Escola, ou padronizado pelo Estado, o professor não preparado didaticamente pode cometer o erro de preparar uma aula rasa, orientado apenas pela grade curricular. Apresenta magistralmente os conceitos instrumentais: lógica, definições de filosofia, teoria do conhecimento, ética, estética, política, alguns textos clássicos, entre outros. Mas peca ao direcionar o aluno a uma argumentação vazia.

Discutir didática em Filosofia ao nível de formação dos professores pode auxiliar na preparação de aulas mais atraentes aos jovens questionadores, cujos temas internos que anseiam por respostas claras e objetivas, moldam-se nos textos clássicos. O desafio atualmente é capturar a atenção dos jovens em sala de aula. Afinal, estamos na era virtual, das informações globalizadas e rápidas. Os jovens estão cercados por informações, mas se não possuírem senso crítico para discernir o que lhe é apresentado, acatará toda e qualquer informação como verdadeira.

Segundo CARMINATI,

O desafio é evitar que a Filosofia se torne somente uma teoria (...) sobre qualquer coisa, que não leve a contato algum com a vida e com os problemas concretos das pessoas. (...) a tarefa de quem a leciona nas escolas de nível médio é de transformá-la numa experiência significativa, por intermédio de metodologias e conteúdos que conduzam à reflexão e, ao final de seu exercício, a esclarecer um pouco mais sobre os distintos e contraditórios aspectos do homem, do conhecimento e da sociedade. Isso certamente poderá conduzir os alunos a uma maior consciência da própria visão de mundo, assim como das próprias relações com os outros e com a totalidade social. (2013, p.382)

Portanto, o professor de Filosofia deve estar ciente desde o momento de sua formação, que o uso de uma boa didática proporcionará uma experiência filosófica única, abrangendo a cotidianidade, a metodologia do eixo instrumental, a argumentação e o uso dos clássicos. Estudando filosofia, aprende-se a filosofar. Em sala de aula, o professor deve apresentar-se como filósofo, e como tal, o exercício de seu pensamento deve ser filosófico.

Para ROCHA (2013), “a aula de Filosofia no ensino médio deve estar à altura do drama de pensamento e vida dos jovens. Estar à altura é elevar-se a si mesmo e ao outro. Isto é a graça.” A Filosofia exige que o professor assuma sua autonomia e liberdade para abordar os variados temas, a didática possibilita que estes temas sejam projetados em um ritmo peculiar aos jovens, aproximando o universo dos alunos à prática filosófica.

Refletir como a Filosofia está inserida no Ensino Médio contribui na busca por metodologias mais atrativas para os jovens, pois os questionamentos abordados nos textos clássicos muitas vezes assemelham-se aos conflitos internos e existencialistas que os jovens atravessam no período da adolescência. Trazer os textos clássicos com recursos alternativos, como filmes, músicas, vídeos e teatro, tem sido a opção encontrada por muitos professores, para promover a aproximação dos alunos ao universo filosófico.

2. O UNIVERSO EXISTENCIALISTA EM SALA DE AULA

Como já foi dito no capítulo anterior, o ato de filosofar está presente em nosso cotidiano. A filosofia não é apenas uma disciplina inserida obrigatoriamente no Currículo Escolar. É uma atitude reflexiva presente em todas as disciplinas, mas não utilizada da maneira correta pelas demais áreas dos saberes educacionais. No Ensino Médio, acredita-se que os alunos tenham a maturidade intelectual necessária para assimilar conteúdos pertinentes à atividade filosófica. No entanto, a adolescência é uma fase complicada e conflituosa. O embasamento filosófico deve ser construído desde a mais tenra idade, para que nessa fase conflituosa, os alunos possam encontrar meios de responder os seus próprios questionamentos.

A mente do adolescente é um mar de incertezas e dúvidas. É uma fase de mudanças constantes e aceitação do seu eu e do senso de aprovação dos outros. Muitas vezes, ficam imersos em seus pensamentos, e se encontram apenas no outro semelhante a si, aqueles a quem chamam de amigos, e assim formando “tribos” de acordo com seus interesses e mais

profundos anseios. Os adultos mais próximos, sua família, não compreendem as suas atitudes, e são tidos como rebeldes por não concordarem com aquilo que lhe é imposto. Na maioria das vezes, o adolescente se fecha em si, tem uma infinidade de questões lhe assombrando a mente, e não sabe se aquilo que pensa é correto ou não, pois nossas condutas são talhadas pela sociedade e nossa personalidade acaba sendo lapidada de acordo com as normas de condutas sociais.

A Escola é uma fonte inesgotável de questões existencialistas. O Ensino Médio acaba sendo similar a um rito de passagem. Os conhecimentos adquiridos nessa fase serão importantes para o futuro, pois se trata de um preparatório para o mundo acadêmico e profissional. Alguns questionamentos ainda continuarão pairando a mente tumultuada, mas sua personalidade deve estar consolidada.

Essa fase, onde alguns conseguem expressar seus sentimentos e questões mais latentes e outros se entregam ao laconismo e ao ostracismo em si, torna-se um campo fértil para a disciplina de Filosofia. A disciplina pode atuar como um catalisador, incentivando os alunos a direcionarem os seus questionamentos, a conhecerem a eles mesmos, e buscarem respostas às suas próprias perguntas. Ao problematizarem suas angústias, criando conceitos para aquilo que antes lhes afligiam a mente, o aluno inicia sua caminhada na formação crítica. O professor é um mediador entre o pensamento filosófico e o pensamento juvenil. Um professor mediador não é o transmissor de conhecimento, ele dá oportunidades para o jovem acessar o conhecimento através de conexões com outros assuntos, outros conteúdos, outras vivências. O mediador consegue criar e aproveitar as oportunidades educativas. Mediar é trocar informações, é transmitir conhecimento ao mesmo tempo em que aprende com o aluno.

O educador Reuven Feuerstein (1921 -2014), aponta algumas características para que a mediação aconteça:

1 – Intencionalidade e reciprocidade: Entende-se por intencionalidade a disponibilidade do mediador em utilizar o que estiver ao seu alcance para explicar da melhor maneira possível. Isso diz respeito a adaptar as linguagens tendo em vista a compreensão e fazer uso das tecnologias disponíveis durante o processo de aprendizagem. Em consonância com a intencionalidade do professor, deve-se ter o desejo do aluno de aprender. Para Reuven Feuerstein trata-se da reciprocidade.

2 – Transcendência: A característica tem como objetivo promover a compreensão de conceitos de forma que eles possam ser aplicados em outras situações e contextos, que vão para além de uma situação avaliativa nas escolas.

3 – Mediação do significado: Um conceito compreendido se interliga a outros já assimilados pelos alunos. O papel de mediar o significado é justamente contribuir para essas conexões e, assim, ampliar o processo de aprendizado.

(educacaointegral.org.br)

De acordo com Paulo FREIRE (1921-1997), “o papel do professor é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem; em que professor, ao passo que ensina, também aprende. Juntos, professor e estudante aprendem juntos, em um encontro democrático e afetivo, em que todos podem se expressar.” (educacaointegral.org.br)

O universo da filosofia existencialista está presente no ambiente escolar, através das questões aparentemente sem respostas e da tendência à rebeldia expressa nas vestimentas, no modo de falar e se portar diante da sociedade. Uma sociedade que impõe padrões de comportamentos, regras estipuladas para a boa convivência, condutas a serem seguidas pelo indivíduo. Tal padrão ao ser quebrado desloca o indivíduo para um posicionamento estratégico. É o mundo exterior iluminado pelas luzes do conhecimento. E tal caminho, apenas quem se aventura na Filosofia consegue adentrar.

Antes de analisarmos quais são os principais questionamentos dos adolescentes, mergulhando na sua inconstância de ser e apresentando uma relação coerente com a corrente filosófica, faz-se necessária uma pequena explanação sobre o Existencialismo.

2.1 O EXISTENCIALISMO: BREVE CONCEITUAÇÃO

O existencialismo é uma corrente filosófica que apresenta como principal tema a condição da existência humana. Segundo os existencialistas o homem decide seu futuro por meio das suas ações, portanto é de sua inteira responsabilidade aquilo que ele se torna, pois tem a liberdade de escolher os caminhos que lhe convém. As nuances do pensamento existencialista surgiu no século XIX, com o filósofo dinamarquês SÖREN AABYE KIERKEGAARD (1813-1855), considerado “pai do existencialismo”. Após a Segunda Guerra Mundial, em meio ao desânimo e desespero da crise que se alastrou pela Europa, delineia-se o movimento filosófico existencialista. Mais do que uma doutrina filosófica acabou se transformando em um estilo de vida, envolvendo artes, moda e ativismo político. O apogeu do movimento foi na França nas décadas de 1950 e 1960, tendo como exponenciais as obras filosóficas e literárias de Jean-Paul SARTRE, Simone de BEAUVOIR e Albert CAMUS (embora, não se considerasse como existencialista). A partir da década de 1970 o movimento existencialista influencia também a música jovem.

A questão da existência humana foi discutida por diversos filósofos, mas foi KIERKEGAARD que colocou o tema como foco central de seus escritos filosóficos. Escreveu sobre a falta de sentido da vida, sobre realizar escolhas livres na tentativa de sair do tédio existencial. Afirmava que o homem é o único responsável pelo sentido de sua vida, devendo vivê-la na sua plenitude de forma apaixonada e sincera, mesmo com os vários obstáculos como a angústia, a ansiedade, o tédio, a alienação, o absurdo e as escolhas. Sua filosofia, enquadrada posteriormente no “existencialismo cristão”, colocava o homem perante Deus, sem intercessores. Ao homem, cabia a responsabilidade de viver a sua vida e se posicionar diante do chamado de Deus. Eis onde se encontra o sentimento da angústia. O indivíduo tem a liberdade de escolher, mas em sua vida deve se posicionar como “homem estético”, “homem ético” ou “homem religioso”.

“A angústia é a possibilidade da liberdade: somente esta angústia, através da fé, tem a capacidade de formar absolutamente, enquanto destrói todas as finitudes, descobrindo todas as ilusões” (KIERKEGAARD apud REALE e ANTISERI, p. 239). É através da angústia que o homem forma o seu caráter.

No Pós-Guerra a questão do sentido da existência retorna para reafirmar a importância dos direitos humanos, da liberdade e da individualidade. É na Europa arrasada pela guerra que o movimento existencialista atinge seu auge e espalha-se pelo mundo como uma espécie de estilo de vida. Através da filosofia francesa o movimento existencialista tornou-se corrente filosófica. O filósofo francês Jean-Paul SARTRE (1905-1980), focou seus escritos na condição individual da liberdade humana, sendo cada indivíduo agente de sua própria história. Segundo SARTRE, “o homem está condenado a ser livre”. Essa liberdade não expressa o que o ser humano é, mas o que ele será.

Vou emergindo sozinho, e, na angústia frente ao projeto único e inicial que constitui meu ser, todas as barreiras, todos os parapeitos desabam, nadificados pela consciência da minha liberdade: não tenho nem posso ter qualquer valor a recorrer contra o fato de que sou eu quem mantém os valores no ser; nada pode me proteger de mim mesmo; separado do mundo e da minha essência por esse nada que sou, tenho de realizar o sentido do mundo e de minha essência: eu decido, sozinho, injustificável e sem desculpas. (SARTRE, 2011, p. 84).

Para SARTRE, a angústia surge quando o indivíduo percebe que a sua liberdade em definir as suas escolhas individuais que determinará a essência do que ele virá a ser. Ao escolher, estará sozinho, e ainda encontrará “situações” que podem pressionar sua liberdade diante das escolhas. Nesse momento, o homem sente-se angustiado, pois assume uma responsabilidade ao escolher o caminho que definirá a sua essência, sem saber quais serão os

resultados de suas escolhas. O indivíduo é consciente de sua liberdade, sabe que está sozinho no momento de definir o seu “projeto”. O ser humano é nada antes de iniciar o seu “projeto” de vida. Torna-se quem é a partir das escolhas que faz, a partir das experiências adquiridas, da vivência, das ações, dos erros e acertos. Não há desculpas. Não há como jogar a responsabilidade das escolhas individuais em outro. Cabe ao ser, redefinir o seu projeto, através das escolhas conscientes durante a vida.

Ao dizer que “a existência precede a essência”, Sartre, afirmava que não existia uma essência humana que definisse o homem antes de sua existência. O ser humano não nasce com uma essência o definindo como ser. Essa essência é fruto das escolhas individuais e solitárias. O homem é livre e existe, portanto através das suas escolhas, da definição de um projeto de vida, que o ser escolhe o que quer ser. Ele não é, virá a ser. E em cada momento, esse projeto pode ser redefinido através de novas escolhas, alterando a essência do indivíduo.

O pensamento existencialista defende que o ser humano é livre e tem total responsabilidade sobre as escolhas que definirão a sua essência. Ao ter que escolher constantemente, o ser humano vive angustiado, pois cada escolha irá refletir em seu projeto de vida. “A angústia é reflexo da liberdade humana”. E o desespero é o reflexo da angústia. A angústia em não saber o que acontecerá após as escolhas coloca o homem em desespero. Pois a qualquer momento pode-se perder aquilo que o torna quem é. Para definir o que é o homem necessita de coisas externas, que não estão sob o seu controle. Mesmo que não esteja em desespero, vive em desespero, por não poder controlar os fatores externos que o torna quem ele é. O ser humano não existe apenas para si, mas para os outros também. O indivíduo também será aquilo que o outro fizer dele, e vice-versa. Esse é um fator externo que a ele não cabe controlar, pois a liberdade é individual. SARTRE ainda acrescenta como tema o desamparo. O homem é livre para escolher, se angustiar pelo ato da escolha e sentir o desespero de perder tudo a qualquer instante. Mas não tem a quem culpar por suas escolhas, se essas lhes revelarem serem equivocadas, pois o único responsável pelas suas ações é ele mesmo. Portanto, o homem está desamparado no mundo, sozinho.

A essência do ser não é divina e nem proveniente da criação que cada um recebe durante sua infância. Antes de se iniciar em seu projeto, o ser é nada. É a sua existência que o define como é. A essência é construída a partir das escolhas que o ser faz durante a sua vida. E escolher, sem saber qual será as consequências da ação, provoca angústia e desespero. Por afirmar que o ser está sozinho no mundo, irá questionar a existência de um ser divino, criador de todos os seres. Fato que irá definir a linha de pensamento do “existencialismo ateu”.

O movimento foi muito discutido e criticado nas décadas de quarenta e cinquenta, por apresentar um teor pessimista e mórbido, no entanto, não deve ser considerada apenas como tal. Pois afirma que o homem tem livre-arbítrio para escolher a definição do seu eu, e tem a responsabilidade de assumir as consequências dos seus atos. A angústia e o desespero são apenas objetos da consolidação da essência do próprio ser. A existência está em constante mudança, através das escolhas. Sem determinismo ou fatalismo. Não há destino ou interferências divinas. Apenas a vida sendo vivida de acordo com a liberdade individual do ser. Um projeto a ser construído.

[...] não é por nosso pessimismo que nos acusam, mas, no fundo, pela dureza de nosso otimismo. Se certas pessoas nos censuram por desenvolvermos seres pusilânimes, fracos, covardes, e, por vezes, francamente maus, em nossas obras de ficção, não é unicamente porque eles são pusilânimes, fracos, covardes ou maus, pois, se fizéssemos como Zola e declarássemos que eles assim são devidos à hereditariedade, por influência do meio, da sociedade, por um determinismo orgânico ou psicológico, todos se tranquilizariam e diriam: aí está, somos assim e ninguém pode fazer nada; o existencialista, porém, quando descreve um covarde, afirma que esse covarde é responsável por sua covardia. Ele não é assim por ter um coração, um pulmão ou um cérebro covardes; ele não é assim devido a uma qualquer organização fisiológica; mas é assim porque se construiu como covarde mediante seus atos. Não existe temperamento covarde; existem temperamentos nervosos, existem pessoas que têm 'sangue fraco' como diz o povo; ou temperamentos ricos; mas o homem que tem sangue fraco nem por isso é um covarde, pois o que cria a covardia é o ato de renunciar ou de ceder: um temperamento não é um ato e o covarde se define pelos atos que pratica. O que as pessoas, obscuramente, sentem, e que as atemoriza, é que o covarde que nós lhes apresentamos é culpado por sua covardia. O que as pessoas querem é que nasçamos covardes ou heróis.
(Jean-Paul SARTRE, 1970. Tradução: Rita Correia Guedes, p. 11-12)

Como principais autores dessa corrente filosófica, destacamos além de KIEKEGAARD (precursor do movimento) e SARTRE (difusor da corrente filosófica), as contribuições de Simone de BEAUVOIR, Albert CAMUS, Gabriel MARCEL, Karl JASPERS, Martin HEIDEGGER, Martin BUBER, Jean WAHL, Maurice MERLEAU-PONTY, Jose de ORTEGA y GASSET, Miguel de UNAMUNO, Nikolai BERDYAEV e Lev SHESTOV.

Cada filósofo terá uma abordagem diferenciada, mas existem temas fundamentais, debatidos pela maioria dos existencialistas:

- A razão humana é impotente para resolver todos os problemas da existência;
- O homem está sempre se fazendo e refazendo;
- O ser humano é frágil;
- A realidade nos aliena, nos torna estranhos a nós mesmos;
- A morte é uma presença constante na vida;

- Não se pode fugir da solidão;
- A existência é um mistério;
- O Nada provoca o ser humano a avançar.
- O ser humano é responsável pelo seu destino.
- O desânimo diante da vida.

Os temas referem-se a finitude, a solidão, o nada, o tédio, o segredo, a náusea, a angústia, o desespero, a preocupação com o projeto, o risco, o engajamento, a comunicação com o outro, a liberdade e responsabilidade, o devir, a inquietação, a contingência e a fragilidade da existência humana.

2.2 AS QUESTÕES EXISTENCIALISTAS EM SALA DE AULA

Ninguém nasce pronto. Ninguém nasce sabendo o que será quando crescer. Ninguém nasce com uma personalidade formada. Ninguém surge nessa vida feito, pronto para ser o que lhe foi programado ser. O ato de existir não é apenas um sopro, um suspiro, uma fecundação, um nascimento, um pulso vital do organismo vivo. É algo muito mais complexo do que isso. Existir é se autodefinir. Aceitar o seu eu e vislumbrar o que almeja. Definir aquilo que já se é para construir a sua essência de ser. Segundo o existencialismo, a existência precede a essência. Ou seja, o homem primeiro existe para depois buscar suas realizações, se define através das suas ações e do que faz com a sua vida. O ser humano tem a liberdade de trilhar o seu caminho e são essas escolhas que definirão a razão de sua existência, a sua essência, o seu eu.

O ser humano anseia por algo, mas o que ele realmente quer não pode ser alcançado. A vontade é efêmera, finita. O desejo inconsciente permanece. A satisfação em realizar esse desejo, torna-se imprescindível para encontrar sua essência. A busca existencial do ser humano consiste em satisfazer seus desejos inconscientes, construindo assim o seu eu. A essência humana seria formada a partir das experiências sensoriais e adquiridas durante a existência. No entanto, essa essência não é completa, necessitando o ser realizar constantemente os desejos que lhe surge a fim de completar seu vazio existencial. O ser humano possui uma essência inata, apenas em hibernação, para posterior despertar a partir das experiências vividas? Essa essência realmente existe? Ou é fruto do pensamento de filósofos e religiosos? Nossa vida será eternamente regida pela busca dessa essência? Para que buscar um

sentido para a existência, se simplesmente vivemos? Vivemos para nós mesmos ou para os outros? Realizamos aquilo que realmente desejamos? Ou apenas somos vitrines de realizações para mostrar ao outro o quanto somos capazes de concretizar nossos planos? Qual o verdadeiro sentido do existir? O que sou hoje será o mesmo amanhã? O ser humano constrói sua essência baseado naquilo que considera como sendo bom para si?

Segundo a corrente filosófica do existencialismo, a essência é mutável. É adquirida através das experiências vividas pelo indivíduo. A vida é uma escolha constante. E escolher entre as inúmeras possibilidades, um único caminho, torna a vida angustiante. Cabe ao homem assumir a sua responsabilidade diante do ato da escolha. A liberdade definirá o projeto de vida.

Tal forma de pensar está presente na vida de vários adolescentes. Vários são os momentos em que buscam sua definição, alcançar seus desejos, encontrar suas vocações, satisfazer suas vontades. Descobrir quem realmente são e o que realmente esperam da vida. As questões existencialistas estão presentes na sala de aula, no dia a dia dos alunos, professores e funcionários. Mas, as questões são mais latentes nos jovens, pois estes iniciam a sua aventura na autonomia do pensamento.

De acordo com o viés existencialista, a formação do futuro está nas mãos de cada indivíduo que se torna responsável pelas próprias ações, possuindo assim, autonomia política, social e moral. O sentido de seu existir depende unicamente das escolhas que faz durante sua vida. De acordo com as teorias construtivistas, a maturidade do pensamento inicia-se na adolescência. O ser constrói a sua essência através das decisões que toma no delinear de seu projeto. Portanto, é na adolescência que o processo angustiante da existência e da busca pela definição do seu eu, se inicia. É nessa fase que as questões existencialistas afloram, e o jovem tem uma necessidade de planejar o seu futuro, diferente daquilo que já viveu até então. Mas ainda não percebe que serão suas decisões, as suas escolhas que construirão aquilo que ele pretende ser. Define um plano de vida, metas e objetivos. Mas se determinada meta não é alcançada, direciona a culpa a fatores externos: Deus, destino, pessoas, compromissos. O amadurecimento pleno é alcançado apenas na fase adulta. Mas, dependendo de como foi o processo de amadurecimento na adolescência, a autonomia moral pode nem se consolidar. Permanecendo assim, o adulto com uma mente infantilizada, no sentido da aplicação dos valores, da consciência crítica e do senso de liberdade e responsabilidade. O crescer não é uma tarefa fácil, mas a Filosofia é um instrumento que possibilita o amadurecimento da forma de pensar e agir, através da consciência crítica e do autoconhecimento.

2.2.1 A INCONSTÂNCIA ADOLESCENTE: OS PRINCIPAIS QUESTIONAMENTOS DOS JOVENS

Como saber o que os adolescentes pensam? Quais são os principais questionamentos que afloram nas mentes tumultuadas pelas constantes transformações dessa fase? As dúvidas são constantes, e as respostas nem sempre surgem como eles querem. Para o levantamento dessas informações, fez-se necessário recorrer diretamente à fonte. Em amostragem, alguns jovens da faixa etária de 14 e 15 anos, colocaram em uma folha de papel em branco alguns de seus principais questionamentos. Foi solicitado o anonimato, para facilitar à escrita. Todas as questões recebidas serão transcritas, e o conjunto de questões (cada aluno escreveu mais do que uma) será enumerada de acordo com o número total de participantes da amostragem.

01. A minha primeira dúvida vai sempre ser: de onde eu vim? Não sei se vim de Adão ou de uma bactéria?! Segunda pergunta: Será que existem outros seres? Eu acredito que sim, mas sei lá, ninguém me explica. Pois eu já vi coisas que não parecem sair do pensamento de um ser humano! Da onde vem o *Déjà vu*? No momento em que escrevi isso tive um! Eu já vi essa cena. Eu tenho problemas com a minha religião. Assim vou explicar melhor! Todo mundo na minha família é evangélico, pelo menos os que eu conheço, mas nem todo mundo vai para a Igreja, mas todos, quase todos vão, mas sei lá, eu não gosto de ir. Por exemplo, eu agradeço a Deus por tudo, peço ajuda, mas sei lá, eu vou para a Igreja obrigado pelo meu pai. Mas eu não gosto. Sei lá, não sinto que algo muda. Mas quando tenho medo de algo eu peço ajuda a Ele e Ele me responde com a ajuda. Mas também não é ajuda como “quero dinheiro”, é tipo “me protege das pessoas más e dos fantasmas”, sim eu acredito que eles existem e vagam por ai!
02. Eu me pergunto, às vezes, por que algumas pessoas fazem mal para as pessoas boas?
03. Por que não sou notada? Por que não consigo ser responsável por meus deveres? Por que não me amam? Por que meus pais não confiam em mim? Por que não consigo seguir meus sonhos? Por que não sou bonita? Por que não me querem por perto?

04. Por que temos que fazer as coisas que não gostamos? Como vemos coisas mesmo em coma? Por que querem ser territorialista? Como seria a terra sem a evolução?
05. Por que os outros têm mais liberdade que eu?
06. Por que meu corpo não desenvolve? Eu posso ser quem eu sou sem ser julgada? Por que as pessoas me tratam como se eu não tivesse sentimentos?
07. Ainda me pergunto por que os meus amigos tem mais liberdade do que eu? Dentro da minha casa sou responsável, tenho “cabeça”, me dou bem no colégio. Diferente dos meus amigos que não fazem nem metade do que eu faço. Por que eu não tenho liberdade? Por que tenho que ser diferente no tratamento? Quero ser igual no tratamento como eles!
08. Por que tenho que seguir um padrão imposto a mim? Será que um dia serei o que eu quero ser? Por que os meninos tem mais liberdade que as meninas? Será que um dia eu vou ser livre? Vou poder amar e ser amada? Por que todos pensam no dinheiro enquanto eu penso no que amo fazer? Um dia serei bonita o bastante para os outros? Existe uma beleza universal?
09. As dúvidas que passam mais especificamente na minha cabeça são relacionadas aos pais. Por que o meu pai não deixa eu namorar? Será que é por causa dos ciúmes? Ou será por que ele acha que eu não tenho responsabilidade? Por que minha mãe não me deixa sair de casa e ficar até tarde na rua? Pelo visto ela acha que eu não tenho responsabilidade para isso!? Às vezes eu estou conversando e vou discordar dela e ela diz “não fala alto comigo!”. Por que ela fala isso se eu nem estou falando alto com ela?
10. Por que no sinal de trânsito, quando dá para a pessoa passar tem um homenzinho e um tempo embaixo e não uma mulher ou os dois?
11. Por que existimos? Por que ele pode e eu não posso? Sorte ou coincidência?
12. Por que existimos? Por que eu não posso sair de casa e ficar até às 23 horas? O que é o universo? O que tem além dele? Por que tudo é dinheiro?
13. Por que muitas pessoas comem muito e não engordam? Por que todos encontram um amor, menos eu? Por que não sou livre para fazer o que eu quero?
14. Quem são os outros seres que habitam o universo? E por que eles aparecem com frequência na terra? O que aconteceu com todas as civilizações antigas que desapareceram de uma hora para outra? Por que os homens insistem em

abusar moralmente das garotas na rua? Por que as pessoas insistem em gostar de quem não gosta dela? As pessoas em geral se diminuem muito, isso afeta a autoestima e tal. Por que isso acontece? Às vezes, eu mesmo me pego fazendo isso, acabo transmitindo isso para as outras pessoas. O bissexualismo é uma fase ou uma opção sexual apenas?

15. Eu tenho dúvidas sobre a primeira vez de uma pessoa. A maioria das minhas amigas pode sair de noite, por que só eu não posso? Como fazer um namoro durar? Por que a minha mãe não me entende?
16. Penso muito nessas questões de ser diferente dos outros. Por que todos podem sair e eu não? Por que é cobrado tanto de mim? Por que tanta pressão, desde sempre, nos estudos? E por que eu me afeto tanto com isso? Por que eu não posso ser como todo mundo, viver como todo mundo? Por que eu gosto tanto de pessoas que não ligam a mínima para mim e que eu nem deveria gostar? Por que eu me irrita tão fácil com minha mãe? Por que não consigo me abrir para ninguém e guardo tudo dentro de mim?
17. Por que a maioria dos adolescentes de hoje não dá a mínima para a moralidade, a honestidade ou a distinção do que é certo e o que é errado? Por que as pessoas que fazem coisas erradas são mais reconhecidas do que as que tentam agir corretamente? Assim, fazer o que é errado se torna orgulho e incentivo à maldade. Por que as pessoas desrespeitam aquelas que tentam fazer o que é correto, mesmo que estas façam de tudo para manter sua honra e dignidade e não mereçam tal desrespeito? Por que as pessoas acham que “os tempos mudaram”, então, agora adolescentes, crianças, podem fazer coisas que antes eram só de adultos, como namorar, falar palavrão, entre outras coisas? O que foi errado uma vez é e será errado para sempre!

Analisando os questionamentos, podemos elencar os principais temas abordados: [1] moral e ética, [2] religião, [3] existência, [4] responsabilidade, [5] liberdade, [6] corpo, [7] relações familiares e de amizade, [8] ideologias, [9] gênero, [10] amor, [11] sexualidade. Todas as questões permeadas por certa angústia e solidão, tão característica do existencialismo. Muitas questões podem permanecer sem respostas, mas ao elencar esses temas percebemos que podemos fazer uma ligação com a corrente filosófica do Existencialismo. Ressaltando que, a amostragem exemplifica questionamentos da fase inicial da adolescência. Alguns questionamentos permanecerão e outros serão acrescentados, de

acordo com o crescimento dos jovens. Um aluno de Terceiro Ano do Ensino Médio, por exemplo, possuirá outras questões em mente, mais voltadas para a escolha da profissão, da universidade, da vida social e sexual, do engajamento político e/ou artístico, da eminente emancipação dos pais, da liberdade e da responsabilidade.

2.2.2 A INCONSTÂNCIA ADOLESCENTE E O EXISTENCIALISMO: UMA PONTE COM A FILOSOFIA

“A juventude é o tempo de aprendizado da liberdade” (GUSDORF apud ARANHA, 1993, p. 290). É nessa fase, que o adolescente adquire o amadurecimento necessário. Amadurecimento da razão, do pensamento, do agir. Amadurecimento necessário para a formação de sua autonomia moral e crítica.

A adolescência e sua habitual inconstância, não existe em todas as sociedades. Não é um estágio universal. Os antropólogos constataam que em sociedades tribais a infância dá lugar ao mundo adulto através dos ritos de passagem. O jovem assume as responsabilidades da vida adulta, com direitos e deveres, assim que passa por determinados rituais.

Em nossa sociedade, o período da adolescência tem se ampliado cada vez mais, devido à prolongação dos estudos e a entrada tardia no mercado de trabalho. Quanto mais tempo o jovem levar para ingressar naquilo que se convém chamar de vida adulta, maiores serão os momentos de questionamentos, de dúvidas, de abandono, perdas e angústia. Perdem-se as características infantis, o colo acolhedor dos pais. Abandonam-se os objetos e brinquedos tão estimados. O corpo e a voz passam por transformações estranhas. Não se reconhece no novo corpo. Questiona sua própria identidade. Não é compreendido e não se compreende. Quer ser livre, mas é dependente. Ama e odeia na mesma intensidade. A aventura do algo proibido, longe da vista dos pais, que se tornam estranhos e repressores. O anseio de realizar todos os sonhos, de ser alguém importante. De fazer apenas o que gosta de fazer. Essa é a fase da ruptura, da crise, das mudanças, do medo, do crescimento.

Além disso, vive uma situação de ambiguidade: ao mesmo tempo que hostiliza os pais, deseja sua atenção; tanto deseja viver o novo estado quanto sente perder a familiaridade antiga, que lhe dava mais segurança; depende dos pais, de quem recebe casa, comida e afeto, mas diverge deles quanto aos objetivos de sua conduta; rejeita as interferências nas suas decisões, mas exige o apoio para sua subsistência.

Por outro lado, também a atitude dos pais é ambígua, pois em certos assuntos esperam dos filhos o comportamento adulto (por exemplo, nas responsabilidades de estudo) e, em outros momentos, tratam-nos como crianças (por exemplo, em relação à vida sexual). (ARANHA, 1993, p. 291)

Podemos analisar essa inconstância adolescente através da Filosofia. A adolescência é a fase crucial do amadurecimento da razão, preparando para a autonomia moral que a vida adulta exige. A Filosofia foi inserida obrigatoriamente no currículo escolar do Ensino Médio, para a faixa etária de 15 a 17 anos. No artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases (Inciso III do § 1º, Lei nº 9.394 de 20/ 12/ 1996), consta que o aluno ao final do Ensino Médio deve demonstrar o “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.”

Como o adolescente pode exercer sua cidadania? Tendo autonomia moral e política. Não aceitando qualquer informação como verdadeira. Tendo instrumentos para analisar as premissas e formular argumentos. O jovem exerce sua cidadania sendo um indivíduo crítico capaz de argumentar sobre qualquer problema, sabendo manter sua opinião e apresentar os argumentos válidos que comprovem aquilo que acredita. Ter autonomia de pensamento é não se deixar enganar pelas sombras da caverna.

Como já mencionado, a adolescência é uma fase crucial, pois dependendo de como foi direcionando a construção de sua autonomia do pensamento, esta, pode nem chegar a se concretizar na fase adulta. Cada aluno possui sua bagagem individual de conhecimento. O professor-mediador deve orientar os seus alunos à emancipação do pensamento, respeitando a bagagem que cada um possui. O professor não está na sala de aula apenas para a repetição massiva de conteúdo, mas para incentivar os alunos na busca pelo conhecimento. Infelizmente, nem sempre isso acontece. E as aulas tornam-se torturantes por que os jovens não entendem o porquê de determinados conteúdos serem importantes. Ao professor de filosofia cabe a missão dessa orientação mais profunda dentro dos valores morais e éticos. São essas aulas da disciplina de Filosofia, que despertarão a consciência crítica dos alunos. Ao iniciar o processo, o aluno percebe a sua dormência e comodismo diante da vida. Ao entrar em contato com os clássicos, e compreende-los, percebe que muitas de suas questões já foram abordadas por filósofos. Ao ser incentivado a problematizar as questões, começa a enxergar com outros olhos o mundo que o cerca. Com um olhar crítico, absorve as coisas de outra forma, e passa a debater mais profundamente os temas, defendendo a sua opinião embasada teoricamente. Sua consciência crítica estará desperta e ativa.

Para entender melhor os adolescentes, podemos relacionar seus conflitos e dúvidas com alguns conceitos da corrente filosófica do existencialismo, sendo estes: [1] liberdade, [2] responsabilidade, [3] dimensão corporal e [4] sexualidade. Eis a ponte entre os jovens e a Filosofia.

2.3 O EXISTENCIALISMO E A MÚSICA

A base do pensamento existencialista era o interesse pelo finito, ou seja, é essa corrente filosófica que definiu o homem como “um ser para a morte”. O homem tem consciência que sua morte será o término dessa vida. E necessita encontrar o sentido de sua existência. O ser humano é o único ser que tem consciência que existe. Segundo a maioria dos existencialistas, a única maneira de enfrentar e aceitar essa finitude era através das artes e do engajamento político. Nessas atividades poderiam dar sentido à brevidade da vida.

O existencialismo era moda em Paris, e os jovens considerados “existencialistas”, boêmios, reuniam-se em cafés e boates para ouvir jazz, dançar e principalmente discutir e trocar informações.

Existencialista e existencialismo eram palavras em moda após a segunda Guerra Mundial, particularmente no espaço intelectual de Saint-Germain-des-Prés. *Existencialista* servia para qualificar uma maneira de pensar e viver. Um (a) existencialista era aquele (a) que pensava e vivia assim: “abordávamos nos salões com a fórmula: você é existencialista?”. Saint-Germain-des-Prés inteiro fervilhava com o ruído das páginas de *Temps Modernes*, febrilmente folheadas. (KANAPA, 1947, p. 11)

A música jovem foi influenciada pela corrente filosófica do existencialismo a partir da década de 1970. Em Paris, a música existencialista é representada pela voz expressiva de Juliette Gréco e pelo trompete de Boris Vian. O repertório de Gréco coloca em primeiro plano a mulher, aquela que é mencionada por Simone de BEAUVOIR em sua obra *O Segundo Sexo*, a que busca seu direito à liberdade. O pensamento de Sartre também irá exercer influência no meio artístico brasileiro, principalmente no que diz respeito à Contracultura existente nas décadas de 1960 e 1970: no movimento do “Tropicalismo”, as canções de protesto e nos Festivais de Música Popular Brasileira, que foram inspirados pelo existencialismo sartreano e pelas ideias de liberdade e engajamento político.

3. OS RECURSOS AUXILIARES NO ENSINO DE FILOSOFIA

Com o passar dos anos a didática empregada nas escolas, modificou-se consideravelmente. As constantes reformas educacionais possibilitaram a manutenção ou exclusão de algumas disciplinas da grade curricular. Pode-se assim, afirmar que a educação está vinculada a períodos na História. Sendo modificada de acordo com ideologias, políticas extremistas, teorias econômicas e religiosas. Novas ciências foram surgindo e sendo incorporadas aos conteúdos escolares, assim como algumas outras entraram em desuso, tornando-se um conteúdo obsoleto e desnecessário.

Se os métodos educacionais estão relacionados com o tempo em que vivemos, quais são as principais modificações que encontramos no ensino no século XXI? A Era Virtual, da Globalização, permitiu um acesso maior às informações. Mas a Escola conseguiu se adaptar à velocidade de informações da internet? Utiliza essa nova fonte de saber em seu próprio benefício? Ou ainda se mantém arcaica e utilizando-se de métodos tradicionais de ensino? A era informatizada possibilitou um acesso maior ao sistema educacional, devido às plataformas on-line de ensino. O aluno ganha um novo espaço fora do ambiente tradicional de sala de aula, mas sua responsabilidade aumenta, pois terá autonomia nos horários de acesso à plataforma, e prazos a cumprir mais rígidos, sendo responsável pela aquisição do conhecimento. Essa é uma realidade possível ao nível acadêmico de formação. Mas a preparação para o acesso universitário, o sistema educacional de nível médio? Os alunos estão saindo das escolas aptos para exercer o seu papel de indivíduo crítico, argumentativo e um cidadão consciente de suas aptidões e funções políticas e sociais? Ou apenas são maciçamente preparados para exercer uma função remunerada, sem vínculos com suas aptidões naturais, pois o mercado de trabalho necessita de mão de obra qualificada e “certificada”? Qual a importância das disciplinas ministradas no Ensino Médio? Qual o papel do ensino de Filosofia? Por que essa disciplina pode ser considerada perigosa ao ponto de ter sido retirada das grades curriculares das escolas durante o período da ditadura militar no Brasil? Como prender a atenção do aluno, em um período que celulares, *tablets* e computadores são mais atrativos do que quatro paredes em tons neutros, carteiras metodicamente enfileiradas, e um grande quadro verde emoldurado em madeira marrom onde o pó de giz se acumula em um beiral que apoia um apagador de madeira e feltro?

O Ensino Médio no Paraná apresentou uma relativa queda de qualidade nas escolas públicas e particulares. Os números do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação

Básica) de 2013 ficaram abaixo do esperado pelo MEC. Claro que essa relativa perda de qualidade se deve a diversos fatores, políticas educacionais não adequadas, infraestrutura precária das escolas públicas, elevado número de evasão escolar, corpo docente não preparado didaticamente, etc. Os alunos não aprendem tudo que deveriam aprender nos três anos de Ensino Médio. Muitas vezes são lançados para o ano seguinte pelo Conselho Escolar no final do ano, não apresentando o conhecimento necessário para seguir adiante, criará uma deficiência em determinados conteúdos, que prejudicará a totalidade de saberes que deveria adquirir durante o período escolar. Sem compreender o conteúdo, a tendência é a repetência. E com o número de repetências, aumenta o número de evasão escolar e conseqüentemente o abandono dos estudos, ampliando o número da geração “nem-nem” (jovens que nem estudam, nem trabalham). Muitos jovens alcançam a Universidade sem saberem o conhecimento básico de escrita, interpretação e cálculo, ou seja, chegam ao nível acadêmico como analfabetos funcionais, sem saberem escrever de forma culta, e interpretarem textos e enunciados de forma correta. Muitos jovens, calouros, pensam se tratar a Faculdade, de uma extensão do Ensino Médio, não dando o devido valor que essa fase de iniciação científica proporciona ao desenvolvimento intelectual, e acostumado ao tradicionalismo escolar, espera o professor despejar os saberes, esquecendo-se que nessa fase é sua autonomia que fará a diferença em seu diploma.

É preciso repensar a educação no Ensino Médio. Há muito para fazer e melhorar. Reformular conteúdos aproximando-os da realidade dos alunos. Utilizar uma didática mais atual, dinâmica e atrativa, através do uso das tecnologias nas aulas. Professores com melhor formação e remuneração. Uma gestão mais profissional, dando ênfase à qualidade do ensino e não a quantidade. O Ensino Médio não deve apenas preparar trabalhadores. Mas dar a oportunidade dos jovens escolherem o seu caminho. Um leque de possibilidades a ser desvendado e aprimorado. Mesmo sendo um ensino técnico, que este lhes proporcione um degrau na sua vida acadêmica. O aluno deve sair do Ensino Médio preparado para exercer a cidadania expressa nos documentos educacionais do MEC. E para exercer essa cidadania é de suma importância que o jovem assimile os conteúdos que lhe possibilitem uma formação crítica e argumentativa. E tal formação é conseguida através das disciplinas da área de Humanas.

A principal arma do professor é o domínio do conteúdo e a forma como transmite esse saber. Ao dominar o conteúdo o professor é livre para apresenta-lo da maneira que lhe for mais rentável. O modo como apresenta tal conteúdo deverá levar em consideração a realidade dos alunos. Como o aluno poderá assimilar um conteúdo que nunca vivenciou? O que esse

conteúdo lhe será útil em sua vida a partir daquele momento? Qual a necessidade de aprender algo que nunca fez parte de sua realidade? Poderá ser aplicado no futuro ou ficará guardado em anotações esparsas nos cadernos? É nesse momento que a didática do professor faz diferença. Um professor é capaz de prender a atenção dos alunos, quando apresenta o seu conteúdo de uma maneira que os alunos nunca vivenciaram, e ainda sim, percebem que tal conhecimento é de suma importância para sua formação. Mas como fazer isso? Como chamar atenção de alunos que estão 24 horas “conectados”, e a sala de aula representa uma retenção de suas liberdades individuais? Apenas através do uso de metodologias diversificadas com o auxílio das tecnologias atuais, pode-se vislumbrar uma aceitação melhor das disciplinas escolares, consideradas metódicas para a maioria dos alunos.

Um dos recursos mais utilizados pelos professores é a utilização da arte para apresentar os conteúdos filosóficos. Há muito para se falar da relação entre filosofia e arte, mas a presente pesquisa será direcionada na utilização da música como recurso pedagógico auxiliar, abordando principalmente o uso de vídeos como facilitador do processo de assimilação dos temas existencialistas e filosóficos.

Aproveitando o gancho das questões abordadas pelos adolescentes, e sabendo que a maturação do pensamento pode ocorrer apenas depois da vivência escolar do Ensino Médio, o recurso audiovisual parece ser viável, pois se aproxima da realidade juvenil e facilita na compreensão dos conceitos.

3.1 ENSINANDO FILOSOFIA COM MÚSICA

Existem várias linguagens que podem ser utilizadas como recursos para proporcionar uma sensibilização no ensino de Filosofia. O conteúdo filosófico transmitido da maneira tradicional, apenas apresentando os textos clássicos, muitas vezes de difícil compreensão, os debates e produções textuais, pode comprometer o processo do filosofar. Os conceitos podem ser decorados facilmente para obtenção de nota, uma produção textual pode apresentar todas as palavras-chaves, mediante uma “decoreba” de nomes, datas e premissas. Os debates podem apresentar ideias rasas, apenas com a intenção de concluir a atividade. A Filosofia não é a simples repetição do que já foi dito, mas a contestação da verdade apresentada. Eis o desafio para os professores dessa área do saber: Sensibilizar o aluno. Torná-lo consciente de suas ideias e da formulação crítica de seus pensamentos.

A palavra sensibilizar significa: “tornar sensível; causar abalo; comover; abrandar o coração” (BUENO, 1986). Sensibilizar um aluno significa [1] chamar a sua atenção sobre algo; [2] despertar ideias; [3] mexer com as suas ideias, [4] alertá-lo para que fique consciente da autonomia de seu pensamento e [5] impactar sobre a importância do pensamento crítico para viver em sociedade.

Não existe uma regra específica para preparar uma boa aula de Filosofia. Mas para melhor assimilar os conteúdos é necessário que as aulas sejam dinâmicas e divertidas. Essa sensibilização pode ser feita através de recursos que aproximem o conteúdo com a realidade dos alunos. Os professores fazem uso de games, filmes, poesias, desenhos, pinturas, músicas. Artes e filosofia são antigas companheiras. Em particular a música, que está presente nos discursos filosóficos desde a Antiguidade. PLATÃO afirmava que a “a música é um meio mais poderoso do que qualquer outro porque o ritmo e a harmonia têm a sua sede na alma”. Para ARISTÓTELES, “a música tem o poder de formar a personalidade e podem-se distinguir os diferentes gêneros de música fundados em diferentes modos pelos seus efeitos sobre o caráter. Tal gênero determina a melancolia, aquele outro a moleza; neste encoraja o abandono, este outro o autodomínio, e outro ainda desperta o entusiasmo”.

Os efeitos que a música provoca no indivíduo assemelha-se aos sentidos despertados pela filosofia. Melodia, escala, harmonia, dissonâncias. Até mesmo a pausa na música revela-se filosófica. Após a dúvida, vem o silêncio, o raciocínio, a preparação da resposta. A pausa da dúvida, do que vem depois. A pausa premedita uma resposta à primeira parte melódica que foi lançada. Assim podemos enxergar a filosofia. Uma composição de ideias, com pausas e notas que se encaixam e modificam-se de acordo com quem a interpreta.

Conceitos filosóficos podem ser encontrados nos mais variados estilos musicais. Em baladas que fazem sucesso ou naquelas que poucos conhecem. Em músicas antigas ou atuais. A composição pode ser interpretada de diversos modos, mas o conceito permanece. Através das artes, principalmente da música, as ideias de vários filósofos passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Não há uma metodologia específica para inserir a música no ensino de Filosofia, mas ela é um recurso que não pode ser descartado pelos professores. Para se atingir o objetivo de sensibilizar os jovens para o pensar, o professor deve incentivá-los na busca por músicas que apresentem conceitos filosóficos. O conceito em si ainda não é conhecido, mas as músicas que estejam escutando no momento podem apresentar uma descrição de tal conceito. Cada aluno tem o seu gosto musical, mas dentro de seu gosto também se esconde um conceito filosófico, que pode ser trabalhado inicialmente pelo professor. A História da Filosofia torna-

se mais compreensível quando apresentada através de uma linguagem simples e popular. Os textos clássicos são utilizados como norteadores teóricos, pois o conceito já terá sido assimilado.

O professor pode utilizar esse recurso durante todo o ano letivo, ou apenas para apresentar alguns conceitos. Independente da metodologia utilizada, a música é um recurso fundamental para despertar o aluno para o processo filosófico.

3.1.1 ENSINANDO FILOSOFIA ATRAVÉS DE VIDEOCLIPES

Os alunos da geração globalizada e conseqüentemente informatizada estão familiarizados com os recursos tecnológicos e os benefícios que os acompanham. Integram com a conectividade e redes sociais virtuais, como as gerações passadas interagiam com os livros e brincadeiras de rua. Em qualquer lugar e a qualquer momento os jovens estão “conectados” e podem ter acesso às várias mídias disponibilizadas pelo acesso rápido às redes.

No mar tecnológico em que nos encontramos atualmente, cabe ao professor ter a iniciativa de enfrentar os desafios da sala de aula, munidos não apenas das tradicionais “armas” da educação, mas saber inserir recursos que estimulem a reflexão nos alunos. Como saber escolher essas “novas armas”? Simples, basta pensar como eles.

O cotidiano de um adolescente é repleto de informações, a qualquer momento uma dúvida que possa ter é sanada digitando as palavras chaves em uma barra de endereços eletrônica. Os trabalhos solicitados em sala de aula são resolvidos rapidamente com um “Ctrl+c / Ctrl+v”. Um automatismo eletrônico que pode levar à ausência da atividade reflexiva. Com a tecnologia atual, a internet possibilita a facilidade de acesso ao conhecimento, mas é necessário ter a mediação correta.

A educação é uma troca. Os indivíduos só aprendem aquilo que lhe for de seu interesse. E cabe ao professor saber utilizar os recursos tecnológicos disponíveis, conhecer seus alunos e despertar o interesse dos mesmos. Uma aula só se torna atrativa quando os alunos sentem-se familiarizados com aquilo que está sendo exposto. A utilização de recursos audiovisuais possibilita uma melhor compreensão dos conceitos abordados, facilitando a leitura do livro didático.

Um dos recursos audiovisuais que pode ser explorado pelos professores em sala de aula é o videoclipe. Assim como o cinema, muito utilizado por professores de filosofia para dinamizar suas aulas, os videoclipes também apresentam algumas características peculiares similares a famosa sétima arte. O videoclipe é permeado pelo hibridismo, apresentando sons, cores, imagens em movimentos e uma história.

Existem grupos diversos de adolescentes, seus gostos musicais são diversificados, mas todos esses jovens possuem uma característica em comum: os questionamentos muitas vezes sem respostas, as dúvidas que permeiam suas mentes, crises internas e que parecem sem solução. Mesmo que as questões apareçam em idades diferentes, algumas são cruciais e estão muitas vezes relacionadas a conceitos filosóficos como os de liberdade, responsabilidade, corpo e sexualidade / gênero.

Para melhor utilização desse recurso o professor deve conhecer previamente seus alunos, para então buscar os materiais que possam aproximá-los do universo filosófico. Cada geração é diferente da anterior, mas a linguagem da música nunca se esgota. Podem surgir bandas diferentes, gêneros diferentes, mas se o alvo for fazer música para o público adolescente, as letras apresentam um mesmo padrão de informação. Ao apresentar um videoclipe, espera-se que o aluno possa elencar alguns conceitos filosóficos, através da observação das imagens, e da letra das músicas.

3.2.1 RELACIONANDO AS IMAGENS E A LETRA DA MÚSICA COM OS CONCEITOS FILOSÓFICOS

O videoclipe é um recurso híbrido e um produto da indústria cultural. Como produto ele é produzido para seduzir o telespectador. Para incentivar a compra de mais produtos oriundos daquele artista. Mas, como já citado anteriormente, alguns artistas incorporam conceitos filosóficos em suas obras, permitindo que a Filosofia adentre o cotidiano das pessoas. Muitas vezes, a composição apresenta um conteúdo completamente diferente das imagens. Corre-se o risco de apenas ouvir a música e julgar as imagens sem perceber o teor filosófico que apresentam. Por esse motivo, a metodologia empregada para analisar um videoclipe não pode seguir os padrões formais de uma análise, pois corre o risco de ser analisada apenas por sua letra e melodia, deixando de lado as imagens, ou vice-versa.

Para analisar e interpretar uma obra audiovisual é necessário impor limites, desconstruir e reconstruir (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ em SOARES, 2004, p. 95). Segundo VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, existem algumas normas para interpretar esse recurso, sendo: [1] Semântica, o sentido daquilo que se está lendo ou ouvindo; [2] crítica, o porquê e como, o que se está lendo ou ouvindo produz sentido; [3] utilitária, a descrição ou interpretação do que se está lendo ou ouvindo, que pode levar o analista a formular hipóteses e estabelecer conexões entre o sentido e os signos.

Segundo Tiago SOARES (2004, p. 96),

[...] As três naturezas interpretativas do audiovisual, segundo Vanoye e Goliot-Lété, servem de pontapé inicial da etapa marcadamente descritiva de toda análise. Descrever é, sistematicamente, entender sobre determinada tessitura de imagens, vislumbrando clareiras e brechas no que podemos chamar de “intervalos” de conceitos.

Pensando especificamente o videoclipe, desconstruir um signo ou buscar uma interpretação de cunho utilitário é: a) buscar relações existentes entre o que está exposto no videoclipe e o contexto em que o referido clipe foi lançado, entendendo o contexto, sobretudo, como uma referência ao universo do artista em questão; b) vislumbrar de que forma o diretor do clipe está articulado ao artista que protagoniza o vídeo; c) delinear de que maneira se dá o processo de semiose do conceito de um álbum (CD) com o videoclipe; d) perceber como os maneirismos estéticos de um videoclipe são parte integrante de uma dinâmica estratégica das gravadoras.

Para analisar um videoclipe é necessário questioná-lo para compreender o sentido atribuído à composição. Verificar seus aspectos positivos e negativos e as principais ideias que estão sendo transmitidas.

Ainda de acordo com SOARES (2004, p.96-97)

Numa análise, deve-se evidenciar papéis ficcionais e sociais protagonizados no clipe, tentando entender como se encaixam determinados personagens num “lugar” da sociedade. É função da análise também perceber como se dão as lutas ou desafios propostos (quando há) por uma narrativa no videoclipe e de que forma aparecem lugares e são concebidos os espaços temporais. Analisar um videoclipe é interrogar o clipe: por que foi feito desta forma? Atrelado a que contexto se tem configurado determinado maneirismo estético? O clipe galgado na narrativa está inserido numa dinâmica da sociedade encenada, operando com escolhas, organizações de elementos, decupando o real a partir de uma configuração de imaginário que condiga às estratégias de divulgação de determinado artista da música pop. Temos, portanto, um ponto de vista musical para aspectos do mundo.

Ao empreender a análise do videoclipe, devem-se seguir alguns questionamentos relacionados ao posicionamento do artista, o espaço e o tempo narrados no videoclipe. Como o artista se apresenta no clipe? Como protagonista ou apenas conta uma história encenada por outros personagens? Há movimento ou dança? Como a coreografia relaciona-se com o

contexto? Se há uma história, como ela contada? A história está relacionada à composição? O cenário expressa o que a composição quer transmitir? A passagem de tempo como é feita? A narrativa segue o tempo da música? Ou a narrativa segue cortes temporais? Quais são as cenas enigmáticas? O que essas cenas podem representar dentro do contexto vivenciado pelo artista? Quais são os valores afirmados e os que são negados no videoclipe? Qual a proximidade com a realidade? O videoclipe descreve uma realidade fictícia ou aproxima-se do cotidiano dos ouvintes? Qual o teor filosófico que pode ser abstraído do clipe? Quais os conceitos que podem ser relacionados aos temas apresentados nos videoclipes? Como relacionar as imagens com os conceitos filosóficos? Podem surgir inúmeras questões de acordo com a temática apresentada, mas o essencial é incentivar os alunos a enxergarem além dos cenários, da iluminação e do roteiro.

O importante na análise é desconstruir as imagens, para conseguir criar os significados. A desconstrução das imagens é um processo similar ao ato de filosofar. Só encontra uma resposta aqueles que estão dispostos a enxergar com outros olhos a questão. Palavras não podem ser aceitas como uma verdade absoluta. Todas as coisas podem ser questionadas, pois nada é imutável. Sempre haverá outra visão para todos os problemas existentes. Possibilitar o contato com o processo filosófico é proporcionar a libertação do pensamento.

Para o presente trabalho, alguns videoclipes foram analisados, dando preferência para os que remetiam a valores existencialistas. O ponto principal da análise é relacionar as questões dos jovens com os valores filosóficos. Para cada um a análise do conteúdo do clipe será diferente, pois os conhecimentos prévios são diferentes. A letra da música apresenta a possibilidade de leituras diversas, e cada um pode interpretá-la da maneira que melhor compreender. Muitas vezes, as imagens estão relacionadas ao contexto apresentado pelo autor na composição, facilitando a compreensão do tema abordado. Mas, o vídeo também pode apresentar uma história completamente diferente. Nessas diferenças, vários pontos de vistas, várias vivências, várias histórias desmembradas em um único som.

3.2.1.1 *Everybody's Fool*, Evanescence (Anexo A)

Apesar de ser um hit antigo, o álbum “*Fallen*” (2003 – álbum de estreia), da banda norte-americana Evanescence, está repleto de conteúdo que pode ser explorado em sala de

aula pelo professor de filosofia. A começar pelo nome da banda, termo que significa “efemeridade; fugaz ou efêmero. Qualidade do que tende a se dissipar; que se altera ou se transforma.” (dicio.com.br). Questões sobre o eu, aceitação, morte, relacionamentos prejudiciais, infelicidade, superficialidade midiática. Os videoclipes dos principais *singles* apresenta um elemento interessante para ser analisado: a presença do espelho. O refletir da imagem; a busca pela essência.

Na canção *Everybody’s Fool* (Evanescense, álbum *Fallen*, 2003), tanto a letra como o vídeo podem ser analisados. Letra e imagens se complementam, facilitando a análise. A canção foi escrita por Ben Moody, Amy Lee e David Hodges. Pelo contexto apresentado pela autora, a música aborda sobre as celebridades que sustentam uma imagem falsa. Apresenta uma crítica à música pop feminina dos Estados Unidos. Em entrevista, Amy Lee, afirmou que escreveu a música sobre a perspectiva da sua irmã, que estava obcecada pela imagem *hollywoodiana* do cenário *pop*, com seus ídolos femininos falsos. Sua irmã percebeu o quão vazio era seu ídolo, como todos os astros *popstars* que aparentam uma imagem perfeita na mídia, e são “copiados” por seus fãs. Nas palavras de Amy Lee: “A canção não é sobre Britney Spears; é sobre uma porção de pessoas nesta indústria. É tão falsa essa imagem que *Hollywood* passa. 'Olhe para o quão perfeita eu sou'. Ninguém, de fato, é assim. É tudo falso e é realmente doloroso ver uma porção de garotas e mulheres pegando essas autoimagens para si. Onde foram parar todas as pessoas normais?”.

Após compreender o contexto apresentado pela compositora, a letra da música fica clara ao ser analisada. No entanto, ao se vincular com a história contada no videoclipe, a letra pode ganhar infinitos significados, de acordo com quem a analisa. O videoclipe aborda sobre o mundo “perfeito” que a mídia propaga. Um mundo repleto de falsidades e imposições sociais. A personagem é uma garota propaganda que vende a marca “*lies*” (mentiras), aparenta ser perfeita e feliz, no entanto, vive em constante conflito consigo mesma.

O cenário do início do vídeo, apresenta o padrão típico da família americana. Pessoas felizes e solícitas, reunidas na sala de jantar, a espera do prato preferido: Pizza de Pepperoni. Uma moça perfeita sai da cozinha com a pizza e é recebida alegremente pela família. A música de fundo, uma melodia alegre e instrumental, remete a esse cenário feliz e descontraído. A moça perfeita apresenta o produto a ser vendido através do seguinte slogan “*there’s nothing better than a good lie*”, em tradução literal “não há nada melhor que uma boa mentira”. A marca anunciada: *Lies*.



Imagem 01 – propaganda 1: “*there’s nothing better than a good lie*”

A música feliz evanesce e o som das guitarras inicia de um modo lento e gradual, levando a troca de cenário. Um toque de suspense na melodia para apresentar uma pessoa caminhando sozinha em um ambiente sombrio. O som instrumental da introdução da melodia permanece nos primeiros 20 segundos, apresentado a realidade vivida pela garota propaganda. Uma vida solitária e depressiva, que chega a ser até mesmo ridicularizada quando é reconhecida pelo “público”, representado por duas garotas em um elevador. A história apresentada no clipe intercala entre a vida perfeita apresentada pelas propagandas e sessões de fotos e a vida sem sentido e infeliz retratando a realidade vivida pela personagem. Uma vida solitária, mergulhada em lágrimas e antidepressivos.

A sequência de imagens a seguir retrata as quatro propagandas apresentadas na história do videoclipe. As palavras são traçadas de uma maneira atrativa e convidativa. Uma falsa sedução para camuflar o real significado.



Imagem 02 – Propaganda 2: “*Aim Higher*” – aspire; almeje mais alto



Imagem 03 – Propaganda 2: “*Get Louder*” – fique mais alto



Imagem 04 – Propaganda 2: “*Be Somebody*” – seja alguém



Imagem 05 – Propaganda 2: “*Enjoy*” – aprecie



Imagem 06 – Propaganda 2: “*Forever*” – para sempre / “*Lies*” - mentiras



Imagem 07 – Propaganda 3: “*Buy Me*” – me compre



Imagem 08 – Propaganda 3: “*Love Me*” - me ame



Imagem 09 (Propaganda 3): “*Own me*” – me possua



Imagem 10 – Propaganda 3: “*Use me*” - me use



Imagem 11 – Propaganda 3: “*Sweet Little Lie*” - doce mentirinha



Imagem 12 – Propaganda 3: “Crazy!” – Louco (a)



Imagem 13 – Propaganda 1: “Ugly?” – feia (o)?



Imagem 14 – Propaganda 2: “worthless!” – inútil!



Imagem 15 – Propaganda 4: “Lies – follow your passion” - mentiras: siga a sua paixão

A história apresentada no vídeo pode ser interpretada de uma maneira diferente do contexto da composição. A letra apresenta a mentira produzida pelos empresários da indústria fonográfica e propagado pela mídia apresentando uma “vida perfeita e imaculada” de artistas da música *pop*, que dessa maneira são idolatrados por crianças e adolescentes.

Com relação à história contada no vídeo, a primeira análise que pode ser feita é com relação à composição da imagem. Dois mundos se revezam na tela, um repleto de cores e luminosidade e outro cinza e triste. Os cortes de transição de um mundo para o outro são bruscos, o observador entra naquela realidade de uma forma violenta. No mundo midiático, a cor e a vivacidade das cenas representam felicidade, entusiasmo, diversão e até mesmo simplicidade e serenidade. As informações escritas brilham na tela, ressaltando que aquele mundo é possível se o indivíduo consumir o produto a venda, nesse caso, “mentiras”. A primeira informação é exatamente essa, que “não há nada melhor que uma boa mentira” (“*there’s nothing better than a good lie*”). Dando sequência as propagandas, as informações são quase imperativas: almeje mais alto, fique mais alto, seja alguém, aprecie, compre-me, ame-me, possua-me, use-me, siga a sua paixão. Representa a direção que a pessoa deve seguir, idealizando a ideia falsa da “*pop idol*” pré-fabricada, fútil, delicada e glamourosa.

Uma “doce mentirinha” feita para durar “para sempre”, uma falsa vida normal e perfeita. As informações finais das propagandas intercalam com a realidade sombria, apresentando o que se esconde por trás da máscara da vida perfeita: “louca!”, “Feia?”, “Inútil!”

No mundo real, cores escuras e uma luminosidade opaca e desbotada, representam a frieza, a solidão, a depressão, a tristeza, a dor e a incompreensão. A realidade sem maquiagem, por trás das câmeras, da máscara, da mentira.



As cenas retratam a solidão [imagem 16] e a maneira encontrada para escapar dessa sensação [imagem 17]. Muitas vezes a tristeza depressiva pode ser controlada por medicamentos, dando a falsa ilusão de felicidade.



A tesoura pode representar um corte na imagem idealizada. A não aceitação da imagem produzida para agradar os demais. O rompimento com a mentira de uma vida de aparências. O cabelo é um símbolo da beleza. Cortá-lo representa a mudança da imagem, pois a personalidade de uma pessoa pode estar relacionada com a aparência de seu exterior.

Dependendo do corte do cabelo, uma pessoa pode aparentar ser romântica, ousada, extrovertida, tímida, ativa. Aparência externa que muitas vezes não representa a aparência interior.



A imagem 19 representa o apego às lembranças irreais. A boneca que a personagem segura é a mesma apresentada na propaganda 3 [imagens 7 a 12] e pode representar a manipulação[marionete]. No contexto da música e do videoclipe, a manipulação vivenciada pelos artistas *pops* que vendem uma imagem falsa de perfeição, para continuar sendo um sucesso na mídia. Para continuar vendendo seus discos e produtos, são manipulados pelos empresários, que criam a imagem do ídolo de acordo com o público que querem alcançar. O uso da imagem de marionetes é recorrente em alguns videoclipes de artistas *pops*. Principalmente quando esses artistas buscam uma gravadora independente e rompem com os antigos empresários. Em uma segunda análise, essa manipulação também está presente na vida normal. Qual a imagem que passamos para os outros? Mostramos quem realmente somos? Ou somos produtos, seguindo tendências que a mídia vende? As pessoas nos aceitam por aquilo que realmente somos ou por como aparentamos ser? O sorriso no rosto é uma máscara? O excesso de maquiagem é apenas vaidade feminina? Os cabelos ousados e coloridos refletem nossa personalidade? Ou somos apenas aquilo que as pessoas querem que sejamos? Um produto da sociedade. Quem definiu o padrão de beleza que as pessoas seguem avidamente? Onde quem é bonito é feliz e perfeito. Apenas a imagem de um corpo sem essência. Onde está a liberdade se para ter uma vida considerada perfeita deve-se seguir padrões estipulados por uma sociedade preconceituosa e conservadora?



Imagem 20 – vida real: padrões / diálogo

DIÁLOGO da imagem 20:

-- *É a garota do comercial lies? É ela, mesmo?*
 -- *Acho que sim. É ela sim! Vou perguntar. Com licença, você é quem eu estou pensando que você é?*
(A personagem representada por Amy Lee balança a cabeça dizendo “não”)
 -- *É ELA SIM!*
 -- *É ela sim. Parece ser bem mais velha do que mostra o comercial.*
(incredulidade das moças loiras e risos de deboche)

Na imagem 20, podemos perceber os padrões estipulados no breve diálogo que acontece sob a música. No contexto da composição, duas moças encontram a artista em um elevador e percebem que sua aparência é muito diferente da apresentada pela mídia. A realidade é percebida. A imagem perfeita é vazia e fútil. A essência da alma é perdida quando se busca constantemente a aceitação das pessoas.



Imagem 21 – vida real: reflexão / espelho



Imagem 22 – vida real: reflexão / espelho

O espelho é a imagem refletida. Segundo o dicionário *Michaelis*, reflexão significa, em um sentido filosófico,

(...) atenção aplicada às operações do entendimento, aos fenômenos da consciência e às próprias ideias. **10** Consideração atenta de algum assunto; cálculo, raciocínio; aplicação do entendimento, da razão. **11** Argumento, comentário, observação, ponderação. **12** Argumento contrário, objeção, réplica. **R. completa, Filos:** o estudo do pensamento; a razão debruçando-se sobre si mesma.
 (<http://michaelis.uol.com.br>)

Uma meditação sobre o próprio espírito. O espelho representa a reflexão sobre o próprio eu. Quem realmente você é? Você aceita a imagem refletida? Aceita quem é

independente dos comentários de quem o cerca? Cria um personagem e vive essa mentira que o espelho apresenta? A não aceitação da imagem refletida está representada na quebra do espelho. Na imagem 22, há mais de um espelho, e pode ser interpretada como as várias imagens que surgem no momento da meditação. Uma dessas imagens não é aceita, provocando a reação da quebra [imagem 21]. O espelho também aparece na imagem 20, no elevador. O refletir é um processo filosófico, muitas vezes tumultuado e confuso, pois implica no abandono de alguns padrões, convicções e crenças. Para refletir é necessário abandonar o que se acredita, desconstruir algo considerado como verdadeiro para encontrar o real significado do que nos cerca. Abandonar padrões é virar as costas para a normalidade imposta pela sociedade.



O ato da reflexão também pode ser percebido na imagem 23. A personagem mergulhada na banheira. A água também pode refletir a imagem. Nesse caso, uma fuga. Seria uma tentativa de suicídio ou uma tentativa de afogar a realidade? Sendo entendido o afogar, como uma possibilidade de esquecimento. Quantas vezes, em meio ao sofrimento [imagem 24], ideias de abandono e suicídio não perpassaram a cabeça? Seria uma fuga fácil para os problemas considerados sem solução prévia. Uma atitude cômoda, de quem não quer continuar a reflexão para encontrar a verdadeira essência dos fatos.

Como exemplo filosófico, pode-se trabalhar o Mito de Narciso e sua paixão pelo seu reflexo. No foco existencialista, como proposto pelo presente trabalho, podemos analisar a questão da liberdade, da responsabilidade, e do corpo, expressas por Sartre. Somos livres para escolher o que ser e responsáveis pelas escolhas que nos definem. O corpo pode ser definido por aquilo que é (ser-para-si), pelo que os outros percebem (ser-pelo-outro) e pela experiência de ser conhecido pelo outro em função do corpo (corpo-pelo-outro).

3.2.1.2 *I Could Be The One* (Nicktim), Avicii e Nicky Romero (Anexo B)

A canção *I Could Be The One*, também conhecida como *Nicktim*, foi produzida e gravada pelo DJ sueco Avicii com a colaboração do holandês Nicky Romero. A vocalista sueca Noonie Bao empresta apenas sua voz, não tendo nenhum crédito na composição ou produção do *single*. A música eletrônica e instrumental foi lançada em 2011 e sua versão vocal em 2012. O videoclipe foi dirigido por Peter Huang e ganhou o primeiro lugar na categoria “vídeo de música não europeia”, no Young Director Award de 2013, em Cannes.

A letra se prende nos seguintes versos: “*I could be the one to make you feel that way / I could be the one to set you free*”, em tradução literal, “Eu poderia ser o único que fará você se sentir daquele jeito / Eu poderia ser o único que libertará você”. Em termos filosóficos podemos iniciar a análise com o questionamento e desconstrução da letra. O que as pessoas pensam na solidão? [“*Do you think about me when you're all alone?*”]. Quando ninguém está por perto, em que as pessoas pensam, como agem? [“*Do you think about me when the crowd is gone?*”]. O que as pessoas fazem para evitar a pressão da sociedade? [“*When you need a way to beat the pressure down*”]. O que fazem para recompor seu “eu”? [“*When you need to find a way to breathe*”]

As composições do sueco Avicii e do holandês Nicky Romero são instrumentais, característica da música eletrônica. É normal em seus videoclipes que haja uma história contada ao som eletrônico. A canção “*I Could Be The One*” não foge a regra e seu videoclipe apresenta uma história diferente da letra.

Iniciamos a análise pela composição das imagens. Há dois momentos que se intercalam no vídeo. Um em tom pastel, em cores neutras e frias, com uma luminosidade opaca, representando a rotina, a falta de esperança, o cotidiano sem expectativas, a vida aprisionada na repetição dos atos. E outro em tons coloridos, predominando os tons quentes, com uma luminosidade radiante, representando o sonho, o despertar, a fuga, o inesperado, a felicidade, a liberdade.

A protagonista da história, interpretada por Inessa Frantowski, representa uma mulher que trabalha em um escritório. O primeiro minuto da música apresenta o cotidiano da personagem, sua rotina matinal e seu emprego, que ela demonstra odiar. No decorrer dessa apresentação percebe-se nitidamente a alteração psicológica da personagem, que demonstra sinais de cansaço, stress e irritabilidade [imagens 25 a 28]. A alteração da personagem acontece de acordo com o som ascendente da melodia.

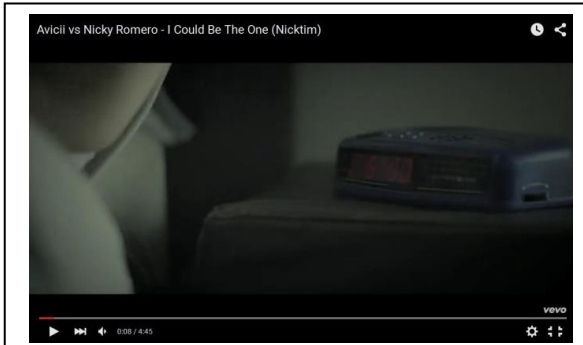


Imagem 25: despertador / início do dia

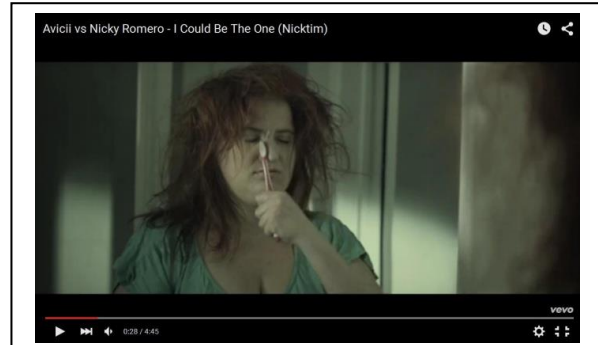


Imagem 26: rotina matinal

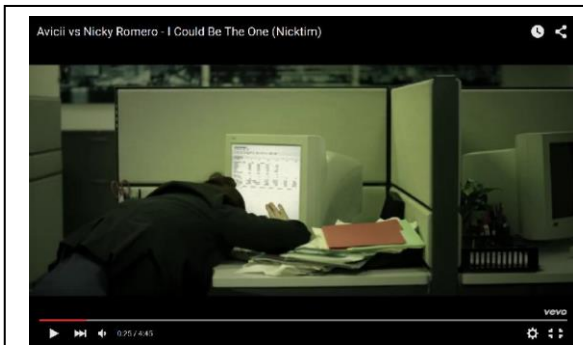


Imagem 27: rotina no trabalho



Imagem 28: rotina noturna / final do dia

A personagem está presa em sua rotina. Comodismo? Falta de coragem para conquistar sua liberdade? Medo das consequências de seus atos? Há vários caminhos na tentativa de compreender como a personagem chegou a esse ponto tedioso de sua vida. Mas percebe-se nitidamente que ela não está contente com o seu modo de vida atual.

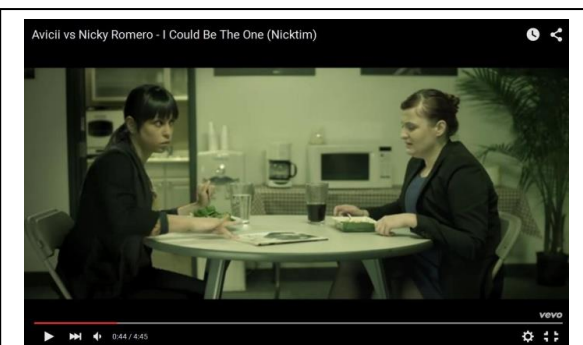


Imagem 29: “*I hate my life*” / rotina no trabalho

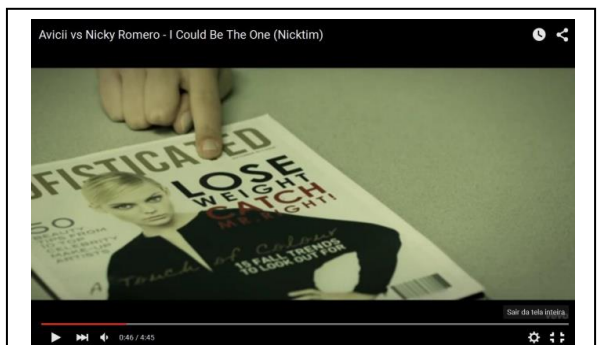


Imagem 30: “*lose weight...*” / a solução?

A música silencia e um diálogo acontece, entre a protagonista e uma colega de trabalho. A protagonista comenta que odeia a sua vida, e sua colega de trabalho afirma que é por causa do peso dela [imagem 29]. Para reforçar a ideia, lhe mostra a capa de uma revista com a seguinte chamada “lose weight catch Mr. Right!”, para encontrar o “homem certo” e consequentemente um motivo para ser feliz na vida, precisa perder peso e seguir os padrões estabelecidos pela sociedade [imagem 30]. Padrões, normas, regras. E para ser aceito como pertencente a determinado grupo, deve seguir alguns parâmetros. Mas quem define tais parâmetros? Qual é o peso que uma pessoa deve ter? O peso define personalidade? O peso define a beleza? Qual é o padrão estético correto? O apreciado pela maioria pertencente ao grupo? Ou o que faz a pessoa se sentir bem consigo mesmo? O indivíduo se sente bem por ser ele mesmo ou segue as tendências impostas para se sentir bem?

O vocal inicia, e novamente a protagonista acorda só que agora em um quarto diferente, o ambiente tem uma iluminação mais radiante, com cores mais quentes e aconchegantes. Ao seu lado na cama, um homem loiro, de cabelos compridos, ainda dormindo. A confusão inicial deste despertar dá lugar a um meio sorriso de satisfação [imagem 31].

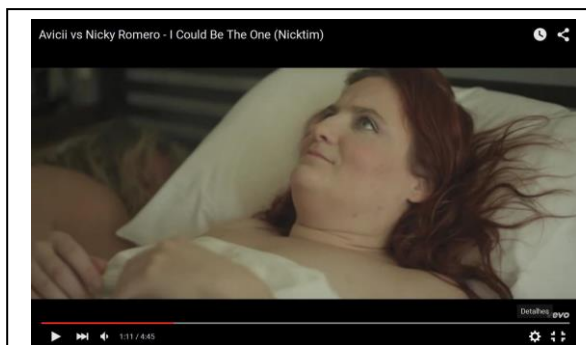


Imagem 31: o despertar



Imagem 32: a vista para o mar



Imagem 33: “to do list”

Ainda atordoada, levanta-se e percebe que na cômoda e pelo chão estão várias garrafas vazias. Um indício de que deve ter se esquecido do que aconteceu na noite anterior, devido ao excesso de bebidas alcoólicas.

Quando ela abre as portas do quarto surge uma varanda com vista para uma bela praia [imagem 32]. Ao andar pelo quarto encontra uma lista de afazeres com dois itens a serem cumpridos: [1] não dou à mínima; [2] isso é tudo [imagem 33]. Ou seja, ela não está mais se importando com o que tem a fazer, e a única coisa que deve ser feita é não se preocupar com os afazeres.

Após essa cena, surgem vários flashes da personagem se divertindo, coincidindo com a parte mais animada da música: [1] caminhando pela praia e destruindo um castelo de areia; [2] comer tudo que sentir vontade em um restaurante e depois beijar o garçom; [3] se interessar por um desconhecido na boate e depois fazer sexo com ele em um iate; [4] divertir-se com dançarinos de *stripers*.

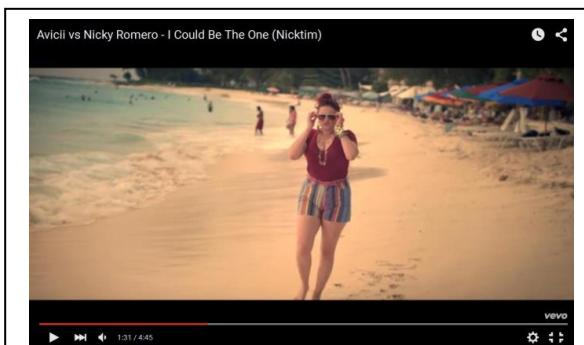


Imagem 34: *flash 1*

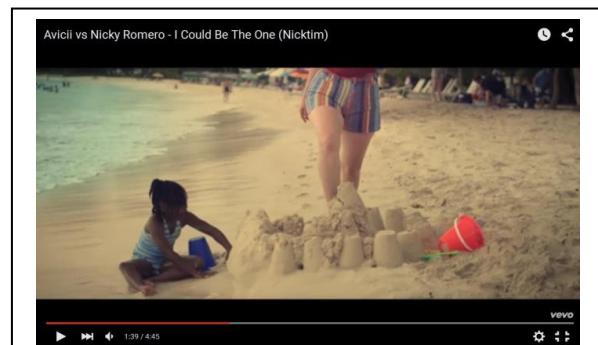


Imagem 35: *flash 1*

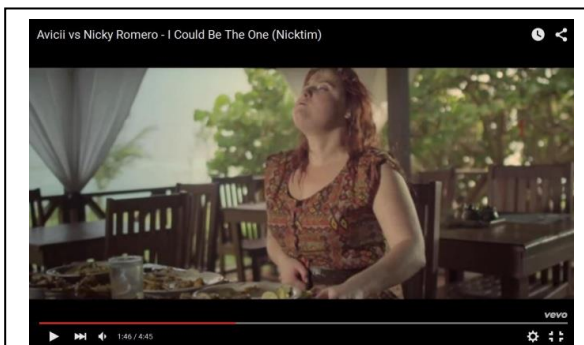


Imagem 36: *flash 2*

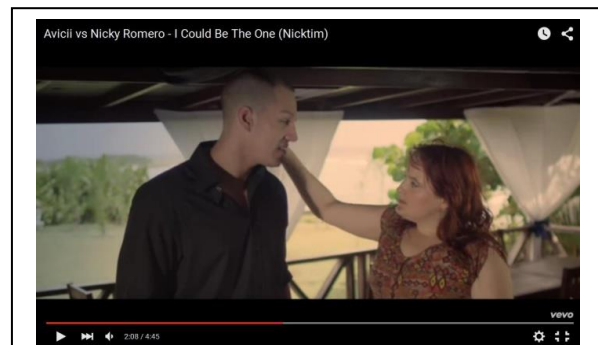


Imagem 37: *flash 2*

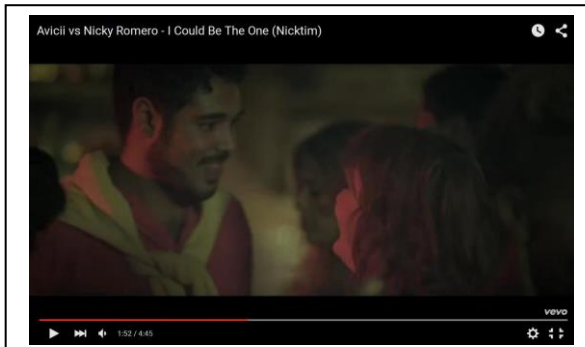


Imagem 38: *flash 3*

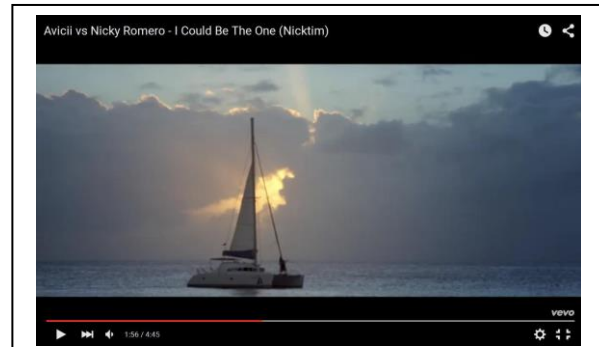


Imagem 39: *flash 3*

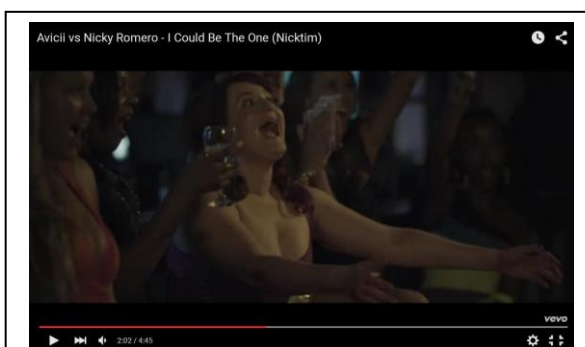


Imagem 40: *flash 4*

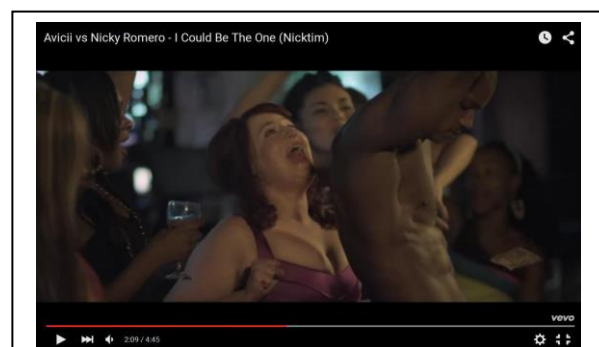


Imagem 41: *flash 4*

O despertador toca novamente, ela acorda em seu quarto. Tudo foi um sonho. A protagonista então resolve procurar uma terapeuta. E um novo diálogo aparece no videoclipe. Ela questiona o que está faltando e que realmente o que está acontecendo é similar a uma morte. A terapeuta apenas receita mais pílulas [imagem 42].

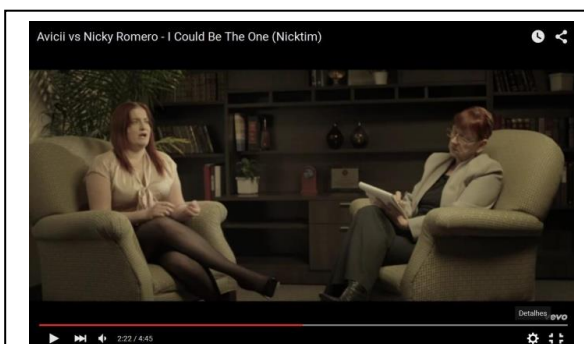


Imagem 42: *“more pills”*



Imagem 43: *“Only you can free yourself”*

No ambiente de trabalho, ela observa uma foto em sua mesa. O retrato é de sua adolescência, em um momento nostálgico de diversão. A tela do computador mostra um site de auto-ajuda. O título da matéria que aparece na tela: “*Only you can free yourself*” – apenas você pode se libertar [imagem 43]. Ela idealiza sua liberdade, imagina os lugares maravilhosos que pode conhecer. As coisas loucas e divertidas que pode fazer. A sua volta, seus colegas conversam sobre assuntos fúteis [imagem 44]. Entre a realidade e o sonho, finalmente ela resolve “pegar a sua vida de volta” [imagem 45]. Ao perder o controle, ela joga os papéis para o alto, destrói a máquina de fax, insulta e agride alguns de seus colegas e foge do escritório [imagens 46 a 48]. Fora do escritório, ao telefone, ela solicita uma passagem só de ida para Barbados [imagem 49], e se direciona para o outro lado da rua para entrar em seu carro. Ao atravessar a rua, ela é atingida por uma van de entrega, nomeada “*2late*”, que em sua tradução literal significa “tarde demais”. Essa é a cena final, e não há certeza se ela sobrevive à colisão [imagem 50 e 51].



Imagem 44: colegas fúteis



Imagem 45: *Take back your life*



Imagem 46: papéis ao alto



Imagem 47: fax ao chão

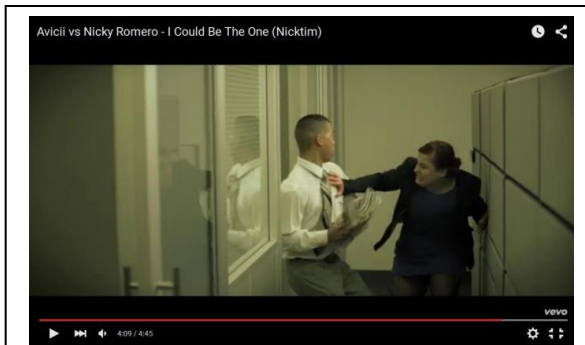


Imagem 48: a fuga



Imagem 49: “one-way ticket to Barbados”

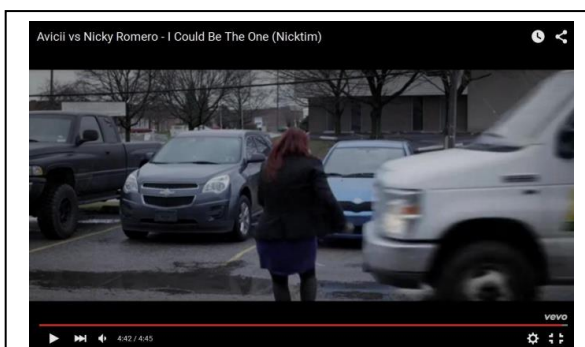


Imagem 50: a travessia



Imagem 51: 2late

Em um sentido filosófico o videoclipe aborda sobre o sentido da vida, as escolhas que fazemos durante a vida. Aceitando as consequências dessas escolhas ou não escolhas. Em um primeiro momento, pode-se relacionar com o pensamento de KIERKEGAARD sobre a aparente falta de sentido da vida, a busca por uma saída do tédio existencial e a realização de escolhas livres. Ao final do videoclipe, a protagonista ao perceber que a sua vida não fazia sentido, vazia de essência, decidiu escolher se libertar dos padrões vigentes, no entanto, acabou sendo “tarde demais”, metáfora que pode ser percebida quando a personagem é atropelada por uma van de entrega rápida, cujo o nome ironicamente era “2Late”. O principal questionamento a ser levantado: quais são os fatores que podem libertar uma pessoa? Qual é a única coisa que pode libertar alguém?

Seguindo o pensamento de SARTRE, o videoclipe enquadra-se nos quatro tópicos propostos pela pesquisa: liberdade, responsabilidade, sexualidade e corpo. Podendo ser trabalhado alguns trechos da obra *O Ser e o Nada*. SARTRE afirma que somos condenados a ser livres, e totalmente responsáveis pelas nossas escolhas. A responsabilidade pode ser entendida como a aceitação das consequências geradas pela escolha ou não de um caminho a

seguir. Até mesmo escolher não escolher gera uma consequência. Com relação a liberdade, a pessoa opta por ela, libertando-se de crenças e padrões estabelecidos por uma sociedade imperativa. O segundo capítulo da terceira parte da obra *O Ser e o Nada*, apresenta uma teoria do corpo. No videoclipe o corpo é ressaltado. Percebe-se a não aceitação do corpo fora de padrão na matéria da revista, que insinua que para encontrar um homem perfeito deve-se ter um peso adequado. O indivíduo percebe o seu corpo, o outro percebe o corpo do indivíduo, e o indivíduo possui uma experiência de corpo de acordo com aquilo que é percebido pelo outro. No videoclipe a aceitação do corpo em si, é demonstrada na cena do sonho da protagonista, onde ela, em um restaurante, tira o cinto para poder comer mais. O corpo é livre. Se o corpo é livre ele pode expressar toda a sua sexualidade e desejo. Há várias cenas que expressam a sexualidade do corpo, a liberdade sexual expressa na realização dos desejos carnis. Nada de sentimentos, apenas a liberação da libido. O prazer instintivo. O sexo casual e a busca por desconhecidos pelo simples prazer de sentir prazer.

SARTRE afirma que quando há atração sexual, não é o corpo que é desejado, e sim uma pessoa. O amor do outro irá assegurar a identidade do indivíduo, justificando a sua existência. Deve haver reciprocidade entre os dois indivíduos livres e iguais, que procuram possuir-se como objetos. Mas tal desejo é inútil: “Ele quer possuir uma liberdade, enquanto liberdade, ele quer ser amado por uma liberdade, mas exige que esta liberdade deixe de ser livre.” (*O Ser e o Nada*).

3.2.1.3 *SETEVIDAS*, Pitty (Anexo C)

A canção *Sete Vidas*, é integrante do álbum intitulado *Sete Vidas*, da cantora brasileira Pitty, lançado em 2014. Depois de um hiato de cinco anos sem nenhuma gravação, Pitty retorna com uma voz mais madura, em um disco quase auto-biográfico. “*SETEVIDAS*” é um relato de como sobreviver à tragédias consideradas como mortes em vida. A sua revolta ainda está presente nas canções, mas de uma forma mais inteligente e com menos raiva. Todas as canções são de autoria da cantora, e numa visão geral todas as músicas que compõem o disco contam uma história. O álbum reverte-se em um livro, e as músicas são seus capítulos. Segundo Pitty, “O disco conta essa história e a ordem das músicas é nesse sentido. Para mim, é que nem capítulo de livro. E tudo é um pouco autobiográfico, sim, porque só consigo escrever a partir das minhas experiências ou, pelo menos, da minha visão de mundo” (2014).

Sobre o álbum, Pitty refere-se ao ano anterior da produção, como um ano tumultuado e marcado por transições:

Na real, é um disco muito doído. Mas um disco de resiliência também.

Muita coisa morreu, muita coisa renasceu e esse processo é dolorido. Foram muitas situações de superação, pessoais e externas. Tem uma coisa de alquimia, de que, pra se transformar em ouro, tem que passar por outras fases.

Mas é um dia de cada vez e tá todo mundo feliz e realizado em relação ao disco.

(...)

A vida segue e o que importa, pra mim, é que eu sei pra onde vou: pra frente.

(PITTY, 2014)

Sete vidas foi o primeiro *single* do álbum. A letra apresenta alguns dos momentos mais tumultuados passados pela artista, como o aborto espontâneo e a morte de seu amigo e músico Peu Souza. O posicionamento da música no álbum, antes do final, convida o ouvinte a olhar para trás e refletir sobre o que ainda está por vir. Apesar das quase mortes retratadas nas músicas anteriores, *Sete Vidas* lembra que caímos constantemente, e morremos de formas diferentes a cada instante. Mas sempre nos levantamos e enfrentamos novos obstáculos. Como a fênix ressurgindo de suas próprias cinzas para seguir adiante.

Tanto letra como o videoclipe tem elementos a serem analisados. E um complementa o outro. O refrão reforça essa sensação de morte e renascimento: “*Só nos últimos cinco meses/ Eu já morri umas quatro vezes/ Ainda me restam três vidas/ Pra gastar*”.

O videoclipe inicia em silêncio, com uma mulher deitada sobre jornais. O som instrumental começa suave, e a guitarra surge ao mostrar o rosto da cantora que protagoniza o vídeo. Por se tratar de uma música biográfica, constata-se que a cena inicial refere-se ao ano anterior da produção da composição, um ano marcado por dificuldades. A cena, uma mulher fragilizada, seminua, destituída da sua moral. Esta cena representa a morte em vida. Pitty encena sua morte, e encontra-se entre as suas cinzas, esperando o momento de renascer.

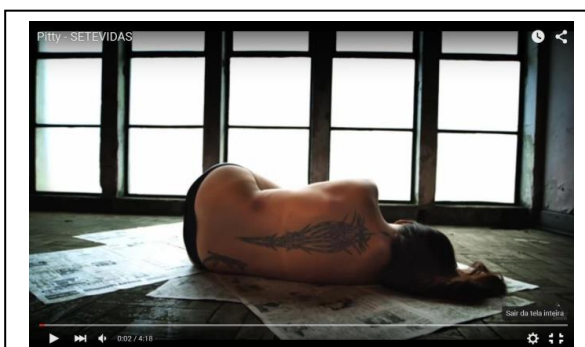


Imagem 52: nudez da Alma

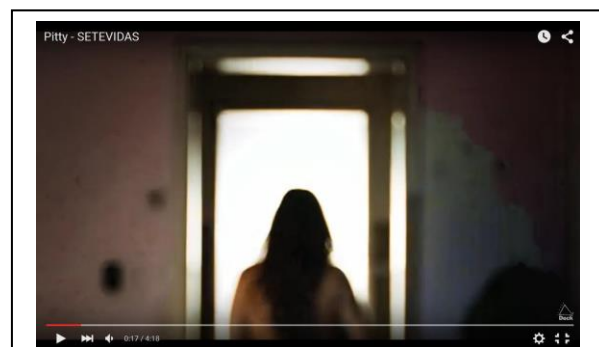


Imagem 53: fênix

Apesar da situação humilhante, consegue reunir coragem para se levantar e com dificuldade inicia uma caminhada, ainda torpe, descompassada, mas em direção a uma saída. A caminhada segue o ritmo ascendente da música, ao alcançar a saída o vocal inicia. Pitty, então, aparece em uma roupa de couro, justa e sedutora, demonstrando autoconfiança e segurança. A banda aparece mascarada, representando as três vidas ainda desconhecidas, que “restam para gastar”. O detalhe é que as máscaras apresentam bigodes de felinos, como o mito do gato e suas sete vidas.



Imagem 54: *eu já morri umas quatro vezes [...]*



Imagem 55: *[...] ainda me restam três vidas...*

Apesar de estar mais triste, como afirma na composição, ela ressurgue mais forte. A cena final retrata o ressurgimento, ao sair do ambiente confortável e cômodo, abrindo as portas para retornar ao mundo real. Em um primeiro instante, há um estranhamento devido a transição de ambientes, de um lugar sombrio para um mais claro, levando ao uso de um óculos escuros, para se acostumar à claridade. As trevas da alma dando lugar para uma brecha de luz. O momento depressivo e solitário, cedendo o espaço para vivências mais sociáveis e agradáveis. Mantendo a relação com o mito das sete vidas de um felino, a protagonista ressurgue com um rabo estilizado de gato, representando que ainda há vidas pra gastar.

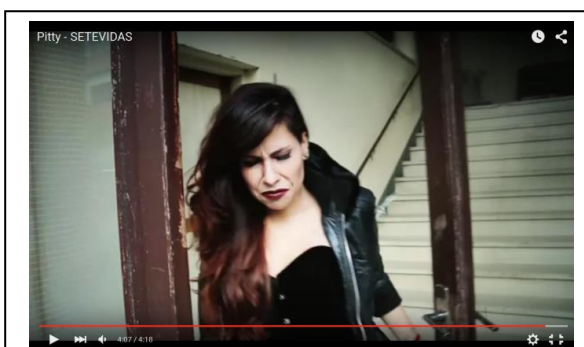


Imagem 56: *nova vida*

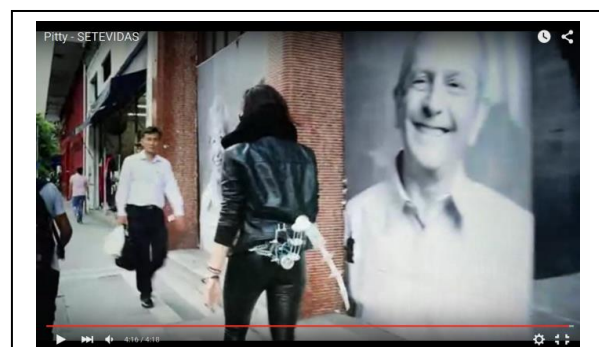


Imagem 57: *SETEVIDAS*

Pelo viés filosófico, o videoclipe apresenta a morte e o ressurgimento. Após um período de inércia, de reflexão, o pensamento retorna. Como a desconstrução proporcionada pelo processo filosófico. Quando iniciamos a busca por respostas, algo fica pra trás. E já não somos mais os mesmos. Reduzir tudo a cinzas para então das cinzas, coletar as informações necessárias com um novo significado. Nada permanece da mesma maneira após o processo de desconstrução. Assim como no vídeo, todos estão sujeitos a passar pela experiência de quase morte. Não no sentido real da palavra, mas as pequenas mortes que acontecem. As perdas, o desprezo, a ausência, a depressão. Momentos de dor extrema que remetem à morte. Mas, sempre há um ressurgimento, independente de quanto tempo leve.

O indivíduo escolhe a situação em que se encontra, tem plena responsabilidade do caminho que deve percorrer. É livre para continuar estático ou iniciar uma nova jornada, por um caminho completamente diferente.

“Se a vida não tem, à partida, um sentido determinado [...], não podemos evitar criar o sentido de nossa própria vida” (Arthur POLÔNIO). São possibilidades inúmeras que podem ser escolhidas, mas nada pode obrigar qual escolha deve ser feita.

O videoclipe aborda sobre morte e vida, mas pode-se fazer um link com a teoria de liberdade e responsabilidade de Sartre, além do sentido imposto ao corpo, um objeto a ser percebido por ele mesmo e pelos outros.

3.2.1.4 *Giant In My Heart*, Kiesza (Anexo D)

A canção *Giant In My Heart*, de autoria da cantora canadense Kiesza, o segundo *single* de seu primeiro álbum de estúdio *Sound of Woman*, lançado em 2014. A música é um *electropop* e *house track*, inspirada nos sons anos 80 e 90.

A letra da canção fala sobre amor perdido, coração partido e todas as sensações provenientes de um rompimento amoroso. Seguindo a tendência dos videoclipes gravados em formato curta-metragem, a história apresentada em *Giant In My Heart* pode ser trabalhada filosoficamente em sala de aula.

O videoclipe começa apresentando três cortes rápidos nos primeiros cinco segundos. Mais um corte, alguém de costas, uma batida *pop*, juntamente com o vocal, apresentam o protagonista da história a ser contada. Na cena inicial [imagem 58], uma sala pouco iluminada, uma mesa e duas cadeiras, alguns quadros na parede. Um copo ainda está sobre a

mesa, mas as cadeiras estão vazias. Ao fundo, uma porta fechada. Em cima dessa porta, um letreiro luminoso, e suas letras vermelhas escrevem a palavra “EXIT”. O videoclipe inicia mostrando uma “saída”. Basta apenas abrir a porta.

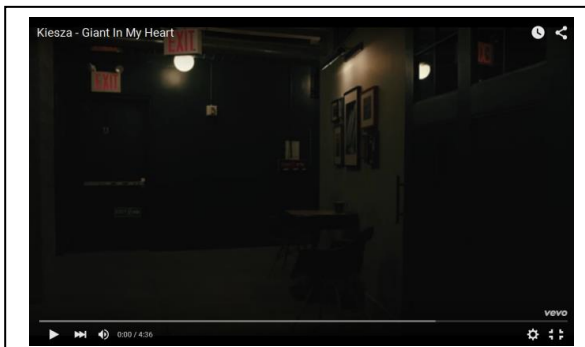


Imagem 58: EXIT

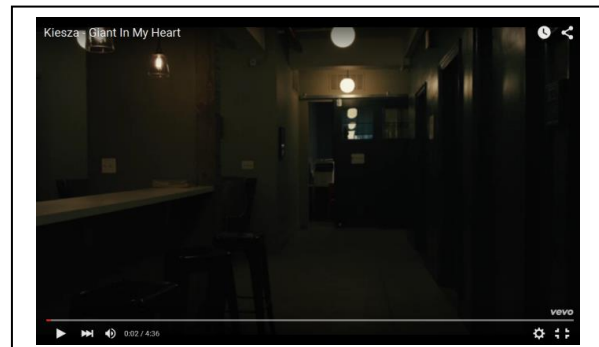


Imagem 59: hall / porta aberta

O segundo corte [imagem 59] ainda apresenta um ambiente com pouca iluminação, provavelmente a visão do outro lado da sala da cena anterior. Percebe-se que é um hall de passagem para outro ambiente? Há uma bancada, similar a um bar. Bancos vazios. Uma espécie de corredor convida o observador a entrar na cena. Algumas portas fechadas. Mas, a porta no fundo da sala, está aberta e percebe-se que existem alguns objetos lá dentro. Um convite tentador de seguir adiante, e descobrir o que tem do outro lado da porta.

O terceiro corte [imagem 60] mostra um recorte de uma mesa, alguns papéis, telefone, grampeador, objetos de escritório. Do outro lado da porta havia um escritório. Com a quarta cena [imagem 61], a batida *pop* inicia, a melodia apresenta o protagonista: um homem negro de costas. Um alguém ainda não identificado, pois não possui um rosto. A sensação é de ter passado pela porta aberta, e ter encontrado essa pessoa sentada em seu escritório, aguardando para contar a sua história.

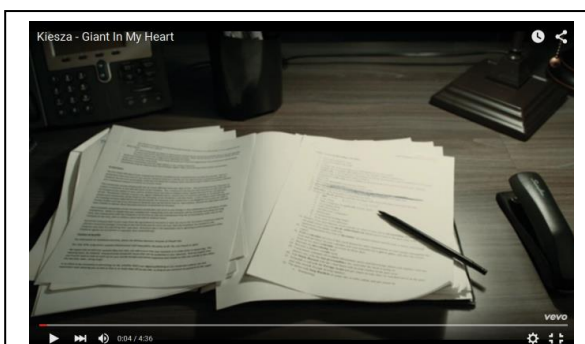


Imagem 60: escritório

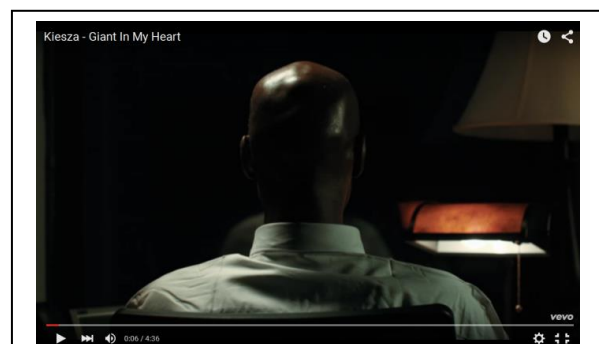
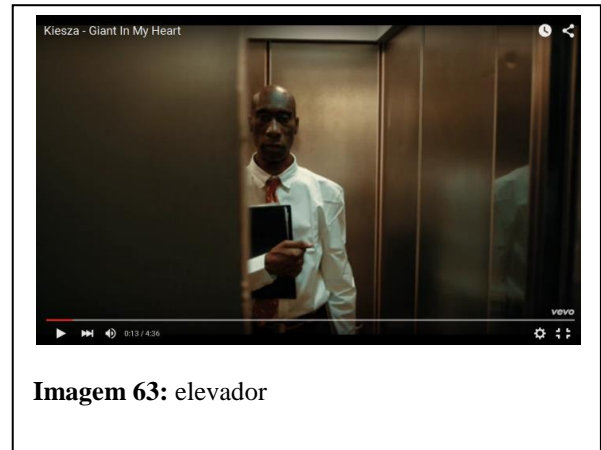
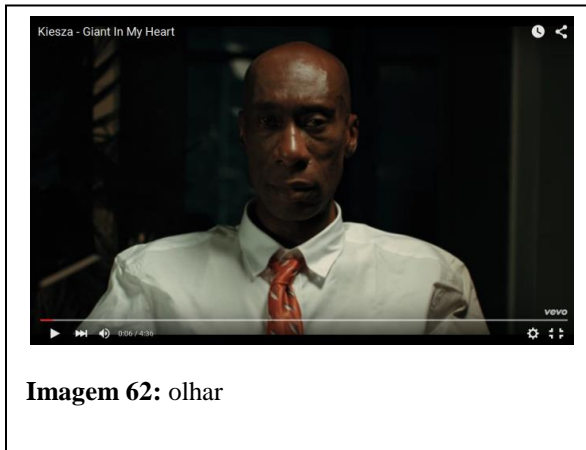


Imagem 61: o protagonista da história

Mais um corte acontece, e a cena mostra o protagonista de frente [imagem 62]. Ele encara o observador em um pedido silencioso de compreensão. Seu olhar demonstra frustração e dor. E resta ao observador o questionamento: quem é? O que faz? Por que seu olhar estampa uma tristeza contida?



A próxima cena nos leva agora a um elevador [imagem 63]. A camisa amarrotada nos indica que o expediente acabou. Não dá tempo de entrar, mas o protagonista nos leva para onde ele vai. E seguimos com ele. Na rua, já escura, uma sequência de infortúnios começa: um táxi passa por cima de uma poça, espirrando água em sua roupa; o ônibus lotado e a desconfortável sensação de dividir um espaço com desconhecidos; uma freada e alguns papéis de sua pasta caem no chão, ninguém o ajuda e a individualidade do ser humano é mostrada nas marcas de pés deixadas em suas folhas [imagens 64 a 66].

O céu nos diz que anoiteceu. A bandeira estadunidense tremula alta, emoldurada pelo céu que ainda mistura as cores do entardecer com o azul acinzentado do início da noite, e um complexo de prédios, onde algumas luzes já estão acesas, indicando que a noite inicia [imagem 67].

Mais uma porta sendo aberta. O protagonista segue até o elevador, mas botão não está funcionando. Mais um infortúnio para terminar “bem” o dia, uma subida de dez andares. Apenas mais alguns degraus para chegar ao seu refúgio.

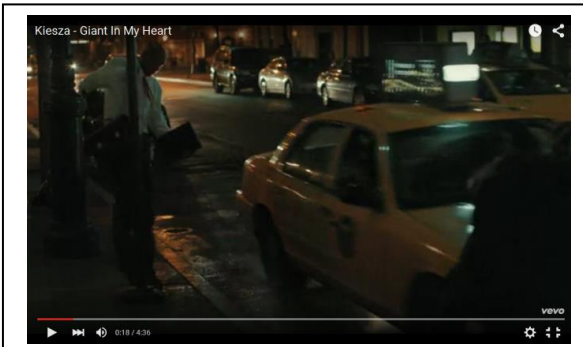


Imagem 64: água

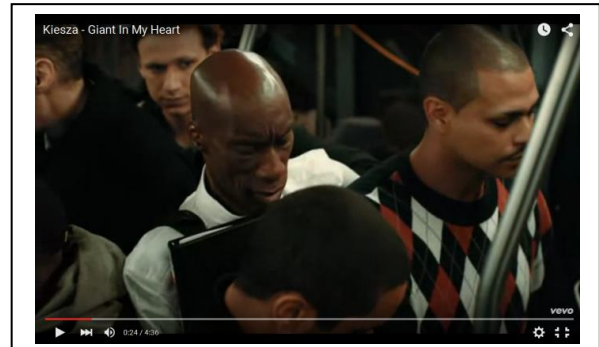


Imagem 65: desconforto

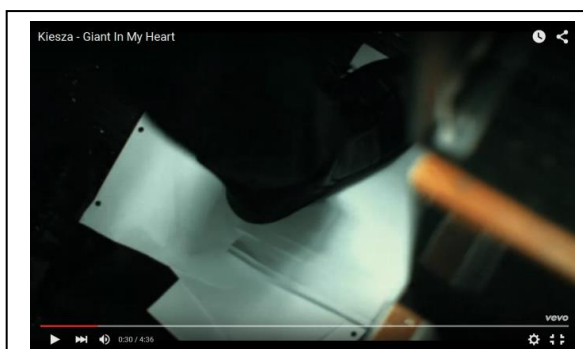


Imagem 66: individualismo

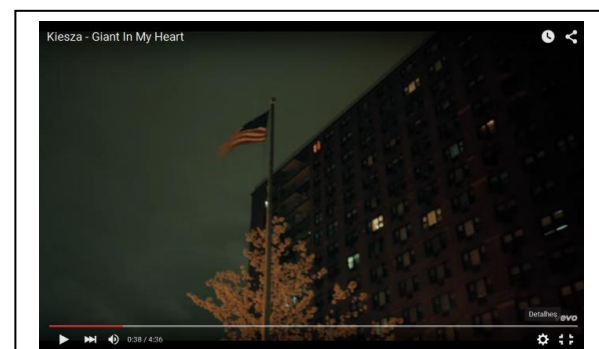


Imagem 67: patriotismo

Finalmente no décimo andar, caminha frustrado pelo corredor. Um indivíduo o encara desrespeitosamente. As chaves caem na hora de abrir a porta, mas, finalmente está em casa. Um apartamento simples, geladeira vazia. O guarda roupa é aberto, roupas masculinas e femininas dividem o mesmo espaço, em destaque um vestido verde nos é apresentado [imagem 68]. Novamente alguém de costas, penteando um longo cabelo negro.

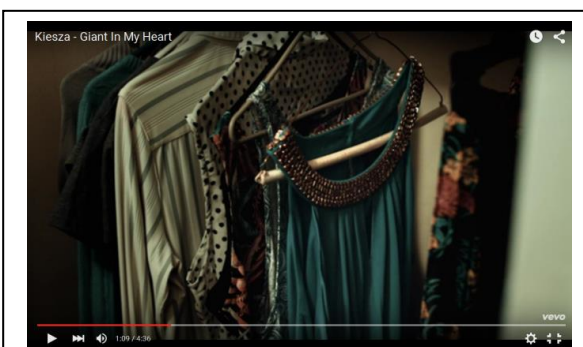


Imagem 68: vestido verde



Imagem 69: saltos vermelhos

Novo corte na cena, agora mostrando a cidade em sua vida noturna. Carros, luzes, pessoas nas ruas. Alguém caminha na calçada. Um longo vestido verde e sapatos de saltos altos vermelhos [imagem 69]. Um novo corte de cena, e estamos dentro de uma boate, onde a cantora Kiesza está se apresentando. Novo corte de cena e agora vemos o protagonista em sua outra vida, assumindo o seu *alter ego*: um *cross-dressing*. Para enfrentar o stress ocupacional, o protagonista se transveste de mulher. Ele então se encontra com dois amigos, também *cross-dressing* [imagem 70]. Os três andam pelas ruas de *New York City* e entram na boate onde a cantora Kiesza se apresenta. O homem *cross-dressing* parece ser mais confiante, seguro e livre que seu outro eu, que é intimidado no trabalho.



Imagem 70: *happy hour*

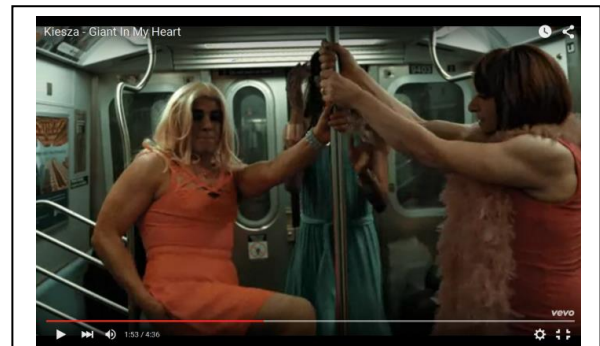


Imagem 71: *pole dance*

Uma noite repleta de diversão e alegrias. O metrô vazio torna-se palco e *pole dance* [imagem 71]. Em um mercado, ao adentrarem para comprar bebidas, o estranhamento e a desconfiança ficam estampados nos olhares dos homens que estão no interior da loja [imagem 72]. Independente dos olhares preconceituosos, os três seguem altivos. Em uma ponte, observando o panorama iluminado da cidade, os três brindam a alegria daquela amizade [imagem 73].

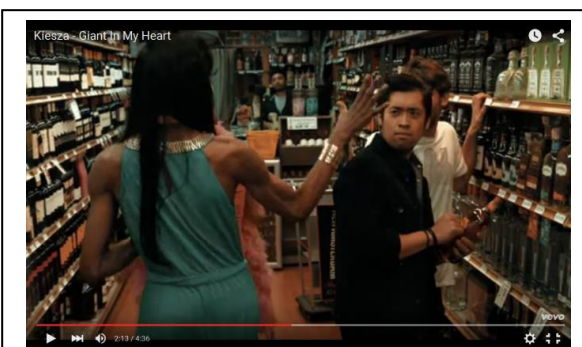


Imagem 72: *estranhamento*

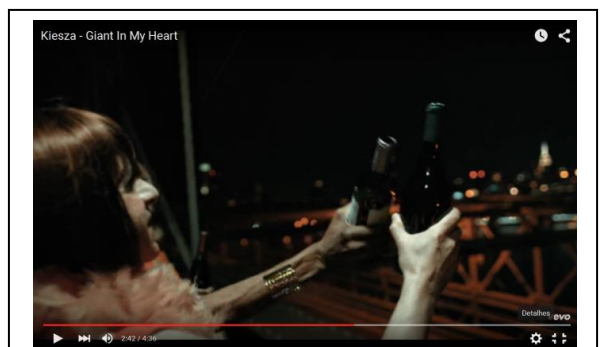


Imagem 73: *brinde à vida noturna*

Nesse ponto do vídeo as duas vidas do protagonista se revezam na tela. Novamente o homem perturbado e intimidado no ambiente de trabalho, escutando em silêncio as intrigas de seus colegas [imagem 74]. O olhar do homem que nos penetra o olhar, nos indica que o pensamento dele não está no mesmo ambiente.

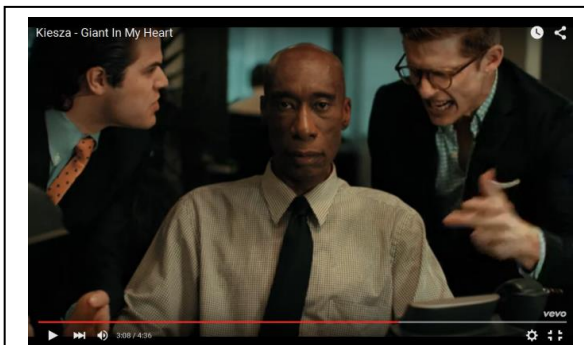


Imagem 74: colegas de trabalho

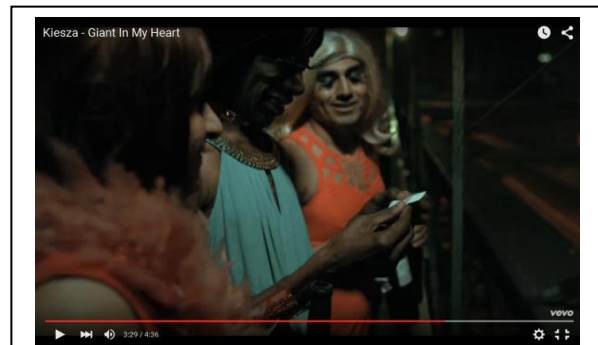


Imagem 75: amizade *cross-dressing*

Compreende-se então que a cena que se segue é uma lembrança da noite que passou: um dos amigos retira o rótulo da garrafa de bebida, beijando o rótulo uma marca de batom eterniza aquele momento e celebra aquela amizade [imagem 75]. Em meio a injúrias que estão sendo lançadas em seus ouvidos, um lembrete em seu bolso: o rótulo com a marca de batom [imagem 76]. E a coragem surge naquele homem até então inexpressivo e quieto. Levanta-se e empurra um dos colegas, pega o grampeador e acerta o rosto do outro. Os papéis sobre a mesa são jogados ao chão, numa clara alusão de revolta àquela situação. Um gesto de liberdade [imagens 77 a 79].

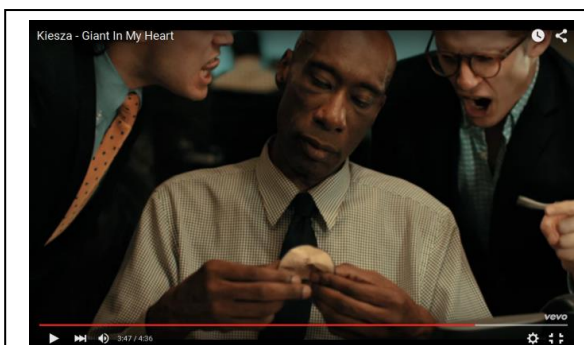


Imagem 76: lembrete

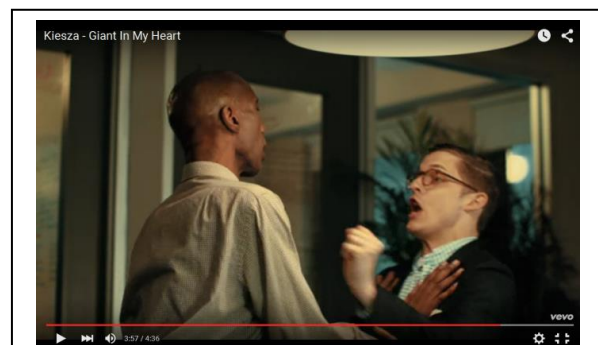


Imagem 77: um basta...

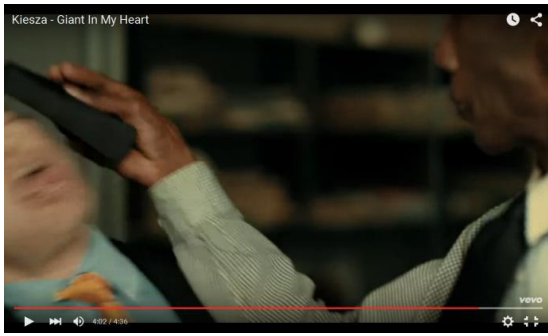


Imagem 78: grampeador

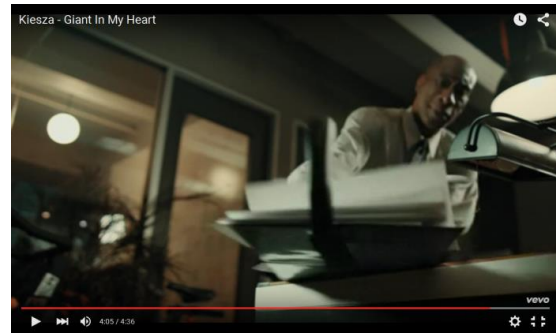


Imagem 79: papéis ao chão

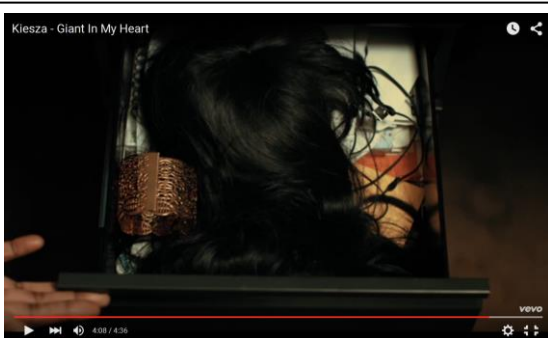


Imagem 80: *cross-dressing*



Imagem 81: *EXIT*

De sua gaveta retira apenas a peruca longa e negra e um bracelete dourado [imagem 80]. Sai de seu escritório e encaminha-se para a porta de saída, a mesma que aparece na cena inicial. Antes de passar pela porta, ele coloca a peruca e o bracelete [imagem 81]. O homem até então frustrado, assume as rédeas de sua vida e escolhe viver.

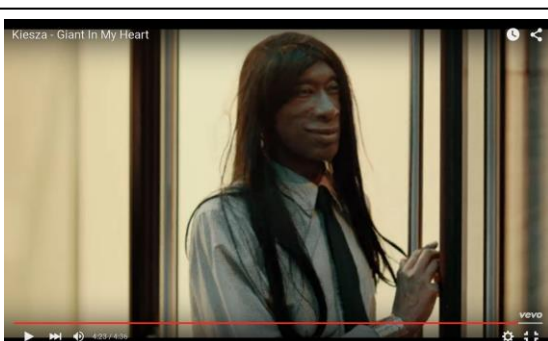


Imagem 82: liberdade

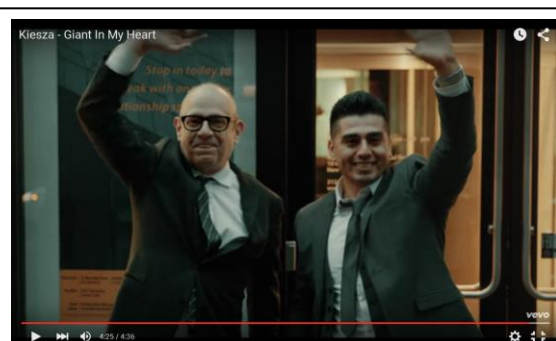


Imagem 83: amigos *cross-dressing*

Ao sair do prédio, um sorriso de satisfação. Do outro lado da rua, seus amigos *cross-dressing*, acenam animados, como que concordando com a atitude tomada [imagem 82 e 83]. A cena final [imagem 85] é uma alusão do que ainda vai ser. O atravessar da rua. A transição. A mudança. O novo.

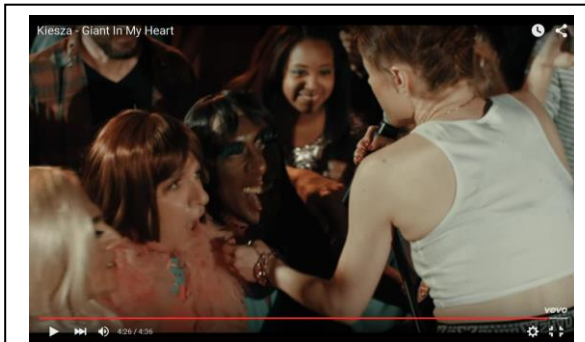


Imagem 84: Kiesza

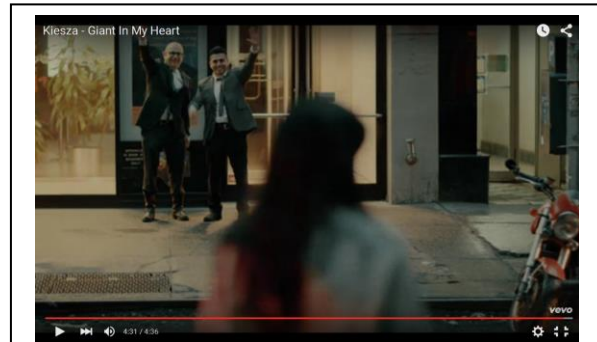


Imagem 85: a travessia

A apresentação de Kiesza na boate inspira um homem frustrado a se libertar da farsa que era a sua vida [imagem 84]. O protagonista aparenta estar preso em si, transparecendo uma angústia de estar numa condição da qual não lhe agradava. Sua felicidade é refletida quando se transveste, momento em que esquece todas as suas frustrações e infortúnios. A liberdade de escolher um caminho, pode resultar em felicidade ou angústia. Ao fim do clipe, a personagem escolhe se libertar dos padrões e assumir o seu verdadeiro eu.

O videoclipe abre um leque de possíveis debates, que podem ser conduzidos por vários ângulos. Pode apresentar uma leitura variada de acordo com a bagagem individual. Cada um possui um questionamento, ou vários, dentro da visão geral que o clipe apresenta.

Como proposto pelo trabalho, os conceitos de liberdade, responsabilidade, sexualidade e corpo podem ser amplamente explorados, gerando discussão por muitas aulas. Não se trata apenas de trabalhar a questão da homofobia, mas também a aversão ao diferente. Nem sempre uma pessoa que se veste de mulher é homossexual. Nem todos que se vestem de mulher são travestis ou transexual. Nem todo travesti é homossexual. E nem todo homossexual é Drag Queen. Com relação à sexualidade pode-se trabalhar a questão da orientação sexual. O desejo do corpo nem sempre corresponde ao sexo de nascimento. Não é uma opção e sim o desejo carnal que orienta.

SARTRE ao afirmar que “o homem está condenado a ser livre” e que a sua “existência precede a essência”, nos coloca em um ponto de visão que nega completamente o

determinismo. Segundo SARTRE, nada estaria predestinado. Nada do que acontece ao homem é destino ou acaso. O homem sendo livre faz as suas escolhas. Mas deve estar ciente de que é inteiramente responsável pelos seus atos, pelo que escolhe e pelas consequências do que não escolheu. Não é a sociedade que define alguém, que define o modo como devemos nos portar, e conduzir a vida. Tampouco a Deus, cabe esse papel de moldar e tornar alguém o que é. O indivíduo define a si próprio, escolhe o que quer ser, e a qualquer momento pode escolher mudar aquilo que já é. Segundo o existencialismo, a liberdade de escolha não tem limites, muito menos os valores morais podem ser definidos como limitadores do caminho a ser traçado diante da escolha a ser feita.

A vida é resultado de escolhas boas e ruins. Escolhemos agir dessa ou de outra maneira. E nossas escolhas são motores propulsores da nossa existência. Portanto, para definir aquilo que somos, a essência que possuímos, primeiramente, vivenciamos e moldamos o nosso eu de acordo com os vários caminhos traçados, com as várias escolhas e não escolhas que deixaram ou não consequências.

Sartre percebe o indivíduo em sua totalidade, não dissociando o corpo da mente. Não há apenas um corpo ou apenas uma inteligência. Ambos estão associados e torna-se uma coisa só. O corpo, segundo SARTRE possui três dimensões ontológicas: o corpo em si, quando o indivíduo percebe o seu corpo; o corpo para outro, quando o corpo é percebido por outras pessoas; e o corpo pelo olhar do outro, quando percebemos nosso corpo através da percepção de outras pessoas.

Ao desconstruir as imagens, empreendendo a busca por significados além daqueles expressos na tela e propostos pelo mercado fonográfico, os jovens encontram a raiz do pensamento. Ao concluir a análise, entenderá o contexto vivenciado pelo artista no momento da elaboração da composição, relacionará esse contexto com a própria vivência, compreenderá que o cotidiano está repleto de teorias filosóficas e mais especificamente permeado de questões existencialistas.

4. UMA PROPOSTA METODOLÓGICA: MODELO DE PLANO DE AULA

A maior dificuldade dos professores é manter o interesse dos alunos na aula. Com relação ao ensino de Filosofia, além de “seduzir”, o professor deve incentivar e manter ativo o pensamento filosófico dos alunos. Tal procedimento só pode obter sucesso se for utilizado um

método plausível. Mas como saber qual a direção a ser tomada na maturação do processo filosófico? O primeiro tópico que deve ser considerado é a História da Filosofia. Como abordar a História da Filosofia nas aulas, sem correr o risco de perder a atenção dos alunos?

A História da Filosofia pode ser apresentada como “centro” ou “referência” (Franklin Leopoldo e Silva, 1986). Ambas as maneiras apresentam vantagens e desvantagens. Quando a História da Filosofia é apresentada como centro, segue-se uma ordem cronológica para apresentar os conceitos e autores. Esse método facilita a compreensão dos problemas e conceitos formulados em determinadas épocas. Para abarcar um conteúdo tão amplo, deverá haver recortes priorizando determinados autores ou temas. Mas quais seriam os critérios para esses recortes? O professor deverá explicar que um mesmo problema, ressurge em épocas diferentes e apresenta soluções diferentes, de acordo com o contexto histórico.

Ao se optar em usar a História da Filosofia como referência, esta elucidará as temáticas apresentadas nas aulas. Os autores serão trabalhados de acordo com o tema a ser abordado. Tal método garante uma maior liberdade ao professor, que poderá escolher as temáticas e os autores sem precisar seguir uma ordem cronológica. Há uma proximidade maior com os alunos, ao abordar temas atuais e recorrendo à História da Filosofia para apresentar autores que trabalharam os mesmos temas. No entanto, para efetuar os recortes o professor deverá ter um amplo conhecimento da História da Filosofia, pois deverá apresentar certa organização na escolha dos temas e contextualizar os autores a serem trabalhados.

Para manter o pensamento filosófico e o interesse dos alunos nas aulas, ambos os métodos devem ser utilizados. O aluno deve ter a oportunidade de participar do processo filosófico, de ser instigado a criar soluções para determinados problemas. A aula de Filosofia não deve se tornar apenas a repetição massiva do conteúdo. Uma “decoreba” para ser utilizada em uma prova e que será esquecida nos dias seguintes. O processo filosófico é uma atividade contínua e sem prazo para finalização.

4.1 PROPOSTA METODOLÓGICA

De acordo com GALLO (2011), “para que o estudante possa fazer ele mesmo a experiência, o professor precisa dotá-lo das ferramentas para isso e mediar o processo. (...) isso é possível quando organizamos o ensino de Filosofia em torno de quatro passos didáticos”: [1] sensibilização; [2] problematização; [3] investigação; e [4] conceituação.

A *Sensibilização* possibilita aos alunos a aproximação com os problemas filosóficos. O momento inicial da aula deve estabelecer uma relação entre o tema a ser trabalhado e as vivências dos jovens. Isto pode ser feito através de recursos auxiliares como música, filmes, vídeos, poemas, fotografias. O aluno é conduzido a observar um problema e identificar com assuntos de seu cotidiano. O resultado dessa sensibilização é a admiração do aluno, ao perceber que determinado assunto que é constante em sua vida, também é um assunto filosófico e tratado como tal por especialistas.

A *Problematização* possibilita aos alunos o exercício da atividade filosófica, pois colocará em questão aquilo que foi apresentado na sensibilização. Esse é o momento do diálogo, da investigação, da crítica, da elaboração das perguntas relacionadas ao tema. Os alunos apresentam suas interpretações aos colegas e estabelecem um diálogo mediado pelo professor. Ao escutar o posicionamento dos alunos, o professor pode fomentar o diálogo lançando algumas questões para que os alunos defendam suas opiniões referentes ao tema.

A *Investigação* possibilita que os alunos entrem em contato com a História da Filosofia, através dos textos filosóficos selecionados para abordar o tema. Nesse momento, o professor apresenta os filósofos que pensaram sobre o tema trabalhado em sala de aula. A História da Filosofia é usada como referência, e cabe ao professor selecionar as obras dos filósofos e adaptar a leitura para que os alunos compreendam as ideias apresentadas.

Na quarta etapa, *Conceituação*, os alunos são convidados a recriar conceitos, refazendo os passos do pensamento dos autores apresentados durante a fase de investigação, ou através da sua sensibilização, criar o seu próprio conceito, encontrando outros meios de responder aos questionamentos do início do processo. Um exercício de experiência filosófica que proporciona aos alunos o verdadeiro contato com o processo filosófico.

A metodologia a ser utilizada em sala de aula deve apresentar os quatro passos propostos por GALLO (2007), podendo ser acrescentada uma avaliação como etapa final.

4.2 PROPOSTA DE PLANO DE AULA PARA O ENSINO MÉDIO

Para facilitar o planejamento das aulas, o ensino da Filosofia pode ser feito através de conteúdos estruturantes (eixos), apresentados no Volume 3, das Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Os professores tem liberdade para escolher como trabalhar os temas propostos, mas cada escola tem um direcionamento curricular, seguindo um livro didático

(manual) ou não. Ou seja, o professor está livre em sua metodologia, mas preso ao exercício de sua função, cabendo-lhe seguir os documentos oficiais que orientam quais conteúdos devem ser aplicados.

Para exemplificar a metodologia proposta por GALLO, serão apresentados dois planos de aula, o primeiro sobre Liberdade e Responsabilidade; e o segundo sobre Corpo e Sexualidade. Ambos delineando a temática Existencialista

Aula 1

Eixo Estruturante: Ética

Tema: Liberdade e Responsabilidade em Sartre

Seguindo o Livro Didático de Filosofia, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, o tema referente à Liberdade é apresentado no conteúdo estruturante de Ética, previsto para ser abordado no Segundo Bimestre do Segundo Ano. A Liberdade em SARTRE constitui uns dos capítulos e será esse o referencial teórico da presente proposta de aula.

Calculam-se quatro aulas para trabalhar o tema seguindo a proposta metodológica apresentada por Silvio GALLO. Na primeira aula, será apresentado o videoclipe escolhido para apresentar o tema. Antes de dar início a problematização, será feita uma breve análise da história apresentada no videoclipe. Em seguida, o professor conduzirá os alunos a relacionarem o tema apresentado no videoclipe aos seus principais questionamentos. O restante da primeira aula será dedicada à elaboração das questões pertinentes ao tema apresentado. Na segunda aula, o professor apresentará alguns fragmentos de texto sobre o tema. Cada aluno receberá um fragmento e será induzido a refletir como a ideia apresentada pelo filósofo relaciona-se ao conteúdo apresentado no videoclipe e conseqüentemente enquadra-se com o seu cotidiano. Na terceira aula, a partir do suporte teórico oferecido na aula anterior, cada aluno irá recriar os conceitos do filósofo apresentado, ou através de sua sensibilização e possuindo uma referência teórica, irá criar o seu conceito sobre o tema, ao final da aula será apresentado um modelo de avaliação. A quarta aula seria dedicada à avaliação, e constitui na apresentação textual ou não do que foi assimilado no decorrer das aulas sobre o tema.

Sensibilização

Os quatro vídeos analisados no Terceiro Capítulo da pesquisa podem ser apresentados como sensibilização para essa aula. Ficando a escolha do professor qual seria o mais apropriado para a turma em questão.

O videoclipe “*Everybody’s Fool*”, no contexto da artista Amy Lee, apresenta a ilusória e vazia vida dos artistas pops, que são “venerados” pelos adolescentes. No sentido aplicado nessa pesquisa, podemos relacionar o videoclipe ao tema referente à Liberdade e Responsabilidade. De acordo com o conteúdo apresentado no videoclipe, um indivíduo pode ter a sua imagem construída de acordo com os padrões estipulados pela mídia. Até que ponto o indivíduo é realmente livre para definir o que é perante a sociedade? A responsabilidade da escolha refletirá no modo de vida, sendo a angústia ou a felicidade as eventuais companhias.

O videoclipe “*Sete Vidas*”, no contexto da artista Pitty, apresenta as possíveis pequenas mortes em vida, e seu posterior renascimento, sendo um vídeo autobiográfico. Pode-se interpretar em um viés existencialista, seguindo a temática apresentada para essa aula. O indivíduo escolhe a situação em que se encontra, tem plena responsabilidade do caminho que deve percorrer. É livre para continuar estático ou iniciar uma nova jornada, por um caminho completamente diferente. São inúmeras as possibilidades a serem escolhidas, mas nada e nem ninguém pode obrigar qual escolha deve ser feita.

O videoclipe “*I Could Be The One (Nicktim)*”, de Avicii e Nicky Romero, apresenta um conteúdo que pode ser apresentado tanto nessa aula sobre Liberdade e Responsabilidade como na aula que abordará sobre Sexualidade e Corpo. Pode ser utilizada para apresentar o pensamento inicial dos existencialistas sobre a aparente falta de sentido da vida, a busca pela saída do tédio existencial, a angústia no momento das escolhas, a liberdade em escolher qual caminho deve ser seguido, e a responsabilidade em assumir as consequências dessas escolhas.

O videoclipe “*Giant In My Heart*”, de Kiesza, também apresenta elementos que podem ser trabalhados nas duas aulas propostas. Seguindo o tema Liberdade e Responsabilidade de SARTRE, o videoclipe afirma que o indivíduo é o único responsável em definir aquilo que é, escolher ser aquilo que pretende ser, e a qualquer momento pode escolher mudar aquilo que já é. Segundo o existencialismo, a liberdade de escolha não tem limites, muito menos os valores morais podem ser definidos como limitadores do caminho a ser traçado diante da escolha a ser feita.

Ao término do vídeo, o professor lança a primeira questão: qual é a história apresentada no videoclipe? Os alunos serão incentivados a descrever as situações presentes nos vídeos realizando uma breve análise da história apresentada.

Problematização

Para dar início ao problema a ser analisado, o professor apresenta o tema, através da citação do filósofo a ser trabalhado, nesse caso SARTRE. Há duas citações que podem iniciar essa etapa: “(...) o homem está condenado a ser livre” (SARTRE, 1987, p. 9) e “(...) somos nós mesmos que escolhemos nosso ser”. (SARTRE, 1987, p. 12).

Após o professor lançar os fragmentos, os alunos já deduzem o tema que será trabalhado. Os alunos então são convidados a elaborarem suas questões. Em um primeiro momento deverão relacionar os fragmentos apresentados com a história do videoclipe. O professor então lança o desafio: o que cada um entende como liberdade e responsabilidade? Todos são convidados a expressar sua opinião. Em um exercício individual, cada aluno irá escrever seus questionamentos cotidianos referentes ao tema, ou seja, quais as suas principais dúvidas sobre o que entendem como liberdade e responsabilidade.

Para facilitar a problematização, o professor pode lançar perguntas, tais como: quais são os fatores que podem libertar uma pessoa? Qual é a única coisa que pode libertar alguém? O indivíduo se sente bem por ser ele mesmo ou segue as tendências impostas para se sentir bem? Onde está a liberdade se para ter uma vida considerada perfeita deve-se seguir padrões? É possível ser livre diante de tantas imposições colocadas pela sociedade? As perguntas serão delineadas de acordo com o videoclipe que foi apresentado.

Investigação

Dentro da Filosofia, vários autores trabalharam o tema sobre a Liberdade. Mas seguindo o Manual proposto pela SEED, serão apresentados fragmentos da obra “*O Existencialismo é um Humanismo*” de SARTRE. A sala será dividida em grupos, e cada grupo receberá um fragmento da obra de SARTRE. Cada um será induzido a refletir como a ideia apresentada pelo filósofo relaciona-se ao conteúdo do videoclipe e ao seu cotidiano. No livro didático da Secretaria de Educação, são apresentados onze fragmentos e mais algumas citações do filósofo. Pode-se trabalhar todos os fragmentos ou escolher alguns para efetuar a posterior conceituação.

Fragmento 01

(...) Se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem (...) o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo.

(SARTRE, 1987, p. 5-6 apud FILOSOFIA-SEED, 2006, p. 147).

Fragmento 02

Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época.

(SARTRE, 1987, p. 6-7 apud FILOSOFIA-SEED, 2006, p. 147).

Fragmento 03

O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade.

(SARTRE, 1987, p. 7 apud FILOSOFIA-SEED, 2006, p.149).

Fragmento 04

O existencialista, pelo contrário, pensa que é extremamente incômodo que Deus não exista, pois, junto com ele, desaparece toda e qualquer possibilidade de encontrar valores num céu inteligível; não pode mais existir nenhum bem a priori, já que não existe uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em nenhum lugar que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir, já que nos colocamos precisamente num plano em que só existem homens. Dostoiévski escreveu: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”.

(SARTRE, 1987, p. 9 apud FILOSOFIA-SEED, 2006, p. 150).

Fragmento 05

Só podemos contar com o que depende da nossa vontade ou com o conjunto de probabilidades que tornam a nossa ação possível. Quando se quer alguma coisa, há sempre elementos prováveis. Posso contar com a vinda de um amigo. Esse amigo vem de trem ou de ônibus; sua vinda pressupõe que o ônibus chegue na hora marcada e que o trem não descarrilhará. Permaneço no reino das possibilidades; porém, trata-se de contar com os possíveis apenas na medida exata em que nossa ação comporta o conjunto desses possíveis. A partir do momento em que as possibilidades que estou considerando não estão diretamente envolvidas em minha ação, é preferível desinteressar-me delas, pois nenhum Deus, nenhum desígnio poderá adequar o mundo e seus possíveis a minha vontade. (...) Não posso, porém, contar com os homens que não conheço, fundamentando-me na bondade humana ou no interesse do homem pelo bem-estar da sociedade, já que o homem é livre e que não existe natureza humana na qual possa me apoiar.

(SARTRE, 1987, p. 12 apud FILOSOFIA-SEED, 2006, p. 150).

Fragmento 06

(...) se bem que seja impossível encontrar em cada homem uma essência universal que seria a natureza humana, consideramos que existe uma universalidade humana de condição. Não é por acaso que os pensadores contemporâneos falam mais frequentemente da condição do homem do que de sua natureza. Por condição, eles entendem, mais ou menos claramente, o conjunto dos limites a priori que esboçam a sua situação fundamental no universo.

(SARTRE, 1987, p. 16 apud FILOSOFIA-SEED, 2006, p.151).

Fragmento 07

Existe uma universalidade em todo projeto no sentido em que qualquer projeto é inteligível para qualquer homem. Isso não significa de modo algum que esse projeto defina o homem para sempre, mas que ele pode ser reencontrado. Temos sempre a possibilidade de entender o idiota, a criança, o primitivo ou o estrangeiro, desde que tenhamos informações suficientes. Nesse sentido, podemos dizer que há uma universalidade do homem; porém, ela não é dada, ela é permanentemente construída.

(SARTRE, 1987, p. 16 apud FILOSOFIA-SEED, 2006, p. 153).

Fragmento 08

É verdade que no sentido em que, cada vez que o homem escolhe o seu engajamento e o projeto com toda a sinceridade e toda a lucidez, qualquer que seja, aliás, esse projeto, não é possível preferir-lhe um outro; é ainda verdade na medida em que nós não acreditamos no progresso; o progresso é uma melhoria; o homem permanece o mesmo perante situações diversas, e a escolha é sempre uma escolha numa situação determinada.

(SARTRE, 1987, p. 18 apud FILOSOFIA-SEED, 2006, p.152).

Fragmento 09

Quando declaro que a liberdade, através de cada circunstância concreta, não pode ter outro objetivo senão o de querer-se a si própria, quero dizer que, se alguma vez o homem reconhecer que está estabelecendo valores, em seu desamparo, ele não poderá mais desejar outra coisa a não ser a liberdade como fundamento de todos os valores. Isso não significa que ele a deseja abstratamente. Mas simplesmente, que os atos dos homens de boa fé possuem como derradeiro significado a procura da liberdade enquanto tal.

(SARTRE, 1987, p. 19 apud FILOSOFIA-SEED, 2006, p. 152).

Fragmento 10

Temos que encarar as coisas como elas são. E, aliás, dizer que nós inventamos os valores não significa outra coisa senão que a vida não tem sentido a priori. Antes de alguém viver, a vida, em si mesma, não é nada; é quem a vive que deve dar-lhe um sentido; e o valor nada mais é o que esse sentido escolhido.

(SARTRE, 1987, p. 21 apud FILOSOFIA-SEED, 2006, p. 152).

Fragmento 11

(...) não podemos admitir que um homem possa julgar o homem. O existencialismo dispensa-o de todo e qualquer juízo desse tipo: o existencialismo não colocará nunca o homem como meta, pois ele está sempre por fazer. E não devemos acreditar que existe uma humanidade à qual possamos nos dedicar, tal como fez Auguste Comte. O culto da humanidade conduz a um humanismo fechado sobre si mesmo, como o de Comte, e, temos de admiti-lo, ao fascismo. Este é um humanismo que recusamos.

(SARTRE, 1987, p. 21 apud FILOSOFIA-SEED, 2006, p. 153).

O professor também pode apresentar o pensamento de outros filósofos que se contrapõem às ideias de SARTRE. Ou apresentar a visão do existencialismo ateu e do existencialismo cristão. A discussão que será posteriormente iniciada tomará como embasamento teórico os textos selecionados pelo professor.

Conceituação

Para dar início ao processo de conceituação, o professor apresenta uma definição dos termos “liberdade” e “responsabilidade”. Segundo o dicionário escolar da língua portuguesa (BUENO, 1986), liberdade significa a “condição de uma pessoa poder dispor de

si; faculdade de fazer ou deixar de fazer uma coisa; livre-arbítrio; faculdade de praticar tudo aquilo que não é proibido por lei; o uso dos direitos do homem livre; deliberação; ousadia; franqueza.” Responsabilidade, no dicionário Michaelis, significa: “**1** Qualidade de responsável. **2 Dir** Dever jurídico de responder pelos próprios atos e os de outrem, sempre que estes atos violem os direitos de terceiros, protegidos por lei, e de reparar os danos causados. **3** O dever de dar conta de alguma coisa que se fez ou mandou fazer, por ordem pública ou particular. **4** Imposição legal ou moral de reparar ou satisfazer qualquer dano ou perda.” (<http://michaelis.uol.com.br/>)

A partir desse momento, o professor apresenta alguns questionamentos a partir da definição apresentada e relacionando com o pensamento de SARTRE. O professor pode iniciar destacando que se a liberdade é a “faculdade de praticar tudo aquilo que não é proibido por lei”, e se a mesma liberdade representa “ousadia” e “livre-arbítrio”, como podemos afirmar que somos realmente livres se existem regras e leis que devem ser seguidas? Quais as ideias de liberdade que podem ser encontradas em propagandas na mídia? Além da angústia e do desamparo, quais outros sentimentos surgem no momento das escolhas? Ao escolher, somos realmente livres, ou somos influenciados pelo meio em que vivemos?

Os alunos, baseando-se nas ideias apresentadas por SARTRE e através da sensibilização e do direcionamento filosófico proporcionado pela mediação do professor, argumentará sobre suas próprias ideias. Podendo recriar o raciocínio de SARTRE ou formular um conceito para encontrar uma solução viável ao problema que foi colocado. Essa etapa pode constar como avaliação.

Avaliação

Para melhor assimilação do conteúdo pode ser solicitado aos alunos uma produção para ser avaliada. Essa atividade pode ser apresentada de várias formas, visando não focar apenas na produção textual. Cada aluno possui uma habilidade diferente, e isso pode ser bem aproveitado no momento da avaliação. Os fragmentos estudados servirão de embasamento teórico, e os conceitos trabalhados em sala podem ser apresentados em diversos formatos: vídeo, poesia, música, desenho, fotografia, reflexão.

Aula 2

Eixo Estruturante: Temas Transversais

Tema: Sexualidade e Corpo em Sartre

O tema sexualidade, mesmo ainda sendo considerado como tabu, é integrante dos Temas Transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Significa que faz parte do currículo das escolas e deve ser debatido em sala de aula. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o Ensino Médio é “a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental”. Portanto os conteúdos sobre sexualidade continuam os mesmos apontados pelos PCN do Ensino Fundamental, mudando apenas a abordagem, que será mais aprofundada. De acordo com o PCN do Ensino Fundamental, a orientação sexual deve ser abordada através dos seguintes temas: [1] Corpo Humano, [2] Relações de Gênero e [3] Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

A discussão no Ensino Médio não se prende apenas aos temas mais comuns como métodos contraceptivos, gravidez indesejada e DST. Pretende-se discutir a sexualidade em um sentido mais amplo, abrangendo os aspectos psicológicos e sociais. Priorizando a reflexão de temas polêmicos, como a superação de preconceitos e a definição das escolhas mais apropriadas para as suas vidas.

Por ser um tema transversal pode ser apresentado em qualquer período do ano letivo. E sendo um conteúdo interdisciplinar, poderá ser trabalhado em conjunto com todas as demais disciplinas. Para ser abordado em filosofia, seguindo a metodologia sugerida por Silvio GALLO, calcula-se o uso de quatro aulas. Na primeira aula, será apresentado um videoclipe que apresente o tema em questão. Os alunos farão uma breve análise da história apresentada. Em seguida, relacionarão o tema apresentado com seus principais questionamentos. Poderão elencar as principais questões, que serão os problemas a serem analisados. Na segunda aula, haverá a assimilação do conteúdo teórico, através de obras filosóficas que abordem o tema. Na terceira aula, os alunos podem criar seus conceitos referentes ao tema trabalhado, buscando soluções para as questões/ problemas elencados na primeira aula. A quarta aula é dedicada à avaliação, que será apresentada de forma livre de acordo com as habilidades de cada aluno.

Sensibilização

Dos vídeos analisados no Terceiro Capítulo, dois apresentam conteúdo que podem ser apresentados como sensibilização para esse tema: “*I Could Be The One*” e “*Giant In My Heart*”.

No videoclipe “*I Could Be The One (Nicktim)*”, de Avicii e Nicky Romero, o corpo também é ressaltado. Percebe-se a não aceitação do corpo fora dos padrões estabelecidos pela mídia. E também a aceitação do corpo, demonstrando que o corpo é livre. Se o corpo é livre ele pode expressar toda a sua sexualidade e desejo. Há várias cenas que expressam a sexualidade do corpo, a liberdade sexual expressa na realização dos desejos carnis. Nada de sentimentos, apenas a liberação da libido. O prazer instintivo. O sexo casual e a busca por desconhecidos pelo simples prazer de sentir prazer.

No videoclipe “*Giant In My Heart*”, apresenta aos alunos o universo das *Drag Queen* e *Cross-dressing*. A proposta de discussão para esse vídeo torna-se mais ampla, pois aborda também a questão da superação do preconceito e da aversão ao que é diferente. Como já mencionado anteriormente, nem sempre uma pessoa que se veste de mulher é homossexual. Nem todos que se vestem de mulher são travestis ou transexual. Nem todo travesti é homossexual. E nem todo homossexual é Drag Queen. Pode-se trabalhar a questão da orientação sexual. O desejo do corpo nem sempre corresponde ao sexo de nascimento. Não é uma opção para ser definida através do convívio social, é um desejo carnal que orienta para aquilo que de fato é. Segundo o Existencialismo, não é a sociedade que define alguém, que define o modo como devemos nos portar, e conduzir a vida. O indivíduo define a si próprio, escolhe o que quer ser, e a qualquer momento pode escolher mudar aquilo que já é. A liberdade de escolha não é limitada pelos valores morais. Escolhemos agir dessa ou de outra maneira. E nossas escolhas são motores propulsores da nossa existência.

Após assistir ao vídeo os alunos realizarão uma breve análise da história apresentada, descrevendo as situações e relacionando-as a algum acontecimento próximo a eles.

Problematização

Para dar início aos questionamentos a serem levantados, o professor pode apresentar algumas citações sobre o tema. Uma das citações usada no plano de aula anterior pode ser utilizada novamente: “(...) somos nós mesmos que escolhemos nosso ser”. (SARTRE, 1987, p. 12). Outra citação que pode ser utilizada refere-se ao contexto da sexualidade, presente na

obra *O Ser e o Nada*: “Diz-se que o homem é um ser sexual porque possui um sexo. E se for ao contrário? E se o sexo não for mais que o instrumento e, por assim dizer, a *imagem* de uma sexualidade fundamental?” (SARTRE, 2011, p. 477)

Após o tema ser apresentado, os alunos deverão relacionar as citações com a história do videoclipe. O professor pode perguntar o que cada aluno compreende como corpo e sexualidade. Os alunos poderão escrever seus principais questionamentos referentes ao tema.

Como mediador, o professor pode fazer outras perguntas: Qual o padrão de corpo definido na atualidade? O padrão definido está de acordo com a realidade de todos? O que as pessoas são capazes de fazer para obter o corpo perfeito? O que é um corpo perfeito? Como o corpo se relaciona com a sexualidade? Se somos livres, podemos escolher qual gênero ser? Pode-se viver a sexualidade livre de preconceitos, medos e falsas crenças? Por que ainda há preconceito de gênero em uma sociedade que prega a liberdade de expressão? Quais os padrões de comportamento estipulados pelo senso comum para definir o gênero? Caso os alunos não saibam como responder esta última questão, o professor pode desenhar uma tabela no quadro, apresentando os mais comuns: meninas brincam de boneca, meninos de carrinho. Meninas vestem roupas na cor rosa e meninos na cor azul. Meninas são delicadas e sensíveis e meninos bagunceiros e mal educados.

Para facilitar a problematização do tema, pode-se ainda utilizar as informações presentes nas cartilhas do Ministério da Saúde (2007), transcritas a seguir:

DIREITOS REPRODUTIVOS

- Direito das pessoas de decidirem, de forma livre e responsável, se querem ou não ter filhos, quantos filhos desejam e em que momento de suas vidas.
- Direito a informações, meios, métodos e técnicas para ter ou não filhos.
- Direito de exercer a sexualidade e a reprodução livre de discriminação, imposição e violência.

DIREITOS SEXUAIS

- Direito de viver e expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminações e imposições e com respeito pleno pelo corpo do (a) parceiro (a).
- Direito de escolher o parceiro (a) sexual.
- Direito de viver plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças.
- Direito de viver plenamente a sexualidade independentemente de estado civil, idade ou condição física.
- Direito de escolher se quer ou não ter relação sexual.

- Direito de expressar livremente sua orientação sexual: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, entre outras.
- Direito de ter relação sexual independente da reprodução.
- Direito ao sexo seguro para prevenção da gravidez indesejada e de DST/HIV/AIDS.
- Direito a serviços de saúde que garantam privacidade, sigilo e atendimento de qualidade e sem discriminação.
- Direito a informação e à educação sexual reprodutiva.

Investigação

Os fragmentos a serem apresentados, consistem em trabalhar o conceito de corpo e sexualidade apresentados principalmente por SARTRE. Para essa investigação textual serão utilizados alguns fragmentos da terceira parte da obra *O Ser e o Nada*, de SARTRE, que apresenta uma teoria para o corpo e a questão da sexualidade através do desejo. É interessante trabalhar também com outros textos que acrescentem mais argumentos para as discussões sobre as relações de gênero e sexualidade. Para trabalhar os fragmentos, a sala será dividida em grupos de discussão. Outra possibilidade de trabalho é apresentar o conceito de sexualidade e corpo através das épocas, estabelecendo um recorte em determinados períodos. Alguns fragmentos que podem ser trabalhados:

CORPO

Existo meu corpo: esta é sua primeira dimensão de ser. Meu corpo é utilizado e conhecido pelo Outro: esta, a segunda dimensão. Mas, enquanto *sou Para-outro*, o Outro desvela-se a mim como o sujeito para o qual sou objeto. Trata-se inclusive, como vimos, de minha relação fundamental com o Outro. Portanto, existo para mim como conhecido pelo Outro - em particular, na minha própria facticidade. Existo para mim como conhecido pelo Outro a título de corpo. Esta, a terceira dimensão ontológica de meu corpo. (SARTRE, *O Ser e o Nada*, 2011, p.441)

CORPO

Assim, portanto, se queremos refletir a respeito da natureza do corpo, é preciso estabelecer em nossas reflexões uma ordem conforme à ordem do ser: não podemos continuar confundindo os níveis ontológicos e devemos examinar sucessivamente o corpo enquanto ser-Para-si e enquanto ser-Para-outro; e, para evitar absurdidades do gênero da "visão invertida", iremos nos compenetrar da ideia de que esses dois aspectos do corpo, estando em dois níveis de ser diferentes e incomunicáveis, são irreduzíveis um ao outro. O Para-si deve ser todo inteiro corpo e todo inteiro consciência: não poderia ser *unido* a um corpo. Similarmente, o ser-Para-outro é todo inteiro corpo; não há aqui "fenômenos psíquicos" a serem unidos a um corpo; nada há *detrás* do corpo. Mas o corpo é todo inteiro "psíquico". (SARTRE, *O Ser e o Nada*, 2011, p. 387-388)

CORPO

[...] o corpo é a forma contingente que a necessidade de minha contingência assume. Jamais podemos captar esta contingência como tal, enquanto nosso corpo é *para nós*, porque somos escolha, e ser é, para nós, escolher-nos. Mesmo esta invalidez de que padeço, pelo próprio fato de vivê-la, eu a assumi, e a transcendendo rumo a meus próprios projetos, constituo-a como o obstáculo necessário para meu ser; não posso ser enfermo sem me escolher inválido, ou seja, sem escolher a maneira como constituo minha invalidez (como "intolerável", "humilhante", "a ser dissimulada", "a ser revelada a todos", "objeto de orgulho", "justificativa para meus fracassos" etc.). Mas este corpo inapreensível é precisamente a necessidade de que *haja uma escolha*, ou seja, a necessidade de que eu não seja *tudo* ao mesmo *tempo*. Nesse sentido, minha finitude é condição de minha liberdade, pois não há liberdade sem escolha, e, assim como o corpo condiciona a consciência como pura consciência do mundo, minha finitude torna a consciência possível até mesmo em sua própria liberdade.

(SARTRE, O Ser e o Nada, 2011, p. 414-415)

CORPO

[...] ter um corpo é ser fundamento de seu próprio nada, mas não ser fundamento de seu ser; *sou* meu corpo na medida em que *sou*; *não sou* meu corpo na medida em que não sou o que sou; dele escapo por minha nadificação. Mas nem por isso dele faço um objeto, porque aquilo de que perpetuamente escapo é aquilo que *sou*. E b corpo, além disso, é necessário como obstáculo a ser transcendido para ser no mundo, ou seja, obstáculo que sou para mim mesmo. Nesse sentido, não difere da ordem absoluta do mundo, esta ordem que faço advir ao ser transcendendo-o rumo a um ser-por-*vir*, rumo ao ser-para-além-do-ser. Podemos captar claramente a unidade dessas duas necessidades: ser-Para-si é transcender o mundo e fazer com que haja um mundo transcendendo-o. Mas, transcender o mundo é precisamente não sobrevoá-lo, é comprometer-se nele para dele emergir, é necessariamente fazer-se ser *esta* perspectiva de transcender.

Nesse sentido, a *finitude* é condição necessária do projeto original do Para-si. A condição necessária para que eu seja o que não sou e não seja o que sou, Para-além de um mundo que faço advir ao ser, é que haja perpetuamente um inapreensível algo dado no âmago da perseguição infinita que sou. Esse algo dado que sou sem ter-de-sê-lo - salvo ao modo do não ser - não posso captar nem conhecer, pois é por toda parta retomado e transcendido, utilizado para meus projetos, assumido.

(SARTRE, O Ser e o Nada, 2011, p.412-413)

CORPO

[...] o Mal que padeço pode ser encarado em seu Em-si, ou seja, precisamente em seu ser-Para-outro. Nesse momento, eu o *conheço*, ou seja, viso-o em sua dimensão de ser que me escapa, na face que volta para os Outros, e meu visar impregna-se do saber que a linguagem me forneceu, ou seja, utilizo conceitos instrumentais que me chegam do Outro e que de modo algum eu teria podido formar sozinho ou pensar por mim mesmo em dirigir ao *meu* corpo. É por meio dos conceitos do Outro que *conheço* meu corpo. Mas segue-se daí que na própria reflexão adoto o ponto de vista do Outro sobre meu corpo; tento captá-lo como se eu fosse o Outro com relação a ele. É evidente que as categorias que então aplico ao Mal constituem-no *no vazio*, ou seja, em uma dimensão que me escapa. Por que falar então em *intuição*? É porque, apesar de tudo, o *corpo padecido* serve de núcleo, de matéria, para as significações alienadoras que o transcendem: é esse *Mal* que me escapa rumo a características novas, que estabeleço como limites e esquemas vazios de organização.

(SARTRE, O Ser e o Nada, 2011, p.445-446)

SEXUALIDADE

Diz-se que o homem é um ser sexual porque possui um sexo. E se for o contrário? E se o sexo não for mais que o instrumento e, por assim dizer, a *imagem* de uma sexualidade fundamental? E se o homem só possuir um sexo por ser originária e fundamentalmente um ser sexual, enquanto ser que existe no mundo em conexão com outros homens? A sexualidade infantil precede a maturação fisiológica dos órgãos sexuais; os eunucos, por assim serem, não deixam de sentir desejo. Nem muitos idosos. O fato de poder *dispor* de um órgão sexual apto a fecundar e buscar o prazer só representa uma fase e um aspecto de nossa vida sexual. Há um modo de sexualidade "com possibilidade de satisfação", e o sexo constituído representa e concretiza esta possibilidade. Mas existem outros modos da sexualidade, do tipo incapaz de satisfação, e, se levarmos em conta tais modalidades, é preciso reconhecer que a sexualidade/ surgindo com o nascimento, só desaparece com a morte.

(SARTRE, O Ser e o Nada, 2011, p.477-478)

SEXUALIDADE

[...] o ato sexual liberta por um momento o desejo, e, em certos casos, pode ser explicitamente posto como o objetivo desejável do desejo - por exemplo, quando este é doloroso e fatigante. Mas, então, é preciso que o desejo mesmo seja o objeto que posicionamos como "a suprimir", e isso só poderia ser feito por meio de uma consciência reflexiva. Ora, o desejo é, por si mesmo, irrefletido; portanto, não poderia posicionar-se a si próprio como objeto a suprimir. Só um libertino representa seu desejo, trata-o como objeto, excita-o, deixa-o desperto, varia a forma de satisfação etc. Mas então, deve-se observar, é o desejo que se torna o desejável. O erro, aqui, provém do fato de que aprendemos que o ato sexual suprime o desejo. Portanto, uni-se um conhecimento ao desejo, e, por razões exteriores à sua essência (procriação, caráter sagrado da maternidade, força excepcional do prazer provocado pela ejaculação, valor simbólico do ato sexual), adicionou-se de fora a voluptuosidade como satisfação normal do desejo. O homem comum, por preguiça de espírito e conformismo, também não pode conceber para seu desejo outra meta que não seja a ejaculação. É o que permitiu conceber o desejo como um instinto cuja origem e cujo fim são estritamente fisiológicos, posto que, no homem, por exemplo, teria por causa a ereção e por termo final a ejaculação. Mas o desejo não encerra em si, de modo algum, o ato sexual, não o posiciona tematicamente, sequer o esboça, como se vê quando se trata do desejo em crianças pequenas ou em adultos que ignoram a "técnica" do amor. Igualmente, o desejo não é desejo de alguma prática amorosa especial; é o que prova suficientemente a diversidade dessas práticas, variáveis conforme os grupos sociais.

(SARTRE, O Ser e o Nada, 2011, p.479-480)

SEXUALIDADE

“A sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito, e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações e, portanto, a saúde física e mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como direito básico. A saúde mental é integração dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais e emocionais de maneira tal que influenciem positivamente a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor”.

(GTPOS/ OMS 1975)

GÊNERO

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo.

(Simone de BEAUVOIR)

GÊNERO

Há o machismo enclacrado nas instituições familiares, nos valores, nas concepções de poder, na divisão dos comportamentos, nas cores e na distribuição dos brinquedos às crianças. É o patriarcalismo extratificado em todos os segmentos de nossa cultura. O machismo é uma forma sublimada de homossexualidade, pois o machista procura a si mesmo, tem com objeto erótico a figura de seu próprio sexo e de seus semelhantes. Discrimina e despreza a mulher e a condição feminina, não admitindo a igualdade dos sexos ou a construção social e histórica desses papéis sexuais. Tem uma forma muito pobre de relacionar-se com o mundo e nunca descobriu dialogicamente a mulher, embora tenha "possuído" muitas destas, que inconscientemente despreza. (NUNES, 1987, p.74,75 apud PARDIM, 2008, p. 21)

GÊNERO

A palavra "homossexual" quer dizer aquele que tem preferência, que ama, admira, tem como objeto erótico de satisfação os seres de seu próprio sexo. Na maior parte das vezes os desajustes de comportamentos dos homossexuais, exibicionismo, imaturidade ou a própria violência, são reações às formas de discriminação e preconceito com que a sociedade e a família tratam a sua condição: preconceito de que a homossexualidade seja uma perversão patológica; de que os homossexuais sejam violentos e apresentem distúrbios emocionais; de que os homossexuais sejam anormais; de que a homossexualidade seja "reversível". (NUNES, 1987, p.76,78 apud PARDIM, 2008, p. 18,19)

Conceituação

Novamente pode-se recorrer ao dicionário para iniciar o processo de conceituação, apresentando as definições de “sexualidade” e “corpo”. De acordo com o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (BUENO, 1986), sexualidade é o “conjunto de todos os caracteres morfológicos e fisiológicos, externos ou internos, que os indivíduos apresentam, conforme o sexo a que pertencem”. A versão on-line e atualizada do dicionário *Michaelis*, ainda acrescenta: “**3** Condição de ter sexo. **4** Exaltação ou recrudescimento do instinto sexual. **5** Expressão do instinto sexual; atividade sexual.” A palavra corpo possui mais do que um significado, não ficando apenas no campo da anatomia. Segundo o dicionário *Michaelis*, corpo significa: **1** Tudo o que tem extensão e forma. **2** A estrutura física do homem ou do animal. **3** O tronco, para distingui-lo da cabeça e dos membros. **4** *Quím* Porção de matéria: *Corpo simples, corpo composto.* **5** Cadáver humano. [...] **7** Existência real e sensível. **8** Parte principal e central. (<http://michaelis.uol.com.br/>)

A partir da definição apresentada, o professor pode lançar questões que possam auxiliar na produção filosófica dos alunos. O tema inicialmente pode ser debatido com timidez, devido ao tabu que ainda o envolve, portanto, a mediação do professor é fundamental para que os alunos não se percam no objetivo da atividade. Afinal o tema desperta curiosidade por ser algo latente nos jovens. Após a definição apresentada e os fragmentos textuais da investigação, o professor pode questionar os alunos se o tabu que envolve o tema sexualidade é uma questão socio-cultural, diferindo de acordo com a sociedade. Como a sexualidade é vista em outras culturas? Novamente a questão da liberdade pode ser focada, se somos livres e escolhemos o que devemos ser, cabendo a nós a responsabilidade por nossos atos, por que o sexo ainda é reprimido em alguns lugares? Como a sexualidade era percebido pelos jovens de outras épocas? Como é debatido atualmente? O que a mídia pode influenciar na percepção do outro, do corpo e do sexo? Como a sexualidade é debatida na mídia? E como é percebida pelo jovem? Seu modo de agir, seu corpo, sua percepção de si mesmo e do outro é escolhida sua ou definida pelos padrões apresentados pela mídia? A sexualidade é um fator natural e instintivo

do homem, no entanto, até que ponto a mídia pode influenciar naquilo que cada um é e acredita? O que é desejo? Por que uma pessoa sente prazer em se vestir como o sexo oposto? O ficar é um ato de satisfazer um desejo pessoal? São inúmeras as questões que podem ser lançadas, e na mente dos jovens outras centenas podem aflorar. É importante que os alunos possuam sua própria visão dos termos, criando um conceito atual e dentro do universo a que pertencem.

Avaliação

A avaliação, como já mencionada anteriormente, consiste na melhor assimilação possível do conteúdo e do processo que cada aluno vivenciou. Portanto, a questão da liberdade da escolha do formato é mantida. Cada aluno possui um potencial a ser explorado, basta apenas dar o direcionamento, para que possam dar o primeiro passo. Ao solicitar que escolham o formato da atividade, a autonomia de cada um estará sendo trabalhada. O material produzido poderá ser exposto em sala e posteriormente poderá ser realizada uma roda de conversa, onde cada aluno poderá questionar os demais sobre o formato que cada um escolheu para apresentar seus conceitos.

CONCLUSÃO

A filosofia está inserida como disciplina obrigatória no currículo escolar do Ensino Médio. A adolescência é a fase crucial do amadurecimento da razão, preparando para a autonomia moral que a vida adulta exige. Na Lei de Diretrizes e Bases, consta que o aluno ao final do Ensino Médio deve demonstrar o “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania”. Para exercer a sua cidadania, o jovem deve ser capaz de exprimir sua opinião apresentando argumentos válidos que comprovem o seu ponto de vista. O ato de filosofar está presente em nosso cotidiano. A filosofia é uma atitude reflexiva presente em todas as disciplinas, mas não utilizada da maneira correta pelas demais áreas do conhecimento. No Ensino Médio (faixa etária de 15 a 17 anos), acredita-se que os alunos tenham a maturidade intelectual necessária para assimilar conteúdos pertinentes à atividade filosófica. No entanto, a adolescência é uma fase conflituosa e questionadora.

O universo dos adolescentes é permeado de questões aparentemente sem respostas. Expressam-se através de certa tendência à rebeldia, presente em suas vestimentas e no modo de falar e se comportar diante da sociedade. Buscam a sua definição, pois querem descobrir a sua essência e o que devem esperar da vida. Almejam alcançar seus sonhos e desejos, mas abandonam projetos pela metade e iniciam projetos como novos sonhos a serem conquistados. Mudam constantemente de ideia com relação à vocação a ser seguida. Buscam satisfazer todas as suas vontades e ficam frustrados quando não conseguem atingir o seu objetivo. São dramáticos ao ponto de colocar uma frustração como fim de todos os seus anseios. Vivem de pequenas mortes, resultando num estilo de vida que preza em aproveitar cada segundo como se fosse o último. Tal forma de agir e pensar, pode ser relacionada com a corrente filosófica do Existencialismo.

O Existencialismo apresenta como principal tema a condição da existência humana. Essa corrente filosófica apresenta duas linhas de pensamento: o Existencialismo Cristão e o Existencialismo Ateu. Em linhas gerais, o pensamento existencialista afirma que o homem é livre e tem total responsabilidade sobre as escolhas que definirão a sua essência. Ao ter que escolher constantemente, vive angustiado, pois cada escolha irá refletir em seu projeto de vida. A angústia em não saber o que acontecerá após as escolhas coloca o homem em desespero. Pois a qualquer momento pode-se perder aquilo que o torna quem é. Ao assumir sozinho, as consequências de seus atos, o homem está desamparado.

O Existencialismo foi escolhido como proposta de pesquisa por apresentar relação com a maneira de pensar e viver dos adolescentes, imersos em conflitos existencialistas e dúvidas angustiantes. A arte, principalmente a música jovem, foi influenciada pelo existencialismo. A Contracultura existente no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, foi influenciada pelo existencialismo sartreano. As ideias de SARTRE sobre liberdade e engajamento político, ainda podem ser notadas em muitas manifestações artísticas. Alguns artistas incorporam conceitos filosóficos em suas obras, permitindo que a Filosofia adentre o cotidiano das pessoas. Utilizar a música como recurso pedagógico representa uma melhor assimilação do conteúdo ministrado em sala de aula. O principal objetivo desse trabalho é proporcionar a sensibilização dos alunos através de músicas e vídeos que expressem temas existencialistas. Para que haja uma iniciação do pensamento filosófico é necessário estabelecer uma relação entre a Filosofia e o cotidiano dos alunos. O intuito dessa aproximação é incentivar a reflexão autônoma.

A reflexão a ser feita a partir dessa pesquisa relaciona-se com as metodologias aplicadas no ensino da Filosofia no Ensino Médio. O desafio dos professores em sala de aula é capturar a atenção dos jovens. A Escola ainda está presa nos moldes tradicionais de ensino: quadro e giz, apostilas, cadernos, carteiras enfileiradas, professor à frente da sala, avaliações como obtenção de nota classificatória. Mas no mundo globalizado no qual vivemos, as informações circulam de modo rápido e os jovens estão “conectados” a essa rede de informações. A escola ao apresentar um padrão tradicional não conseguirá conquistar a atenção dos jovens, que munidos de seus *smartphones*, podem acessar a qualquer momento informações condizentes ao conteúdo que lhes é ensinado em sala de aula. Mesmo que a Escola não apresente a modernização a qual os jovens estão acostumados, um professor é capaz de prender a atenção dos alunos, quando apresenta o seu conteúdo de uma maneira dinâmica e lúdica, estabelecendo uma relação didática com a vivência dos alunos. Apenas através do uso de metodologias diversificadas, aliadas com as tecnologias atuais, consegue-se uma melhor aceitação das disciplinas escolares. Um dos recursos mais utilizados pelos professores é a arte.

Uma boa aula deve ser dinâmica e divertida. Para que haja uma melhor assimilação os recursos utilizados devem proporcionar a aproximação do conteúdo ministrado com a realidade dos alunos. O recurso audiovisual faz parte da realidade juvenil e por ser de fácil acesso, torna-se um instrumento facilitador na compreensão dos conceitos abordados em sala de aula. O interesse dos jovens pela música também pode ser explorado ao se utilizar vídeos como fator sensibilizador nas aulas.

Essa pesquisa se propôs a analisar alguns videoclipes com conteúdo existencialista. O ponto principal da análise é a relação das questões dos jovens com os valores filosóficos. Cada um analisará o conteúdo do videoclipe de uma forma diferente, devido a bagagem cultural e pessoal. Atualmente, os videoclipes têm sido elaborados em um formato similar ao curta-metragem, significando que além da música, o vídeo apresenta uma história que segue um enredo específico. Ao apresentar um videoclipe, espera-se que o aluno possa elencar alguns conceitos filosóficos, através da observação das imagens, e da letra das músicas.

A metodologia empregada nas aulas de Filosofia deve “seduzir” os alunos. O professor deve incentivar o pensamento filosófico. Os conteúdos podem ser apresentados através do recurso audiovisual, mas a leitura dos textos clássicos ainda é imprescindível. Os clássicos apresentam temas atemporais, que podem ser contextualizados na atualidade. A História da Filosofia pode ser apresentada como central ou referencial. As duas abordagens possuem suas vantagens e desvantagens. Cabe ao professor escolher o tipo de abordagem filosófica e a melhor estratégia didática. As estratégias a serem utilizadas em sala de aula devem estabelecer uma conexão do conteúdo a ser ministrado com o imaginário e a cultura dos alunos. O professor deve conhecer os seus alunos para que sua aula possa alcançar a todos.

Ensinar Filosofia é ensinar a filosofar. Portanto, a abordagem mais apropriada para ser inserida em sala de aula é a Problemática, pois incentiva o pensamento filosófico. O aluno deve ser incentivado a pensar e a criar seus próprios conceitos proporcionando uma educação crítica e argumentativa. Incentivar a autonomia do pensamento não é tarefa exclusiva do professor regente da disciplina de Filosofia. Os professores das demais disciplinas também devem incentivar o pensamento crítico e reflexivo dos alunos, independente do nível educacional.

O último capítulo desse trabalho apresenta uma proposta de ação pedagógica que pode servir de exemplo para a elaboração de planos de aula para a disciplina de Filosofia no Ensino Médio. Não pretendo colocar como um norteador para aulas de Filosofia, as propostas apresentadas nessa pesquisa, mas é importante que o professor-mediador incentive a interdisciplinaridade. Pois, a Filosofia permeia todas as demais disciplinas. O diálogo entre Filosofia e sala de aula é possível, basta apenas utilizar as estratégias didáticas corretas.

A metodologia empregada no Ensino Médio deve ser repensada. Muito ainda deve ser feito para melhorar a Educação, tanto no nível fundamental como no médio. Os conteúdos devem se relacionar com a realidade dos alunos. O Ensino Médio não deve formar apenas indivíduos aptos ao mercado de trabalho, mas oportunizar aos jovens a escolha do caminho

que pretendem seguir. Ao terminar o Ensino Médio, o aluno deve estar preparado para exercer a sua cidadania. E para ser cidadão o jovem deve ter uma formação crítica e argumentativa, consolidando a autonomia do pensamento e construindo sua personalidade adulta e politizada.

A Filosofia no Ensino Médio não forma filósofos, mas possibilita que o aluno entre em contato com a atitude filosófica, que consiste em pensar de um modo conceitual, reflexivo, argumentativo e problematizador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando José. **Sartre: é proibido proibir**. São Paulo: FDT, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda . **Filosofando, Introdução À Filosofia**. 2ª edição; Editora Moderna. São Paulo, 1993.

ASPIS, Renata Pereira Lima. **O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n64/22832>>. Acesso em nov. 2014.

AZEREDO, Jeferson Luis de. **Filosofia no Currículo Escolar Brasileiro: Contextos Históricos**. UNESC. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/index.php/SELM/article/viewFile/444/448> Acesso em: setembro 2015

BENOIT, Lelila Oliveira. **Sobre a Filosofia positivista no Brasil**. In Filosofia e Formação, volume 1. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. – 11.ed./10.^a tiragem – Rio de Janeiro: FAE, 1986.

CAPPELLO, Maria Adriana C. : **“Não se ensina filosofia, só se ensina a filosofar”**. Aula-texto produzida para a disciplina Introdução à Prática de Ensino em Filosofia do Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio – turma 2014. MEC/CAPES/DED.

CARMINATI, Celso J. **Formação e Didática do ensino da Filosofia**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 13, n. 38, p. 369-384, jan./abr. 2013

CARVALHO, M; CORNELLI, G. (org.). **Sobre a filosofia e a história da filosofia – entrevista com Marilena Chauí**. In Filosofia e Formação, vol.1. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

CELETI, Filipe Rangel. **Existencialismo**. Mundo Educação. Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com/filosofia/existencialismo.htm> Acesso em: setembro 2015

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

CIÊNCIAS humanas e suas tecnologias. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Orientações curriculares Nacionais para o ensino médio ; volume 3). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf
DANELON, Márcio. O Conceito sartreano de liberdade: implicações éticas. Ano I - Nº 04 - Maio de 2002 - Quadrimestral - Maringá – PR
 Disponível em: http://www.urutagua.uem.br//04fil_danelon.htm Acesso em: junho 2015

DIRETRIZES Curriculares para os Cursos de Graduação em Filosofia. – Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>

EXISTENCIALISMO - A Filosofia da liberdade. Aula de Filosofia: textos e videos sobre filosofia e afins. junho de 2012 Disponível em: <http://filosofiamg.blogspot.com.br/2012/06/existencialismo-filosofia-da-liberdade.html>
 Acesso em junho 2015

FERREIRA, Luciana Neves. ANASTÁCIO, Fernando Dório. **A Adolescência e algumas questões existenciais.** De um curso a um discurso, Revista de Psicologia. Edição 3; 30 de maio de 2012. Disponível em: <http://npa.newtonpaiva.br/psicologia/e3-10-adolescencia-e-algumas-questoes-existenciais/> Acesso em: agosto de 2015

FILOSOFIA – Ensino Médio /vários autores. – Curitiba: SEED-PR, 2006. – 336 p.

GALLO, Silvio. **Chegou a hora da Filosofia.** Ensino Médio, Revista Educação. Setembro de 2011. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/116/artigo234074-1> Acesso em: junho de 2015

GONTIJO, Pedro. **A Didática para além da didática.** Em Ensinar Filosofia: volume 02.- Cuiabá, MT. Central de Texto, 2013.

HEGEL, G. W. Fr. **Introdução à História da Filosofia.** (páginas 327 a 331). Texto da Coleção “Os Pensadores” – Disponível em: <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/10/Introdu%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-Hist%C3%B3ria-da-Filosofia-Hegel.pdf> Acesso em: outubro de 2015

JASMIN, Camila. **Com nova banda, Pitty lança o autoral Sete Vidas, seu quarto álbum.** Entretenimento, Correio 24 horas – Rede Bahia. Maio de 2014. Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/com-nova-banda-pitty-lanca-o-autoral-sete-vidas-seu-quarto-album/> Acesso em novembro de 2015.

KANT, Immanuel. **Anúncio do Programa do Semestre de Inverno de 1765-1766.**
Disponível em: http://criticanarede.com/fil_ensinarpensar.html

MATTAR, A. M.; TOMAZETTI, E.M.; DANELOM, M.; **Filosofia como disciplina escolar.**
In Carvalho, M; Cornelli, G. (org.). *Filosofia e Formação*, vol.1. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

MAZAI, Norberto; RIBAS, Maria Alice Coelho. **Trajectoria do Ensino de Filosofia no Brasil.** *Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Sociais e Humanas*, Santa Maria, V.2, n.1, p.1-13, 2001. Disponível em:
<http://sites.unifra.br/Portals/36/CHUMANAS/2001/trajectoria.pdf> Acesso em: setembro 2015

MONTEIRO, Waldir dos Santos. **“Nada no Bolso ou nas Mãos”** – influências do existencialismo sartreano na contracultura brasileira 1960-1970. Rio de Janeiro, 2007
Disponível em: <http://www.existencialismo.uerj.br/pdf/disserwaldir.pdf> Acesso em: junho 2015

MORAIS, Raquel. **'Precisamos rever o ensino médio', diz ministro da Educação sobre Ideb.** *EDUCAÇÃO G1*. 05/ 09/ 2014. Distrito Federal. Disponível em:
<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/09/precisamos-rever-o-ensino-medio-diz-ministro-da-educacao-sobre-ideb.html> Acesso em: outubro de 2015

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Filosofia na Época Trágica dos Gregos.** Trad. Maria Inês Madeira de Andrade. Lisboa, Edições 70, 1987.

_____. **Ecce homo.** Tradução de Antônio Carlos Braga. 2ª edição – Coleção Grandes obras do Pensamento Universal, volume 57. São Paulo, SP. Editora Escala. 2009.

NUNES, Samuel. **Ensino Médio perde qualidade nas escolas públicas e particulares do PR.** *PARANÁ-RPCTV. G1*. 05/ 09/ 2014. Paraná. Disponível em:
<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2014/09/ensino-medio-perde-qualidade-nas-escolas-publicas-e-particulares-do-pr.html> Acesso em: outubro de 2015

OS Pré-Socráticos. Fragmentos, Doxografia e Comentários. Tales de Mileto – Doxografia p. 51 a 53; Análise de Nietzsche p. 55 a 59. Coleção “Os Pensadores” – Vol. I. Disponível em:
<https://blogdocafil.files.wordpress.com/2009/04/os-pre-socraticos-colecao-os-pensadorespdfrev.pdf>

PALACIOS, José Gonzalo Armijos. **Ensina-se a filosofar, filosofando.** in *PHILÓSOPHOS* 12 (1): 79-90, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/philosophos/article/view/3505#.VEEvHfnF-So>>. Acesso em nov. 2014.

PARDIM, Maria Isabel. **Sexualidade na escola: Minha visão de sexualidade no âmbito escolar.** 2008. 37f. Memorial (Licenciatura em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PASCHOAL, A. E. **Da especificidade da filosofia ao seu ensino.** In: Revista do NESEF Filosofia e Ensino. Curitiba, v.3, n.3, Jun./Jul./Ago./Set. 2013, p. 16-24.

PEREIRA, Dayane Maria de Andrade. SILVA, Jéssica de Carvalho, **O ensino de Filosofia como instrumento de reflexão para as novas gerações.** P@rtes. Julho de 2011. Disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/ensinodefilosofia.asp> Acesso em: dezembro de 2015

PEREIRA, Deise Quintiliano. **A Linguagem do Existencialismo** – trompete, jazz e patafísica. Cadernos do CNLF, Vol. XIII, nº 04. Rio de Janeiro, CiFEFil, 2009. Pag 174 a 179. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/a_linguagem_do_existencialismo_trompete_jazz_deise_quintiliano.pdf Acesso em: junho de 2015

PERINE, Marcelo. **Aprendendo e ensinando a filosofar.** In **Ensinar filosofia** : volume 2 / organizadores Marcelo Carvalho, Gabriele Cornelli. Cuiabá, MT : Central de Texto, 2013.pp.140-155.

PROCEDIMENTOS didáticos da aula de Filosofia. Filosofia no ensino médio 4. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jwjEC41d1Ao>>. Acesso em nov. 2014.

RAMAL, Andrea. **Ensino Médio, o grande gargalo da educação brasileira.** EDUCAÇÃO. 05/09/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/ensino-medio-o-grande-gargalo-da-educacao-brasileira.html> Acesso em outubro 2015

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario, **História da Filosofia** – Vols. II e III. São Paulo. Paulus Editora: 1990.

RENAUD, Vinicius Loureiro. **O conceito de “liberdade” em O Ser e o Nada de Sartre: um recorte a partir do fazer, do ter e do ser.** Sapere Aude – Belo Horizonte, v.4-n.8, p.294-300 – 2º sem. 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/6297> Acesso em junho 2015

ROCHA, Ronai P. da. **A Didática na disciplina de filosofia;** em Ensinar Filosofia: volume 2. Central de Texto, 2013

RODRIGO, Ligia Maria. **Filósofo e o professor de filosofia: práticas em comparação**; in TRENTIN, Renê/ GOTO, Roberto (orgs). *A filosofia e seu Ensino – Caminhos e sentidos*. Col. *Filosofar é Preciso*, São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

ROSE, Ricardo Ernesto. **A angústia e o existencialismo**. *Consciência*. 29 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.consciencia.org/a-angustia-e-o-existencialismo> Acesso em: agosto de 2015

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Coordenadoria de estudos e normas pedagógicas. *Proposta Curricular para o ensino de filosofia: 2 grau*. 2008 p. 11-24.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Trad. Rita Correa Guedes. Paris, 1970. Disponível em: http://stoa.usp.br/alexcarneiro/files/1/4529/sartre_exitencialismo_humanismo.pdf Acesso em: outubro de 2015

_____. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. Paulo Perdigão. 20 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

SERENO, Caio G. B. **Filosofia e sala de aula** – propostas de um diálogo possível. *Revista Páginas de Filosofia*, v.2, n.1, p 139-174, jan/jun 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/viewFile/1956/1961> Acesso em: junho 2015

SILVA, Jéssica de carvalho. **Conflitos Educacionais e Seus Mediadores**. 2014. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) – Curso de Filosofia, Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014. Disponível em: [http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6689/1/PDF - Jéssica de Carvalho Silva.pdf](http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6689/1/PDF-Jéssica%20de%20Carvalho%20Silva.pdf) Acesso em: Dezembro de 2015

SILVEIRA, Renê Trentin. **Teses sobre o ensino de filosofia no ensino médio**. Em *a Filosofia do Ensino Médio - Temas, problemas e propostas*. Col. *Filosofar é Preciso*, São Paulo> Ed. Loyola, 2007 (pág 77-118)

SOARES, Thiago. **Videoclipe: O Elogio da Desarmonia**. Recife, 2004. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/videoclipe-o-elogio-da-desarmonia.html> Acesso em: novembro de 2015

REFERÊNCIAS VIDEOCLIPES

COULD Be The One, I (Nicktim). Artistas: Avicii e Nicky Romero. Composição: Nicky Romero, Arash Pournouri, Avicii, Linus Wiklund, Jonnali Parmenius, Måns Vredenberg. Diretor: Peter Huang. Produção: Avicii, Nicky Romero, Arash Pournouri. Gravadora: Universal Music. Gênero: Dance, house progressivo. Duração: 4:46. Ano: 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bek1y2uiQGA>

EVERYBODY'S Fool. Artista: Evanescence. Álbum: *Fallen*. Composição: Amy Lee, Ben Moody, David Hodges. Diretor: Philipp Stölzl. Produção: Dave Fortman. Gravadora: Wind-up Records. Gênero: Metal alternativo, nu metal. Duração: 3:35. Ano: 2003, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jhC1pI76Rqo>

GIANT in my heart. Artista: Kiesza. Álbum: *Sound of a Woman*. Composição: Kiesza, Rami Samir Afuni. Diretor: Rami Samir Afuni. Produção: Rami Samir Afuni. Gravadora: Lokal Legend. Gênero: Electropop, house. Duração: 4:37. Ano: 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MDUoSpDKwXk>

SETEVIDAS. Artista: Pitty. Álbum: *Setevidas*. Composição: Pitty. Diretor: Raul Machado. Produção: Rafael Ramos, Tim Palmer (mixagem). Gravadora: Deckdisc. Gênero: Rock Alternativo. Duração: 4:18. Ano: 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6qpV_KiB3Gg

ANEXO A. EVERYBODY'S FOOL – EVANESCENCE

Perfect by nature
Icons of self indulgence
Just what we all need
More lies about a world that

Never was and never will be
Have you no shame?
Don't you see me?
You know you've got everybody fooled

Look, here she comes now
Bow down and stare in wonder
Oh, how we love you
No flaws when you're pretending
But now I know she

Never was and never will be
You don't know how you've betrayed me
And somehow, you've got everybody fooled

Without the mask
Where will you hide?
Can't find yourself, lost in your lie

I know the truth now
I know who you are
And I don't love you anymore

Never was and never will be
You don't know how you've betrayed me
And somehow, you've got everybody fooled

It never was and never will be
You're not real then you can't save me
Somehow, now you're everybody's fool

Link: <https://letras.mus.br/evanescence/68005/>

ANEXO B. I COULD BE THE ONE – AVICII VS NICKY ROMERO

Do you think about me when you're all alone?
 The things we used to do, we used to be
 I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free...

Do you think about me when the crowd is gone?
 It used to be so easy you and me
 I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free...

I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free...
 I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free...

When you need a way to beat the pressure down
 When you need to find a way to breathe
 I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free...

If you need to see me when the crowd is gone
 It used to be so easy can't you see?
 I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free...

I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free
 I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free
 I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free
 I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free

I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free
 I could be the one to make you feel that way
 I could be the one to set you free

Link: <https://letras.mus.br/nicky-romero/i-could-be-the-one/>

ANEXO C. SETEVIDAS – PITY

Só nos últimos cinco meses
Eu já morri umas quatro vezes
Ainda me restam três vidas pra gastar

Só nos últimos cinco meses
Eu já morri umas quatro vezes
Ainda me restam três vidas pra gastar

Era um mar vermelho
Me arrastando do quarto pro banheiro
Pupila congelada
Já não sabia mais de nada

É besta assim, esse quase morrer
Desconcertante perceber
Que as coisas são
E tudo floresce a despeito de nós

Pálido, doente
Rendido e decadente
Viver parece mesmo
Coisa de insistente

A postura combativa
Ainda tô aqui viva
Um pouco mais triste
Mas muito mais forte

Agora que eu voltei
Quero ver me aguentar

Só nos últimos cinco meses
Eu já morri umas quatro vezes
Ainda me restam três vidas pra gastar

Só nos últimos cinco meses
Eu já morri umas quatro vezes

Ainda me restam três vidas pra gastar

A caixa de sombra se abriu
Foi um maremoto atrás do outro
Ferro na jugular
Tirando tudo do lugar

Se coisa ruim faz a gente crescer
E todo esse clichê
Já nem caibo mais na casa
Não caibo mais aqui

Pálido, doente
Rendido e decadente
Viver parece mesmo
Coisa de insistente

A postura combativa
Ainda tô aqui viva
Um pouco mais triste
Mas muito mais forte

Agora que eu voltei
Quero ver me aguentar

Só nos últimos cinco meses
Eu já morri umas quatro vezes
Ainda me restam três vidas pra gastar

Só nos últimos cinco meses
Eu já morri umas quatro vezes
Ainda me restam três vidas pra gastar

Pra gastar
Pra gastar
Só três vidas pra gastar
Pra gastar

Link: <http://www.vagalume.com.br/pitty/setevidas.html#ixzz3v0EHPpxd>

ANEXO D. GIANT IN MY HEART – KIESZA

I'm trying to pretend it isn't true
 But even when I want
 It's like I can't get over you
 Over you
 Over you, over you
 And everytime I try and tell you why
 I turn my face and tears run down my eyes
 It's over now, over now
 Baby it's over now, over now

So give me all the magic
 Just give me all the magic that we made
 It's like a giant in my heart, babe
 This love is greater then my heartbreak
 So give me back the moments
 Just give me back the moments that we
 made
 It's like a giant in my heart, babe
 This love is greater then my heartbreak
 Wow, doo, doo, doo, doo, dow

What's the point of going through
 All the pain I'm in with you
 What am I supposed to do
 In my heart there's only you
 Baby, I can't lose you

I'm lying to myself that I'm ok
 But when I see your photograph
 I'm still not over you, over you
 Over you, over you
 And everytime I will your love away
 It comes back in a rush reminding me
 It's over now, over now
 Over now, over now

So give me all the magic
 Just give me all the magic that we made
 It's like a giant in my heart, babe
 This love is greater then my heartbreak
 So give me back the moments
 Just give me back the moments that we
 made
 It's like a giant in my heart, babe
 This love is greater then my heartbreak
 Wow, doo, doo, doo, doo, dow

What's the point of going through
 All the pain I'm in with you
 What am I supposed to do
 In my heart there's only you
 Baby I can't lose you

I tried my best
 And I'll confess I'll love with less
 I gave the most and took the loss from
 what I chose
 I fought for you you lead me to a painful
 truth
 And now I wait without a heart to save

My love, my love, my love, my love
 My love, my love, my love, my love
 There's no escaping you
 Wow, doo, doo, doo, doo, dow

What's the point of going through
 All the pain I'm in with you
 What am I supposed to do
 In my heart there's only you
 Baby, I can't lose you

Link: <http://www.vagalume.com.br/kiesza/giant-in-my-heart.html>